

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Graduação em Geografia

**ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE IMAGENS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA**

Thaynara Cortinhas

Orientador: Prof. Dr. João Pedro Pezzato

Rio Claro (SP)

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

THAYNARA CORTINHAS

ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE IMAGENS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Rio Claro - SP

2022

C829e	<p>Cortinhas, Thaynara</p> <p>Estado da arte das pesquisas sobre imagens no ensino de Geografia / Thaynara Cortinhas. -- Rio Claro, 2022</p> <p>94 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro</p> <p>Orientador: João Pedro Pezzato</p> <p>1. Geografia. 2. Imagens. 3. Ensino. 4. Estado da Arte. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

THAYNARA CORTINHAS

ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE IMAGENS NO ENSINO
DE GEOGRAFIA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

João Pedro Pezzato (orientador)

Auro Aparecido Mendes

Andréia Medinilha Pancher

Rio Claro, 25 de fevereiro de 2022.

Thaynara Cortinhas

João Pedro Pezzato

Assinatura da aluna.

assinatura do orientador.

Dedico esse trabalho a minha mãe Silmara, ao meu avô José (*in memoriam*), ao meu companheiro Lucas e a minha amiga Josefina.

Agradecimentos:

A Deus por ter me abençoado e iluminado meus caminhos até aqui.

A minha mãe Silmara, mulher mais forte que conheço, inspiração que me acompanha e incentiva em meus estudos desde sempre.

Aos meus avós, Lourdes e José, que apenas não estão mais fisicamente aqui, mas que foram essenciais para que eu chegasse até onde estou. Em especial ao meu avô, que nem em suas últimas palavras deixou de torcer por mim. Ele foi como um pai para mim.

Ao meu tio/padrasto/pai Adnilson, que sempre esteve disponível para me ajudar no que precisasse.

A toda minha família, meus irmãos, meus sogros que muito me auxiliaram, minha cunhada Ana pelo incentivo sempre e aqueles que mesmo distantes, guardo um amor muito grande.

Ao meu companheiro Lucas, sempre tão compreensivo, que me apoia, ajuda e está comigo em todos os momentos, até nos mais difíceis.

Ao meu orientador professor João, que foi tão importante e compreensivo para mim durante a graduação e como orientador me incentivou, auxiliou aprender mais e esteve sempre disponível para auxiliar em minhas dúvidas.

Aos meus amigos, poucos, mas todos especiais, e nesse caminhar da graduação, minha sempre companheira Isabela.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida escolar, desde o maternal até a graduação.

A escola na qual trabalho, aos seus alunos que tanto amo pelo carinho e que me fizeram ver sentido em tudo que aprendo. Escola na qual conheci uma grande amiga e inspiração, a professora Josefina, que me alegra, incentiva e cuida de mim todos os dias.

Somos consumidores de imagens; daí a necessidade
De compreendermos a maneira como a imagem comunica
E transmite as suas mensagens; de fato, não podemos
Ficar indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam
A comunicação contemporânea
(JOLY, M., 1994, p.1)

Resumo

Nos últimos anos observa -se o crescimento de programas e pesquisas na área da Educação com diferentes temas. No caso do ensino de Geografia, apesar de predominar o ensino tradicional, são muitos os professores que buscam e utilizam inovações, com base nas produções acadêmicas. As imagens possuem papel fundamental na constituição do nosso cognitivo e atualmente seu alcance é deliberado com avanço tecnológico e acesso às redes de comunicação por grande parte da população. Dessa forma, a presente pesquisa teve como finalidade verificar como está a produção científica com relação ao uso de imagens no ensino de Geografia, tendo como recorte o período de 2010 a 2020. A pesquisa se configura como Estado da Arte e os procedimentos metodológicos deste trabalho são realizados segundo o método de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977; 2016). Foram realizadas coletas do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e nos repositórios das instituições de pesquisas, totalizando em 84 trabalhos analisados com o suporte do programa Atlas.ti. Assim, as pesquisas encontradas se preocupam com relação ao ensino de Geografia através das imagens, indo de encontro ao que propõem os currículos oficiais. Essas pesquisas focam especialmente em analisar as imagens que estão sendo retratadas pelos livros didáticos, com o desenvolvimento de práticas pedagógicas utilizando as imagens e nas Geotecnologias e TICs no ensino.

Palavras - chave: Geografia, Ensino, Imagens, Estado da Arte.

Abstract

In recent years, there has been a growth in programs and research in the area in education with different themes. In the case of geography teaching, although traditional teaching predominates, there are many teachers who seek and use innovations, based on academic productions. Images play a fundamental role in the constitution of our cognitive skills and currently their reach is deliberate with technological advances and access to communication networks by a large part of the population. Thus, this research has to verify how the scientific production is in relation to the use of images in the teaching of Geography, having as a cut the period of 2010 to 2020. The research is configured as State of Art and the methodological procedures of this work are performed according to the method of Content Analysis (CA) of Bardin (1977; 2016). Collections were carried out from the CAPES Theses and Dissertations Catalog and from the repositories of the research institutions, totaling 84 works analyzed through the support of the Atlas.ti program. Thus, the research found is concerned with the teaching of geography through images, going according to what the official curriculum proposes. These researches focus especially on analyzing the images that are being portrayed by didactic books, with the development of pedagogical practices using images and with geotechnologies and ICTs in teaching.

Key – words: Geography, Teaching, Images, State of Art.

Lista de ilustrações

Figura 1: A codificação e a categorização dos dados.....	26
Figura 2: Tipo de pesquisa.....	28
Figura 3: Tipo de pesquisa.....	28
Figura 4: Quantidade de pesquisas, por ano de publicação.....	29
Figura 5: Quantidade de pesquisas (2010 – 2020) por região, conforme o vínculo institucional do autor.....	30
Figura 6: Quantidade de pesquisas (2010 – 2020) por Unidade Federativa, conforme o vínculo institucional do autor.....	31
Figura 7: Nuvem de Palavras gerada a partir das palavras – chave.....	34
Figura 8: Frequência dos códigos nas pesquisas.....	36
Figura 9: Categoria 1: Políticas Educacionais.....	39
Figura 10: Categoria 2: Modalidades de Ensino.....	40
Figura 11: Categoria 3: Modalidades de Ensino.....	42
Figura 12: Categoria 4: Ensino de Geografia.....	43
Figura 13: Formação de Professores.....	44
Figura 14: Codificação das pesquisas no Atlas.ti, de acordo com o enfoque das imagens e a magnitude.....	46

Lista de tabelas

Tabela 1: Crescimento dos cursos de pós-graduação.....	32
--	----

Lista de quadros

Quadro 1: Edições do Evento Colóquio Internacional “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”.....	33
Quadro 2: Frequência dos códigos nas pesquisas.....	35

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O ENSINO DE GEOGRAFIA	14
3. GEOGRAFIA, ENSINO E IMAGENS	16
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
5.1: Método:	21
5.2: Coleta do material	22
5.3: Organização do material	23
5.4: Análise do material	23
RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
6.1: Dos dados gerais das pesquisas.....	27
6.2: Dos dados codificados e categorizados	33
6.3: Como as imagens aparecem nas pesquisas	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
Anexos	54

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como finalidade verificar como está a produção científica com relação ao uso de imagens no ensino de Geografia, tendo como recorte o período de 2010 a 2020. O interesse em estudar a temática surgiu a partir da minha participação no projeto de extensão intitulado “Atlas Municipal de la Serena, Região de Coquimbo, Chile: o município pelo olhar de escolares”.

O principal objetivo do referido projeto era promover a elaboração de um Atlas Histórico e Geográfico do município e, para isso, havia outros objetivos relacionados, tais como a articulação com um curso de formação de professores, a elaboração de sequências didáticas para trabalhar com estudantes, observação e análise de produção escrita e de imagens de alunos. A partir dessa experiência, iniciou-se a construção da pesquisa.

De acordo com Romanowski e Ens (2006), nos últimos anos tem crescido acentuadamente os programas, cursos, seminários e encontros na área da Educação e, conseqüentemente, as pesquisas sobre a área, envolvendo diferentes temas e aspectos. Porém, nota-se que “o interesse pelos temas educacionais não tem sido suficiente para que mudanças significativas ocorram nos espaços de formação, sejam escolares ou não escolares” (p. 38). Nesse sentido, as autoras colocam que faltam estudos que façam um balanço e reúnam o conhecimento produzido, examinando o que já existe e os assuntos que necessitam de mais. Dessa forma, as pesquisas do tipo “estado da arte” podem contribuir para tais mudanças.

Assim, nesta pesquisa pretendeu-se, a partir do levantamento de teses e dissertações, em diferentes bancos de dados, categorizar as produções, organizando e definindo quais são as suas abordagens, discutir os distintos objetivos verificados nas produções científicas, evidenciando quais as contribuições desses estudos para a Geografia e as possíveis lacunas, através da Análise de Conteúdo.

Nos três capítulos que se seguem, neste trabalho buscou-se realizar uma discussão a respeito do ensino da Geografia, o uso de imagens e como essa linguagem aparece no currículo oficial. Posteriormente, foi disposto a respeito das pesquisas sobre Estado da Arte, seguido dos procedimentos metodológicos e os resultados e discussões. Por fim, são expostas as conclusões da pesquisa.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia, já era ensinada para os anos iniciais desde o século XVI no Brasil por meio dos jesuítas, que tinham como intuito a criança indígena. (GONÇALVES e PINTO, 2015). Tratava-se de um saber fragmentado, a partir do que se conhecia a respeito do território brasileiro, sob o comando da Coroa Portuguesa e do Império. A Corografia Brasilica (1817), de Aires de Casal, foi a primeira obra a sistematizar os conhecimentos a respeito do território brasileiro, contendo descrições da história, acidentes geográficos, minerais, vegetais, animais, cidades, vilas e povoados mais importantes, porém, desprovido de criticidade. (PRADO JUNIOR, 1957). Tal obra foi por muito tempo modelo para os livros didáticos no Brasil (PAGANELLI, 1992).

A Geografia é institucionalizada como disciplina em 1837 no colégio Pedro II, com o desígnio de construir a ideia de nacionalidade e nacionalismo nos estudantes exaltando as riquezas naturais e humanas do recém independente país. Ensinada por professores de outras profissões “era uma Geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica e muito distante da realidade do aluno” (CASSAB, 2009, p. 6).

De acordo com a autora (Ibidem), na década de 1930 a Geografia e o ensino ganham nova dimensão com a fundação de cursos superiores de Geografia, da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), do Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) , bem como como a normatização a nível nacional da disciplina. Além disso, professores vindos especialmente da França, trazendo a Geografia moderna e positivista, levou à formação de licenciados sob essa influência. Desta forma, o ensino se caracterizava pela descrição e memorização dos elementos que estavam dispostos na paisagem. Como o enaltecimento do país ainda era a principal intenção da disciplina, realizava-se a enumeração e descrição das riquezas naturais existentes no território.

Cassab (2009) coloca que mesmo com a revolução teórica-quantitativa, pouco se altera no método tradicional de memorização - agora de dados quantitativos. Foi a partir do fim da década de 1970 que surgem as correntes crítica e humanística da Geografia. A primeira, era muito debatida nas universidades, mas com descompasso com relação às escolas, que não acompanhavam tais discussões, de forma que, apesar de os conteúdos serem distintos, a formação dos professores era

antiga e o método de ensino tradicional, baseado na reprodução e memorização. Com a segunda, o ensino de Geografia nas escolas passa a ser próximo à realidade dos alunos.

Conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), os anos 1980 e 1990 destacam-se pela produção de livros didáticos de melhor qualidade, maior quantidade de pesquisas de mestrado e doutorado a respeito do ensino e a formação docente em Geografia, publicação de artigos e renovações curriculares. Foi a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que o componente curricular para Geografia foi inserido aos anos iniciais, com a dissolução dos Estudos Sociais e com o objetivo de realizar a alfabetização geográfica (GONÇALVES e PINTO, 2015), no sentido de desenvolver o raciocínio geográfico nos estudantes, através das espacialidades dos alunos e não mais utilizando métodos de memorização.

A concepção de um processo de ensino-aprendizagem em Geografia a partir do raciocínio geográfico está calcado em um projeto de educação que concebe a necessidade de formação de leitores de mundo, sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade, em suas múltiplas escalas. Por isso, é fundamental tomar a realidade atual como ponto de partida e de chegada do ensino de Geografia, uma vez que é apenas na realidade que os sujeitos podem agir. (...)

Se nos atentarmos as diferentes estratégias recentes, tanto dos Estados, quando das corporações e dos organismos multilaterais para reproduzirem seus interesses hegemônicos, perceberemos a existência de uma importante dimensão geográfica das mesmas. Nenhum grupo empresarial toma decisões quanto à instalação de uma nova planta industrial sem levar em consideração a situação do lugar a ser escolhido. (GIROTTI, 2015, p. 244)

No ano de 2017 foi homologada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo a atual referência para elaboração dos currículos do Ensino Básico. Conforme a BNCC (BRASIL, 2017) “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta” (p. 359). Desse modo, para poder pensar o mundo em que vivem, o documento destaca que os estudantes necessitam aprender a pensar espacialmente, através do raciocínio geográfico.

Straforini (2004) aponta que a escola não tem trabalhado com um corpo teórico conceitual que possibilite tal compreensão, pois nos encontramos em mundo globalizado em que os espaços não se explicam por si só. Porém, conforme colocado pelo autor, a prática pedagógica se estrutura de forma a apresentar o espaço fragmentado e hierarquizado, “Segue-se assim o corpo da criança, a casa, a rua, o

bairro, a cidade, o estado, o país, o continente e o mundo, sucessivamente” (p. 6). Tratam-se dos Círculos Concêntricos, prática tradicional do positivismo na educação que necessita ser superada para que o raciocínio geográfico se desenvolva, bem como o excesso de outras práticas como a memorização e classificação, conforme lembra Kaercher (2000).

Por outro lado, Goulart (2012) coloca que a maior parte dos professores ensina a Geografia centrada na quantidade de informações desconectadas e descontextualizadas da realidade do aluno. Callai (2005, p. 231) afirma que

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.

Apesar do predomínio das práticas tradicionais, Cavalcanti (2010) indica que muitos professores têm buscado inovações nos métodos, procedimentos, linguagens e avaliações, indicações pedagógico-didáticas, nutridos pelas produções na academia. A autora realiza uma categorização das principais abordagens, resultantes de sua investigação, após questionar

Que bases teórico-metodológicas da Geografia Escolar brasileira têm predominado na primeira década do século XXI? O que fundamenta a construção do discurso geográfico na sala de aula? As contribuições mais recentes da investigação no campo da Geografia têm acarretado também alterações nos conteúdos e nos métodos do ensino de Geografia? Como ocorrem essas alterações? (p. 4).

Desse modo, a autora chega a nove categorias: as abordagens que priorizam o lugar como referência no ensino, as que preferem a multiescalaridade, aquelas que defendem o aprendizado de conceitos para aprendizagem do pensamento espacial, as que dão destaque à Cartografia, as que propõem a utilização de linguagens “alternativas” no ensino, as que defendem um tratamento crítico das temáticas físico-naturais, aquelas que focam na problemática ambiental, as abordagens que propõem utilizar temas socialmente relevantes e as que colocam a importância da Geografia na formação cidadã.

3. GEOGRAFIA, ENSINO E IMAGENS

De acordo com Oliveira Jr (2009), nos últimos anos, passaram a ser objeto de estudo de geógrafos “tanto imagens tradicionalmente utilizadas pelos geógrafos – mapas, fotografias aéreas, imagens de satélite – quanto outras, menos comuns nos trabalhos geográficos – desenhos, fotografias, pinturas, cinema, televisão” (p. 18–19). Isso porque as imagens têm importante papel não só “como partícipes da criatividade e da eficiência das ações didáticas, mas também, sobretudo, tendo em si mesmas uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e de pensamento” (p. 18).

Conforme Gomes e Berdoulay (2017), as imagens são “artefatos visuais que funcionam como instrumentos tanto de percepção como de compreensão do mundo” (p. 359), ou seja, possuem uma materialidade. Além disso, os autores apontam que as imagens têm raízes profundas no pensamento geográfico.

É possível dizer que, na história do pensamento geográfico, diferentes formas de trabalhar com as imagens moldaram a constituição da própria Geografia. Evidentemente, essas formas não são mutuamente excludentes, mas a predominância de uma ou de outra forma em determinados momentos da evolução da disciplina demonstra com clareza algumas orientações epistemológicas específicas e escolhas teóricas comprometidas com determinados marcos filosóficos. (p. 364).

Dessa forma, os autores colocam que ao longo da história do pensamento geográfico, diferentes autores se aproximaram ou se afastaram do trabalho com imagens, isso porque, de acordo com a filosofia da época, havia duas concepções a respeito delas. A primeira delas acreditava que as imagens poderiam ser fontes para a produção de conhecimento, pois refletem a realidade. Para Ptolomeu, nós conhecíamos melhor o céu do que a Terra, pois era possível vê-lo, e para conhecer a Terra era necessária sua imagem. Humboldt, Ritter, Reclus e Vidal de la Blache também valorizavam o visível.

Na outra concepção, os geógrafos não confiavam nas imagens como fonte de informação, pois são baseadas nos sentidos como obtenção de conhecimentos e podem ser identificadas nelas “intenções de distorcer os fatos, de causar equivocadas leituras dos fenômenos, enfim, de agirem deliberadamente para ocultar algo que deveriam revelar.” (GOMES E BERDOULAY, 2017, p. 360).

Atualmente, essas concepções também estão evidentes, sendo que há, ainda, uma divisão nas considerações sobre as imagens dentro da Geografia. A primeira delas envolve a procura de elementos geográficos na imagem, entendida, portanto, como um elemento ilustrativo e independente dos conteúdos geográficos. A segunda

considerada as imagens como essenciais para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, já que o pensamento geográfico delas se originou (GOMES E BERDOULAY, 2017).

Atualmente, potencializado pelo avanço tecnológico, no qual a maioria das pessoas possuem acesso às redes sociais, às plataformas de vídeos, filmes, séries e documentários,

se vivencia a cultura da imagem. Elas participam do cotidiano de maneira intensiva e significativa. Elas envolvem os sujeitos em uma espécie de redoma de onde não se permite sair, ou seja, a cultura da imagem se tornou intrínseca a nossa vida diária (ALMEIDA, 2013, p. 14).

Dessa forma, conforme Oliveira Jr (2009, p. 20)

Ao grafar o espaço sob diferentes perspectivas, essas imagens desejam que miremos o espaço sob a perspectiva que elas nos dão dele. Buscam gerar e perpetuar uma maneira de imaginar o espaço. Nessa busca, elas também estão produzindo formas não só de imaginar o real, mas também de percebê-lo e concebê-lo. Elas nos educam o olho para ver sob determinada maneira e nessa esteira vão produzindo nossas memórias e as formas da nossa imaginação do real.

Diante do exposto, as imagens estão presentes também na escola, os alunos trazem essa bagagem e elas estão nos próprios materiais, como por exemplo, nos livros didáticos, que muitas vezes trazem imagens as quais os estudantes irão visualizar pela primeira vez a respeito de um tema. Lima (2014, p. 13) expõe que “dentre as preocupações da escola contemporânea, deve estar incluída a alfabetização dos alunos visualmente, por ser uma das linguagens que fortemente está construindo o sujeito contemporâneo”.

Tonini (2013, p. 190) afirma que “se levarmos para sala de aula uma proposta de problematizarmos as imagens dos livros didáticos, das propagandas, dos noticiários de jornais, das telenovelas com as lentes da política de representação, essa será, no mínimo, muito instigante”. Assim, a escola tem essa missão de desenvolver alunos críticos diante desse bombardeamento midiático de imagens também, sobretudo na disciplina de Geografia, já que aí a imagem

realmente encontra grande apoio, pois, como entender as transformações no espaço sem a análise dos registros iconográficos? Como estudar os climas, sem a compreensão da dinâmica das massas de ar e de sistemas atmosféricos secundários, ou ainda, sem um estudo aprofundado sobre a gênese e processos atuantes na modelagem do relevo? Como falar do crescimento urbano sem analisar gráficos e tabelas? Como localizar-se no

espaço sem o apoio de mapas ou outros instrumentos de localização? (GIRÃO; LIMA, 2013, p. 95).

As imagens, no contexto do ensino, podem ser positivas para o ensino de alunos surdos, por exemplo, que possuem natureza visuo-gestual. Segundo Pena (2012), o desenvolvimento dos estudantes com deficiência auditiva é estruturado por meio de informações visuais; no caso da Geografia podem ser utilizados fotos, gravuras, desenhos, maquetes, mapas e o trabalho de campo.

Já no caso de estudantes com deficiência visual, as imagens, como usualmente são utilizadas na Geografia, são um impedimento para o seu aprendizado. Dessa forma, de acordo com Régis (2020, p. 29) “faz-se necessário reinventar possibilidades que permitam novos modos de ver, ouvir, sentir, pensar e conviver” - é preciso a adaptação das metodologias, conforme a autora, pode ser citada a descrição de situações e imagens.

4. O USO DAS IMAGENS NO CURRÍCULO OFICIAL DE ENSINO

Os PCNs orientam com relação ao conteúdo e as práticas docentes para trabalhá-los com os discentes. Os documentos de Geografia podem ser encontrados por nível de ensino – ensino fundamental (anos iniciais e anos finais) e ensino médio. Com relação ao componente curricular de Geografia, as imagens estão frequentemente presentes em todo o ensino básico ao longo das orientações dos PCNs, que defendem as imagens como importantes para o desenvolvimento do raciocínio geográfico nos documentos, estando frequentemente associadas à compreensão dos conceitos da Geografia. O PCN dos anos iniciais do Ensino Fundamental coloca:

A Geografia estaria, então, identificada como a ciência que busca decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas nas paisagens e em suas representações, numa reflexão direta e imediata sobre o espaço geográfico e o lugar. Nessa abrangência, a Geografia contribui para que se compreenda como se estabelecem as relações locais com as universais, como o contexto mais próximo contém e está contido em um contexto mais amplo e quais as possibilidades e implicações que essas dimensões possuem. (BRASIL, 1997, p.76).

Sugere-se o uso de fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos para a compreensão da paisagem, suas transformações e do espaço geográfico, além das

condições da produção dessas imagens, buscando interpretar o mundo contemporâneo.

Nos PCNs do Ensino Fundamental – anos finais, a utilização das imagens é mais ampla, pois o trabalho com as imagens na Geografia tem o poder de desvendar os discursos hegemônicos.

O espaço, a paisagem, o território e o lugar estão associados à força da imagem, tão explorada pela mídia. Pela imagem, muitas vezes a mídia utiliza-se da paisagem para inculcar um modelo de mundo. Sendo a Geografia uma ciência que procura explicar e compreender o mundo por meio de uma leitura crítica a partir da paisagem, ela poderá oferecer grande contribuição para decodificar as imagens manipuladoras que a mídia constrói na consciência das pessoas, seja em relação aos valores socioculturais ou a padrões de comportamentos políticos nacionais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Nos primeiros anos desta seriação, o uso das imagens é mais simplificado e depois vai se complexificando. Sugere-se inicialmente o trabalho com fotos, filmes, gravuras e vídeos, para a leitura da paisagem e espaço geográfico, através de atividades como a observação, descrição e a representação, mesmo com pouca autonomia. O desenho é um recurso interessante, nesse momento, “pois o aluno já percebe aquilo que desenha como imagens que permitem inferências sobre o real” (Ibidem, p. 52), importantes para a aprendizagem de cartografia.

Nos últimos anos, aconselha – se a continuar tais atividades, porém com maior profundidade. No caso do desenho, “não é apenas a expressão concreta do que se apreende pela visão, mas a expressão do que se sente e pensa em relação ao que se enxerga” (Ibidem, p. 97). Deve-se trabalhar com a cultura jovem que marca esse momento, utilizando a tecnologia – os computadores, utilização das fotografias aéreas, imagens de satélites – e o grafite, por exemplos.

No caso dos PCN do Ensino Médio, as orientações com relação ao trabalho com imagem são mais escassas, mas existe a menção dos gráficos, tabelas e, especialmente, dos mapas junto ao aprendizado dos conceitos.

Já na BNCC, as imagens não estão tão presentes quanto nos PCNs, nos quais existem amplas menções a sua utilização. Na Base Comum, as imagens como protagonistas aparecem poucas vezes, geralmente associadas ao ensino de Cartografia, dentro da unidade temática “Formas de representação e pensamento espacial”, o que inclui a utilização de fotografias, mapas, esquemas, desenhos, imagens de satélites, audiovisuais, gráficos, entre outras linguagens.

Também é mencionada sua utilização para a análise de mudanças na paisagem, por exemplo, a paisagem de uma cidade ao longo do tempo.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se configura como estado da arte, já que se propõe a analisar a produção científica com relação ao uso de imagens no ensino de Geografia em um período específico. Ferreira (2002, p. 258) considera que as pesquisas de “estado da arte” podem ser

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar (...).

A realização de pesquisas desse tipo advém da expansão do número de pesquisas de determinada área, havendo a necessidade, após algum tempo, de conhecer o que já foi produzido, quais os enfoques e lacunas nesses materiais; “a realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área” (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 39).

5.1: Método:

Os procedimentos metodológicos deste trabalho foram realizados segundo o método de Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977; 2016), que contou com recursos do software ATLAS.ti para auxiliar na análise qualitativa dos corpos de dados textuais.

Inicialmente realizou-se a coleta das pesquisas no banco de dados, utilizando para isso o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para pesquisas de 2013 a 2020 e os repositórios institucionais para aquelas defendidas entre 2010 e 2012. Posteriormente, o material foi organizado, separando-se os dados bibliográficos e os resumos em um arquivo do Microsoft Excel, sendo este transformado em PDF. A seguir, o arquivo foi exportado ao software de análise - ATLAS.ti, o qual permitiu a leitura, a codificação e

categorização das pesquisas, para que depois pudessem ser feitas as interferências e considerações sobre as pesquisas sobre o uso de imagens no ensino de Geografia de 2010 a 2020. Também foi feita uma Nuvem de Palavras de acordo com a frequência de palavras nas palavras-chave das pesquisas.

Dessa forma, os procedimentos metodológicos foram divididos em coleta, organização e tratamento do material.

5.2: Coleta do material

Para atingir os objetivos desta pesquisa, primeiramente definiu-se o banco de dados para a busca das dissertações e teses: o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o qual segundo Vieira e Maciel (2007) foi fundado em 1987, se configurando como multidisciplinar por conter diversas áreas do conhecimento e suas subdivisões, além de agregar informações de Programas de Pós-Graduação do país; o acesso é livre, via internet.

Dessa forma, a fim de buscar os trabalhos, foram utilizados os descritores “geografia”, “imagens”, “ensino” com o operador booleano “AND” para separar as palavras, indicando que o sistema de busca deveria trazer resultados de pesquisas as quais aparecessem os três termos juntos. Para refinar os resultados, ainda foi selecionado o período de tempo nos filtros, de 2010 a 2020, e o filtro de Área do Conhecimento, sendo selecionadas as áreas de Geografia e Educação.

Com isso, ficou definido o *corpus*, o qual, conforme Bardin (2016, p. 66) “é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. A formação desse *corpus* deve seguir um conjunto de regras, como: *a) Regra da exaustividade*: seleção de todos os materiais que correspondam aos critérios definidos; *b) Regra da representatividade*: o material tem que ser representativo de acordo com os critérios; *c) Regra da homogeneidade*: o material a ser analisado deve ser igual em composição e ter sido selecionado pelos mesmos procedimentos; *d) Regra da pertinência*: os documentos devem ser adequados para os objetivos da análise.

Considerando o exposto, a operação de busca no banco de dados deu origem a 116 pesquisas, mas destas:

- ✓ 65 estavam passíveis de serem coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações;
- ✓ 30 a divulgação não foi autorizada pelos autores;
- ✓ 21 eram anteriores à Plataforma Sucupira.

A Plataforma Sucupira é o sistema da CAPES responsável pelas informações da Pós – Graduação do país, que teve origem em 2014. Assim, os trabalhos defendidos antes desse período, (exceto os de 2013) no Catálogo de Teses e Dissertações aparecem apenas com informações básicas como autor, título, a instituição, grau, dessa forma foi necessário buscá-los em outros bancos de dados, no caso, os repositórios das instituições das pesquisas. Das 21 pesquisas anteriores à Plataforma Sucupira, 19 foram coletadas, pois duas delas não estavam disponíveis no repositório de sua instituição. Assim, do total de pesquisas, 84 foram analisadas na presente pesquisa.

5.3: Organização do material

As 84 teses e dissertações foram baixadas dos bancos de dados para o computador para que pudessem ser organizadas suas informações principais e, principalmente, para que fosse realizada a leitura inicial dos resumos.

Conforme Ferreira (2002), o título informa ao catálogo a existência da pesquisa e devem expressar a temática abordada; já os resumos devem conter o objetivo, metodologia, a teoria, resultados, conclusões. De acordo com a autora, nesse momento inicial, há a interação com os dados encontrados, “através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção.” (p. 265). Aqui serão respondidas as perguntas “quando”, “onde” e “quem” produziu essas pesquisas.

Essa organização inicial foi essencial para a categorização e análise das pesquisas, realizadas na etapa a seguir.

5.4: Análise do material

O material foi organizado em planilha, no *software* Microsoft Excel e então transformado no formato PDF para que pudesse ser exportado para o *software* de análise, no caso o ATLAS.ti 9. Este *software*, que é um tipo de SADQ (*Software* de análise de dados qualitativos), de acordo com Walter e Bach (2015), foi lançado no

início dos anos 1990 e pode ser utilizado para diferentes tipos de pesquisas, mas essencialmente de cunho qualitativo, pois para pesquisas de tipo quantitativa existem outros *softwares* mais adequados, como o N-Vivo, por exemplo.

Dessa forma, por meio do ATLAS.ti foi realizada primeiramente a codificação do material. Para Gibbs (2009, p. 60), a

codificação é a forma como você define sobre o que se trata os dados em análise. Envolve a identificação e o registro de uma ou mais passagens de texto ou outros itens dos dados, como partes do quadro geral que, em algum sentido, exemplificam a mesma ideia teórica e descritiva. Geralmente, várias passagens são identificadas e então relacionadas com um nome para a ideia, ou seja, o código. Sendo assim, todo o texto, entre outros elementos, que se refere à mesma coisa ou exemplifica a mesma coisa é codificado com o mesmo nome.

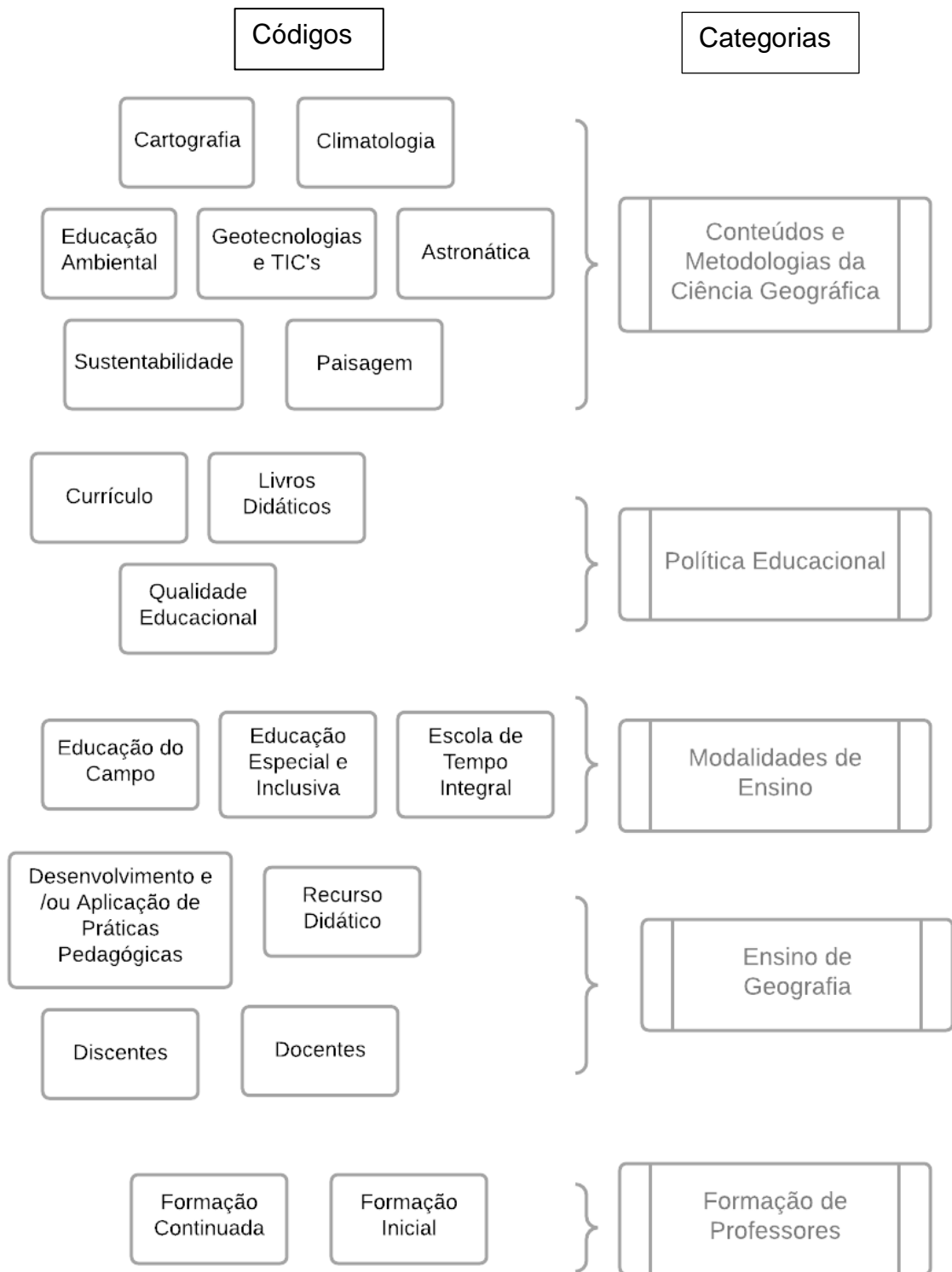
Essas passagens são o que Bardin (2016) denomina de unidade de registro (UR) – os seguimentos de texto que registram os códigos, assim, de dimensão variável. Embora a autora (Ibidem) coloque a existência de principais cinco tipos de unidades de registro mais utilizadas (palavra, tema, objeto ou referente, personagem, acontecimento e documento), nessa pesquisa foi utilizada a UR do tipo tema, ou seja, é possível identificar um tema no seguimento.

Assim, como base para identificação das URs foram lidos os resumos das teses e dissertações, e, posteriormente, essas URs foram codificadas. Os resumos podem apresentar grande variabilidade, alguns são muito sucintos, outros confusos ou incompletos, não contemplando as informações que todos os resumos devem ter, o que pode dificultar a análise e categorização. De fato foi o que ocorreu durante esta pesquisa, mesmo que se espere uma certa homogeneidade nas configurações dos resumos no banco de dados empregado, portanto, para codificar os trabalhos corretamente, utilizou-se como base os objetivos de cada tese e dissertação, o que permitiu identificar dezoito temas: Cartografia, Climatologia, Currículo, Desenvolvimento e /ou Aplicação de Práticas Pedagógicas, Docentes, Educação Ambiental, Educação do Campo, Educação Especial e Inclusiva, Escola de Tempo Integral, Discentes, Formação Continuada, Formação Inicial, Geotecnologias e TIC's Livros Didáticos, Paisagem, Qualidade Educacional, Astronáutica e Sustentabilidade.

Em seguida, esses 18 códigos foram agrupados em categorias. Bardin (2016) coloca que “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento

segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (p. 85). A categorização, (Ibidem), segue aos seguintes critérios: semântico (agrupar em temas do mesmo grupo), sintático (conforme a classe de palavra a qual os elementos pertencem), léxico (de acordo com o sentido) e expressivo (agregar segundo os problemas de linguagem). No caso, foi utilizado o critério semântico, agrupando os códigos e suas respectivas URs de acordo com o tema que tratavam, o que deu origem a cinco categorias: Conteúdos e Metodologias da Ciência Geográfica, Política Educacional, Ensino de Geografia, Modalidades de Ensino e Formação de Professores.

Figura 1: A codificação e a categorização dos dados



Fonte: Elaborado pela Autora, 2021

Com a categorização, foi possível identificar “as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações” (ROMANOWSKI e ENS, 2006, p. 44), respondendo às questões que se referem a “o quê” e “o como” dos trabalhos, verificando as distinções e o que têm em comum entre si (FERREIRA, 2002).

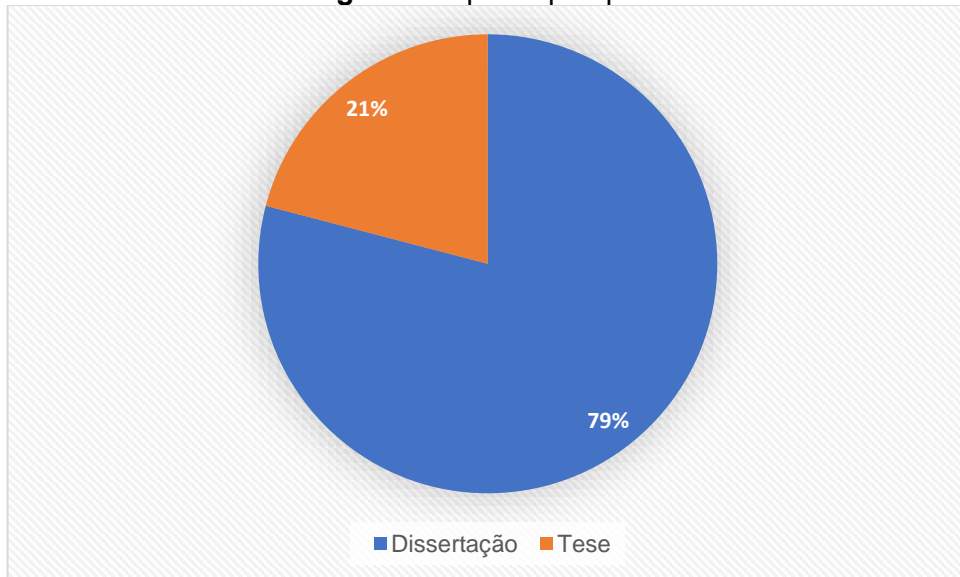
Uma das funcionalidades do software Atlas.ti é a geração de uma lista de palavras, a qual pode ser gerada a partir do (s) documento (s) em análise e do (s) código (s), por exemplo. A lista apresenta para o pesquisador a frequência que as palavras aparecem. Nesta pesquisa, foi escolhido visualizar a frequência das palavras-chave das pesquisas, com o objetivo de verificar quais as palavras que mais se repetiam. A partir dessa lista, gerou-se uma Nuvem de Palavras, também conhecida por Nuvem de tags ou Nuvem de etiquetas, que representa visualmente a frequência de palavras, ou seja, quanto mais a palavra aparece em determinado documento, mais ela se destaca na representação. Para gerar a Nuvem de Palavras, foi escolhido o site <https://wordart.com/> - o Atlas.ti também possui a funcionalidade de gerar a Nuvem, porém não oferece muitas opções de design.

Por fim, foi traçado o perfil quantitativo dos dados, a partir de gráficos, tabelas e mapas e a síntese geral, na qual foram discutidas as categorias encontradas na análise dos resumos, realizando interferências e considerações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

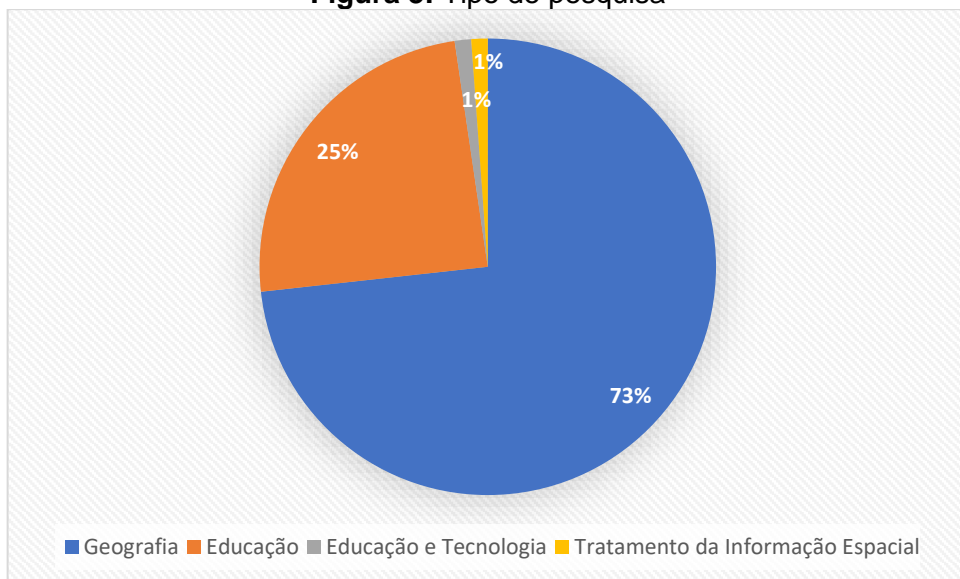
6.1: Dos dados gerais das pesquisas

Como já exposto nos procedimentos metodológicos, após a operação de busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com a aplicação dos devidos filtros, foi possível encontrar 84 pesquisas passíveis de serem analisadas, de 2010 a 2020, sendo que destas 21% eram teses e, a maioria, 79%, eram dissertações.

Figura 2: Tipo de pesquisa

Org.: a autora, 2021

Com relação às áreas de pesquisa, inseridas no filtro, a maioria das pesquisas que envolve ensino de Geografia e imagens está concentrada na pós-graduação em Geografia (73%), seguida pela Educação (25%) e apenas um trabalho (1%) na área de Educação e Tecnologia e (1%) na área de Tecnologia e Tratamento da Informação Espacial.

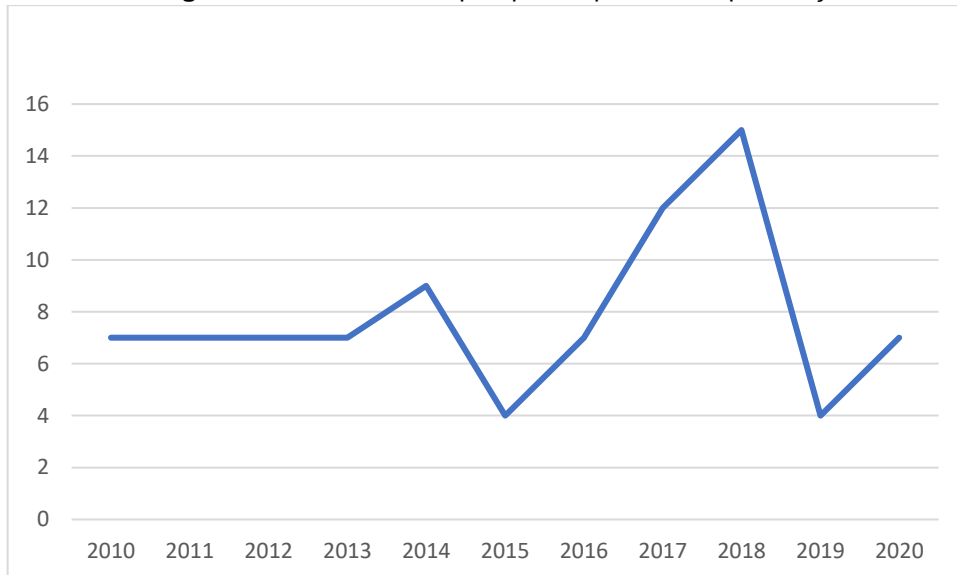
Figura 3: Tipo de pesquisa

Org.: a autora, 2021

A quantidade de pesquisas, por ano de publicação, foi de 7 publicações até o ano de 2013; o ano seguinte apresentou o segundo maior pico de produções, pois o

mais elevado ocorre em 2018, com 15 publicações; nos anos seguintes o número de publicações decresceu até 2019, quando voltou a subir.

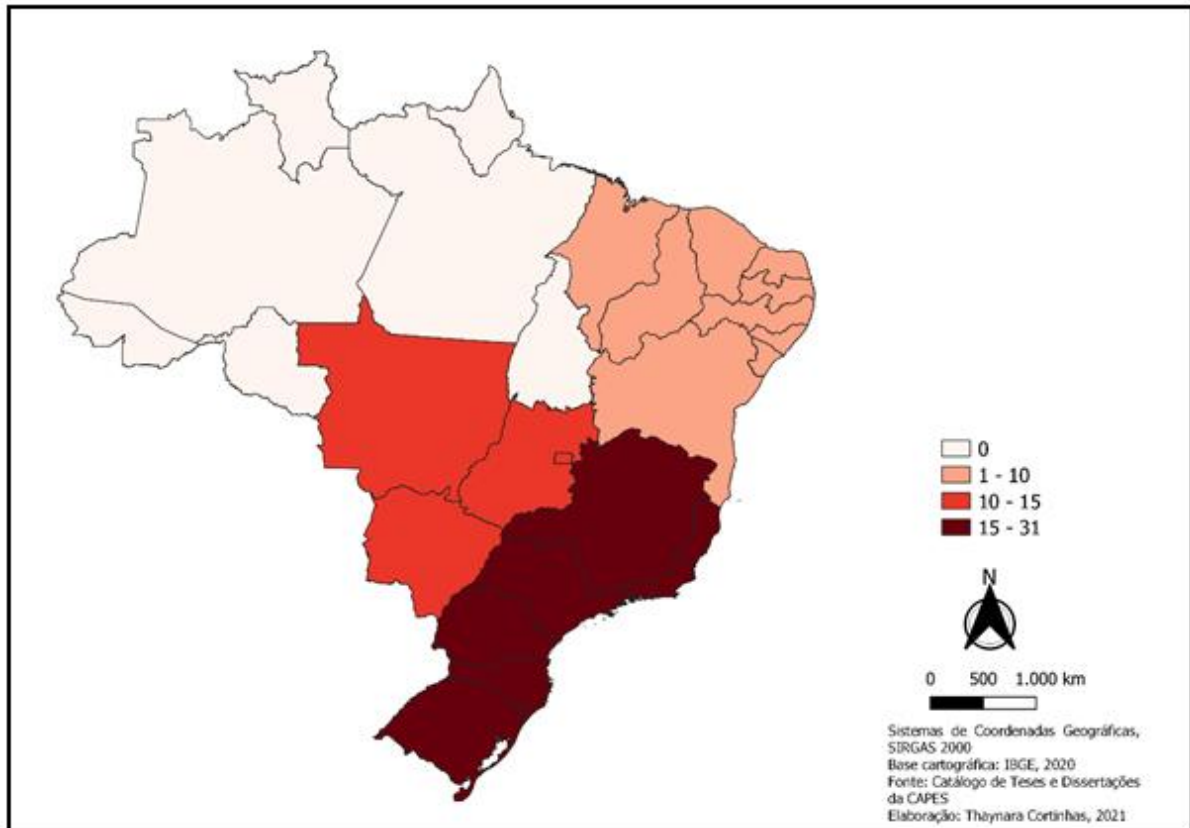
Figura 4: Quantidade de pesquisas, por ano de publicação



Org.: a autora, 2021

Também foi realizado o mapeamento, em escala nacional, a respeito da localização das dissertações e teses que envolvem ensino de Geografia e imagens. Verifica-se que a maioria dos trabalhos se concentra na região Sul e Sudeste, seguido pela região Centro-Oeste. A região Nordeste possui poucas publicações com essa temática e na região Norte não existem produções.

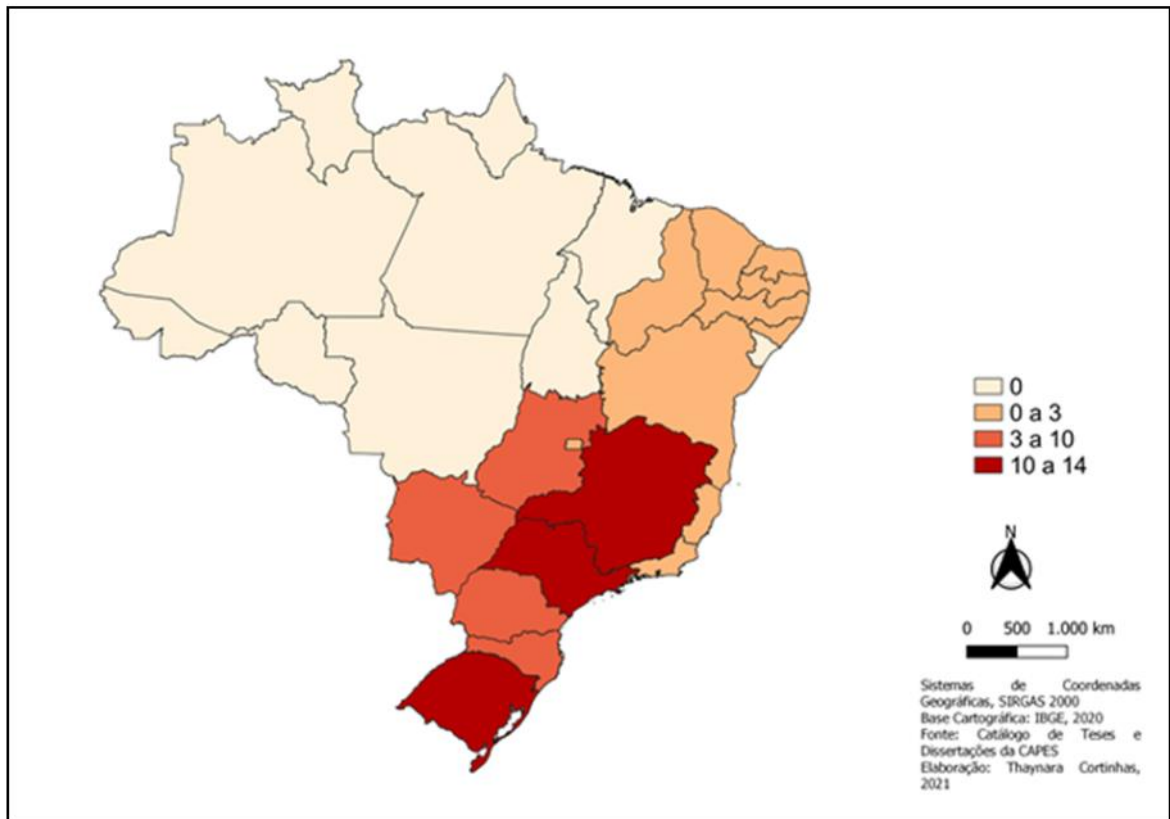
Figura 5: Quantidade de pesquisas (2010 – 2020) por região, conforme o vínculo institucional do autor



Elaboração: a autora, 2021

Observando a quantidade de pesquisas por Unidade Federativa no mapa a seguir, é possível verificar com mais detalhe quais delas contribuem para esse resultado regional. Os estados Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais foram os que mais produziram pesquisas com o tema ensino de Geografia e imagens, seguidos por Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Goiás. Houve poucas pesquisas no Distrito Federal, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Não houve pesquisas nas demais Unidades Federativas.

Figura 6: Quantidade de pesquisas (2010 – 2020) por Unidade Federativa, conforme o vínculo institucional do autor



Elaboração: a autora, 2021

Sobre os resultados gerais levantados através do banco de dados, é necessário levar em consideração alguns fatores que podem ter influenciado o comportamento desses dados.

Primeiramente, a maioria dos cursos e, conseqüentemente, os pós – graduandos *stricto sensu*, são historicamente de mestrado, conforme aponta a tabela 1.

Tabela 1: Crescimento dos cursos de pós-graduação

Ano	Doutorado	Mestrado Profissional	Mestrado	Total Geral
1976	181	0	518	699
1980	260	0	680	940
1985	332	0	784	1116
1990	469	0	993	1462
1995	682	0	1289	1971
2000	903	98	1620	2621
2005	1099	202	1923	3224
2010	1630	356	2771	4757
2016	2030	703	3398	6131

Fonte: Capes. Geocapes, 2016. *In:* Nobre; Freitas, 2017

Já com relação à distribuição regional, conforme Morosini (2009), as regiões Sudeste e Sul concentravam juntas, em 2008, 71% dos cursos de mestrado e 79% dos cursos de doutorado, proporção que se mantêm atualmente. Em algumas universidades, além de programas de pós – graduação serem voltados à pesquisa de ensino de Geografia, existem grupos de pesquisa e laboratórios nos quais a temática ensino de Geografia e imagens está englobada, como o grupo “Ensino de Geografia, formação docente e diferentes linguagens” com envolvidos da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) e o OLHO – laboratório de estudos audiovisuais da UNICAMP.

Ademais, a partir de 2009, começa a haver o evento Colóquio Internacional “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”, com as seguintes edições:

Quadro 1: Edições do Evento Colóquio Internacional “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”

Edição	Ano	Local
I	2009	Unicamp (Universidade Estadual de Campinas)
II	2011	USP (Universidade de São Paulo)
III	2013	UFES (Universidade Federal do Espírito Santo)
IV	2015	UFU (Universidade Federal de Uberlândia)
V	2017	UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina)
VI	2021	Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) – formato <i>online</i> .

Fonte: site da 5ª edição do evento (2017), org.: a autora, 2021

Segundo o site da 5ª edição do evento (2017), que contém as informações sobre as edições anteriores, o Primeiro Colóquio marca a institucionalização da rede de pesquisas sobre “Imagens, Geografias e Educação”. Dessa forma, a partir desta primeira edição, foram lançados dossiês, projetos de pesquisa, números especiais de revistas, livros e anais.

6.2: Dos dados codificados e categorizados

As palavras-chave retratam os tópicos principais das pesquisas, de forma que o leitor consegue realizar essa identificação e decidir se fará ou não a leitura da pesquisa.

Garcia, Gattaz e Gattaz (2019, p. 6) afirmam que

a seleção de palavras-chave visa facilitar a recuperação eficiente do conteúdo de um texto para os leitores. Além disso, por serem ferramentas fundamentais para a indexação nas bases de dados, elas atuam como porta de acesso ao texto.

No caso deste trabalho, notamos através da Nuvem de Palavras que os descritores utilizados no banco de dados “geografia”, “ensino” e “imagem” se destacam, bem como palavras relacionadas.

Figura 7: Nuvem de Palavras gerada a partir das palavras – chave



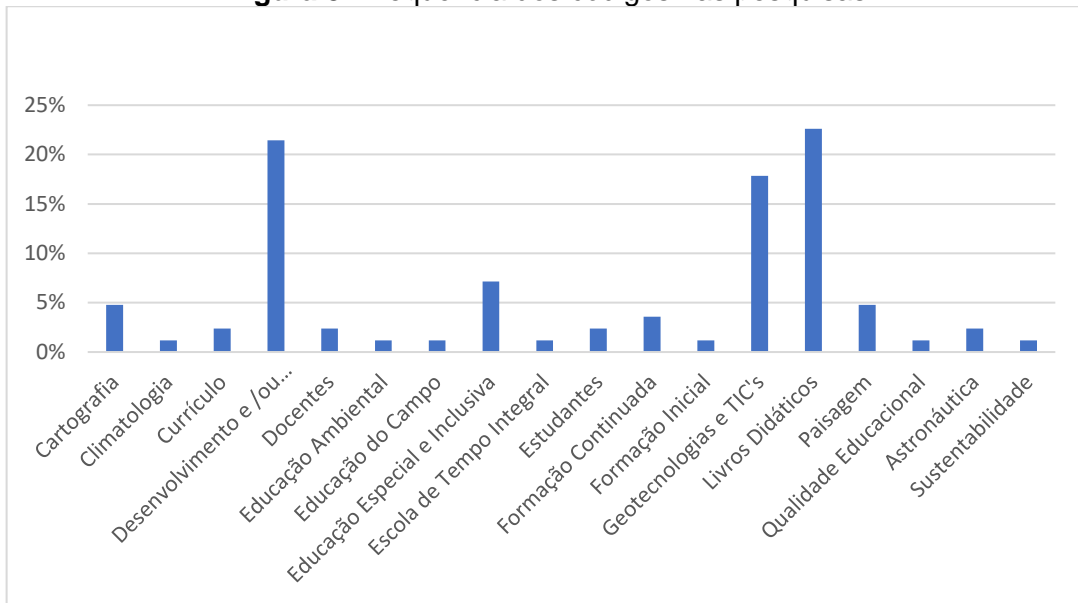
Org.: a autora, 2021

Conforme mencionado nos procedimentos metodológicos, a partir da leitura dos resumos das dissertações e teses no *software* Atlas.ti, foi realizada a codificação dos trabalhos de acordo com URs temáticas.

Quadro 2: Frequência dos códigos nas pesquisas

CÓDIGO	FREQUÊNCIA RELATIVA
Cartografia	5%
Climatologia	1%
Currículo	2%
Desenvolvimento e /ou Aplicação de Práticas Pedagógicas	21%
Docentes	2%
Educação Ambiental	1%
Educação do Campo	1%
Educação Especial e Inclusiva	7%
Escola de Tempo Integral	1%
Estudantes	2%
Formação Continuada	4%
Formação Inicial	1%
Geotecnologias e TIC's	18%
Livros Didáticos	23%
Paisagem	5%
Qualidade Educacional	1%
Astronáutica	2%
Sustentabilidade	1%

Org.: a autora, 2021

Figura 8: Frequência dos códigos nas pesquisas

Elaboração: a autora, 2021

Observando a frequência dos códigos no quadro 3 e na figura 7, nota-se que existe concentração nos temas: 1º Livros Didáticos (23%), 2º Desenvolvimento e/ou Aplicação de Práticas Pedagógicas (21%), 3º Geotecnologias e TICs (18%); enquanto os outros 15 temas possuem proporções bem menores nas pesquisas encontradas.

Os livros didáticos, por serem uns dos materiais de apoio mais utilizados no ensino e por envolver o uso de imagens, se destacaram nos resultados de busca. De acordo com Santos (2020, p. 7) “nota-se que os livros didáticos no mundo contemporâneo apresentam um imperativo das imagens em suas páginas”.

Considerando ainda que

(...) em muitos casos principalmente nas periferias das cidades e no meio rural, onde vivem populações com baixo poder aquisitivo, o livro didático é uma das poucas referências tanto didático pedagógica quanto informacional do estudante (SILVA, 2017, p.12).

E o exposto por Tonini (2003, p. 36)

O livro didático tem funcionado como a engrenagem principal da prática pedagógica. Por seu intermédio o conhecimento se organiza, quer adotando-o, quer seguindo-o como fonte de consulta. Nele se entrecruzam práticas de significação, identidade e poder. O livro didático, ao estar inserido na política educacional, atua, como macrodiscurso, por expressar as visões e os significados do projeto dominante, ajudando a reforçá-las, a dar-lhes acolhida e, como microtexto, como prática de significação em sala de aula, pela escolha e maneira de trabalhar seus conteúdos pelos professores e pelas professoras.

Os autores se concentraram, então, nesse caso, a realizar análises das imagens/fotografias expostas nos livros, de forma a investigar como temas tais como o Brasil, o espaço geográfico, o continente africano, gênero e sexualidade, a região nordeste, o campo brasileiro, as geotecnologias, o consumo, a paisagem, o relevo, educação ambiental, rios e bacia hidrográfica e a diversidade cultural são apresentadas nessas imagens. De forma geral, compreendendo o livro didático como um artefato cultural, os estudos se utilizam, em sua maioria, dos estudos culturais, da semiótica, análise de conteúdo e estado da arte para análise dos objetos. Dessa forma, apontaram especialmente duas questões principais: a divulgação de estereótipos de determinados temas e a predominância da utilização das imagens com fim apenas ilustrativo.

Com relação às Geotecnologias e TICs, também foram expressivos os resultados por estarem diretamente relacionadas à Geografia, ao ensino e às imagens.

O lápis, a caneta e o caderno, estão abrindo espaço, paulatinamente, para a troca de informações por meios digitais. As aulas, em alguns casos, são apresentadas em slides, com a associação de vídeos para chamar a atenção dos estudantes. A função, do professor, tem sido claramente ressignificada com os avanços tecnológicos. (COELHO, 2016, p. 33).

A Geografia, em especial o ensino, não são alheios à essas transformações ocorridas no fim do último século, sendo que vêm sendo introduzidas metodologias e tecnologias de representações do espaço geográfico, tais como o Geoprocessamento, os Sistemas de Informações Geográficas, a Cartografia Automatizada, o Sensoriamento Remoto, entre outros (BORGES, 2015). Dessarte, os trabalhos sob esse código procuraram pesquisar o estado da utilização das Geotecnologias e das TICs nas escolas/no ensino. Os resultados confluem, apontando que “os alunos demonstram interesse pelo uso” (RIZZATTI, 2018, p. 8) e que “apoiados por outras ferramentas podem contribuir para ampliar as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem de Geografia” (ARRUDA, 2013, p. 8).

Por outro lado, também existe por parte dos professores o interesse em utilizá-las e, muitas vezes, existe o aporte tecnológico da escola, mas há “falta de conhecimentos técnicos e pedagógicos acerca da tecnologia” (BORGES, 2015, p. 8), o que impacta a não utilização ou baixa frequência, em especial das Geotecnologias

no ensino. Nesse sentido existe a necessidade de capacitação dos professores para a utilização dessas tecnologias nas suas aulas..

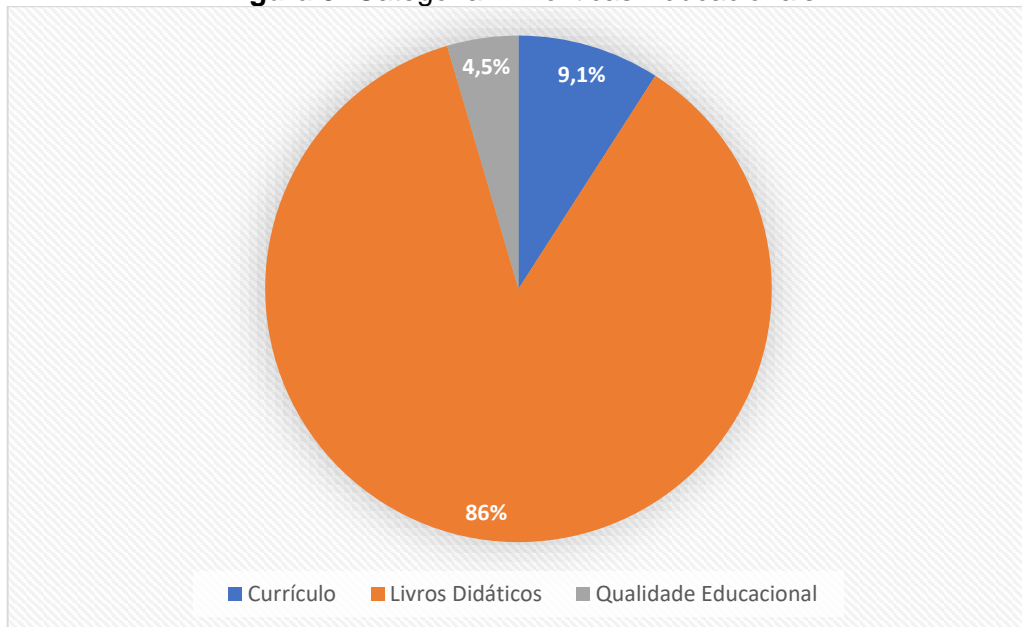
De acordo com Giusta (2013), as práticas pedagógicas não se fazem por si só, mas precedem de determinada concepção de aprendizagem. Franco (2016) destaca que

há práticas docentes construídas pedagogicamente e há práticas docentes construídas sem a perspectiva pedagógica, num agir mecânico que desconsidera a construção do humano. (...) Assim, uma aula ou um encontro educativo tornar-se-á uma prática pedagógica quando se organizar em torno de intencionalidades, bem como na construção de práticas que conferem sentido às intencionalidades. Será prática pedagógica quando incorporar a reflexão contínua e coletiva, de forma a assegurar que a intencionalidade proposta é disponibilizada a todos; será pedagógica à medida que buscar a construção de práticas que garantam que os encaminhamentos propostos pelas intencionalidades possam ser realizados. Nesse aspecto, uma prática pedagógica, em seu sentido de práxis, configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo. (p. 535 – 536).

Dessa forma, o código Desenvolvimento e/ou Aplicação de Práticas Pedagógicas envolve pesquisas que desenvolvem atividades pedagógicas, com posterior aplicação ou não em escolas, a fim de verificar se tais práticas facilitaram a aprendizagem de algum conhecimento ou averiguar o estado do saber de tal conhecimento entre os estudantes.

As pesquisas deste código cumprem o papel reflexivo colocado por Franco (2016), além de proporem, através de diversas linguagens, concentradas na utilização em sua maioria de imagens, fotos, cinema e produção de vídeos na aprendizagem de novas Cartografias, de uma concepção crítica sobre o continente africano, do espaço e de conceitos geográficos, das regiões, da cidade, das relações entre rural-urbano, da História e Geografia local, do trabalho feminino.

Após a etapa de codificação, os códigos foram agrupados em seis categorias de critério semântico, ou seja, agrupadas em temas de mesmo grupo. A primeira categoria, “Políticas Educacionais”, englobou três códigos: Currículo, Qualidade Educacional e Livros Didáticos, sendo que os trabalhos sob estes códigos são mais numerosos não só dentro da categoria, mas entre todos os códigos, como já exposto.

Figura 9: Categoria 1: Políticas Educacionais

Org.: a autora, 2021

A Constituição Federal de 1988 definiu o direito à educação e o dever do Estado a ofertá-la, sendo os responsáveis pela elaboração das políticas educacionais o Ministério da Educação (MEC) e as secretarias estaduais e municipais da educação. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) regulamenta a educação no Brasil, do ensino básico ao superior. A legislação coloca que deve haver um currículo comum, a nível nacional, que embasa os currículos em escalas menores, como é o caso da BNCC atualmente. Existem diversas políticas educacionais, entre as quais o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), no qual se inclui o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

As políticas educacionais têm a função de garantir o acesso de todos a uma educação de qualidade. Porém

não são levadas a sério pesquisas que mostram o papel histórico do próprio sistema, a reprodução das desigualdades, sobretudo, são ignoradas as análises e pesquisas que mostram o peso determinante das desigualdades sociais, regionais, raciais, sobre as desigualdades escolares na formulação de políticas, na sua gestão e avaliação.

(...) O foco estreito continua responsabilizando os professores e até os próprios educandos (ARROYO, 2010, p. 1383-1384).

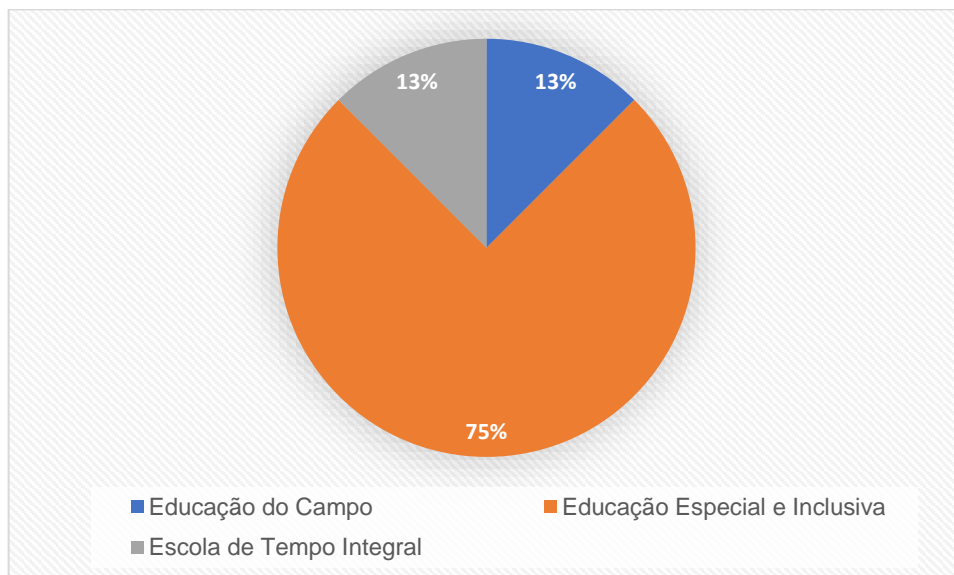
Com isso, têm sido privilegiadas no embasamento das políticas educacionais as avaliações educacionais, que colocam a qualidade educacional em um patamar muito negativo, corriqueiramente divulgado pela mídia.

No caso das pesquisas envolvidas na categoria “Políticas Educacionais”, uma delas discutia a questão da qualidade educacional, apontando que a qualidade não está relacionada com a localização residencial dos estudantes. Outra pesquisa faz análise do currículo municipal do Rio de Janeiro, com relação ao uso de TICs. Por fim, as pesquisas sobre livros didáticos fazem análise das imagens desses livros.

A LDB 9394/96 também regulamentou a educação brasileira em níveis, etapas e modalidades. No nível da Educação Básica, as etapas se dividem em Ensino Infantil (da creche à pré – escola), Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e Ensino Médio. Já o Nível da Educação Superior, envolve os cursos sequenciais, as graduações, pós – graduações e as extensões.

Nas modalidades de ensino estão inseridos: a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Indígena, Educação Quilombola e Educação a Distância. Dessa forma, a segunda categoria, “Modalidades de Ensino”, conta com três códigos – “Educação do Campo” (13%), “Escola de Tempo Integral” (13%) e “Educação Especial e Inclusiva” (75%).

Figura 10: Categoria 2: Modalidades de Ensino



Org.: a autora, 2021

A Educação do Campo é adequada às necessidades dos sujeitos que vivem no campo, desde o seu currículo, as escolas são organizadas de forma a atendê-los em sua realidade, bem como as metodologias. Foi a partir do o Decreto nº 7.352 do

governo federal, que essa modalidade se torna política pública de educação, após anos de luta dos sujeitos do campo, em especial os pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O início da consolidação do MST como um movimento socioterritorial expressou que a reforma agrária não significa apenas o acesso à terra; as ações do MST indicam que o campo só será de vida e sociabilidade quando o camponês também tiver todos os direitos essenciais garantidos. Nessa perspectiva, o MST, ao longo de mais de três décadas, ao perceber que a ausência do direito à educação era evidente no campo, começou a lutar também por esse direito. (...)

Assim, a educação do campo vem no sentido da luta contra o latifúndio e a exploração do trabalho no campo, no confronto com o Estado e os projetos neoliberais que invadiram o campo nas últimas décadas, contra o modelo de educação estabelecido para a manutenção do status quo da classe dominante e o analfabetismo que ainda permanece no campo, colocando o camponês diante do enfrentamento social, em oposição a todos esses projetos de contradição de classe. (OLIVEIRA, 2017, p. 19 – 20).

No caso da pesquisa com essa temática, pertencente ao código “Educação do Campo”, teve como objetivo compreender a construção da Educação do Campo no assentamento Lagoa do Mineiro, no estado do Ceará.

Já a modalidade Educação Especial e Inclusiva engloba o ensino voltado aos estudantes com necessidades educativas especiais, conforme a LDB:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 1996)

As pesquisas desta modalidade são a respeito dos estudantes com deficiências visual e auditiva. Enquanto estes exploram o mundo especialmente pelo visual, aqueles compreendem o mundo por outros sentidos que não a visão. Além disso, existem diversos graus de impedimento sensorial e a aprendizagem ocorre igualmente ao estudante sem necessidades educativas especiais quando adaptado a linguagem. Dessa forma, os trabalhos trazem os desafios e propostas de adaptação que podem ser utilizadas no ensino de Geografia para esses alunos e uma delas avalia o ensino de Geografia em uma Escola de Surdos.

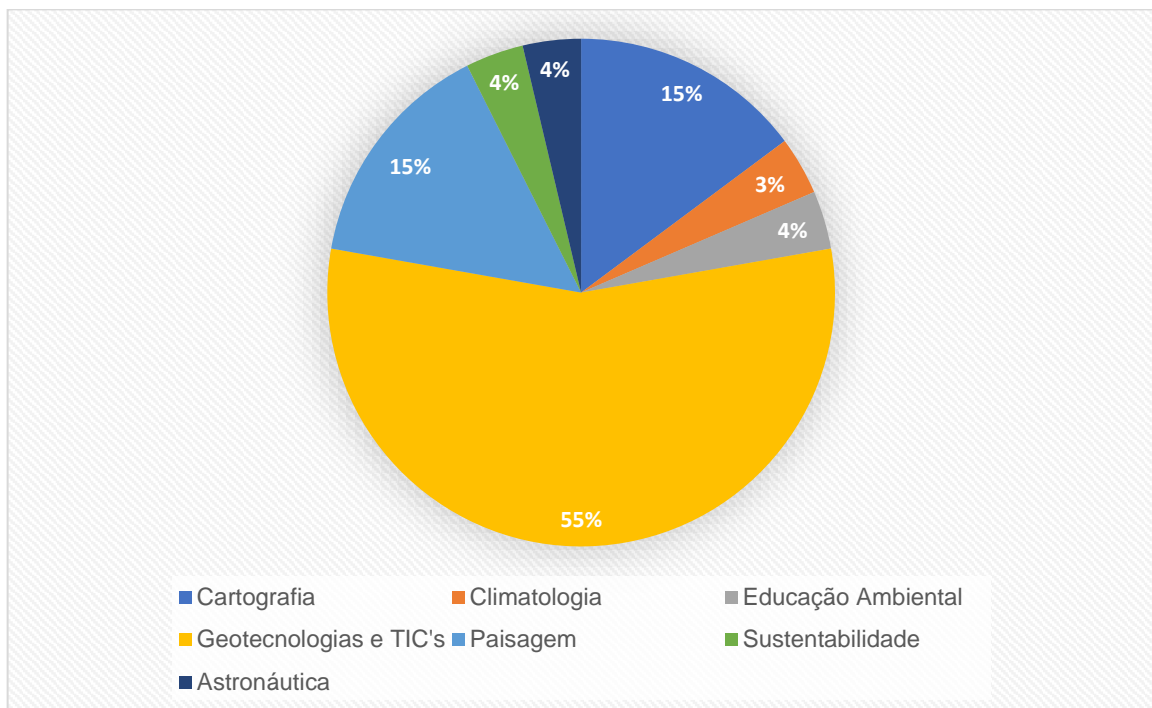
Com relação à Educação em Ensino Integral, é a sexta das 20 metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que é um plano decenal, contendo metas e estratégias importantes para o planejamento educacional. Conforme o Plano, o objetivo é oferecer o ensino integral em pelo menos 50% das escolas públicas, de forma a atender ao menos 25% dos alunos brasileiros. Além disso, enfatiza que

garantir educação integral requer mais que simplesmente a ampliação da jornada escolar diária, exigindo dos sistemas de ensino e seus profissionais, da sociedade em geral e das diferentes esferas de governo não só o compromisso para que a educação seja de tempo integral, mas também um projeto pedagógico diferenciado, a formação de seus agentes, a infraestrutura e os meios para sua implantação. (PNE, 2014)

A pesquisa envolvida no código “Escola de Tempo Integral” teve como objetivo investigar o ensino de Geografia em uma escola desta modalidade, em Teresina, Piauí, apontando, que aumentar o tempo de permanência na escola não melhora a qualidade desse ensino, assim como apontado pelo PNE.

A terceira categoria, “Conteúdos e Metodologias da Ciência Geográfica” englobou seis códigos: o mais significativo, Geotecnologias e TICS (55%), sendo o terceiro mais numeroso em pesquisas, Cartografia (15%), Climatologia (3%), Paisagem, Educação Ambiental, Sustentabilidade e Astronáutica.

Figura 11: Categoria 3: Conteúdos e Metodologias da Ciência Geográfica



Org.: a autora, 2021

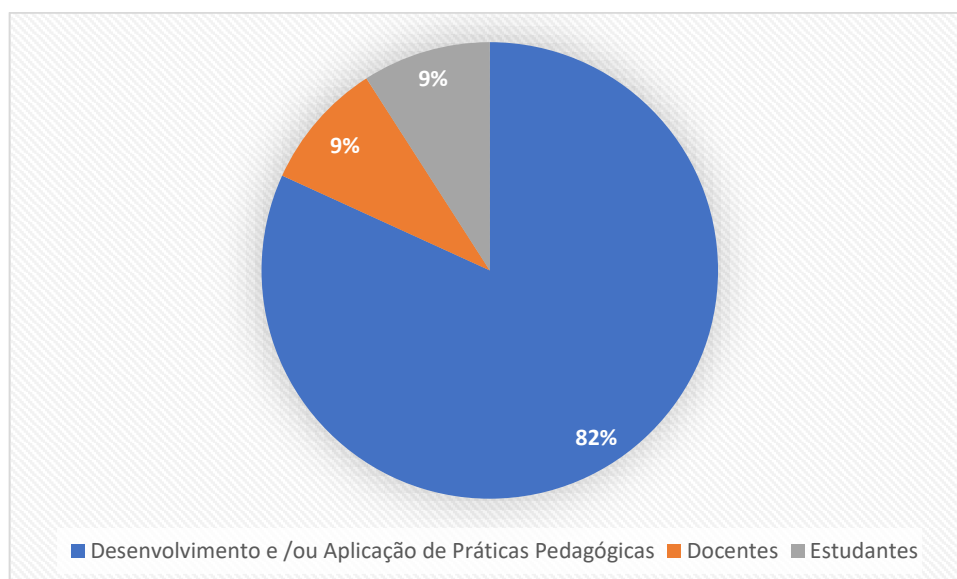
A Geografia, enquanto ciência, se institucionalizou a partir do século XIX. Conforme desenvolviam-se as estruturas econômico-sociais, evoluiu também o objeto da Geografia, de forma a estudar o processo das relações entre sociedade e natureza (ANDRADE, 2008). Para compreender o mundo, cada vez mais complexo, a

Geografia, tanto a acadêmica, quanto a escolar, apresenta conceitos, conteúdos e metodologias, os quais apareceram nas pesquisas levantadas.

Os trabalhos envolvidos pelo código “Cartografia” discutem o ensino de cartografia nas escolas, alguns aplicam a tecnologia junto ao ensino de cartografia, e um deles o mapeamento alternativo, realizado junto à povos indígenas. Em “Climatologia”, o ensino da Climatologia. Os trabalhos compreendidos no código “Educação Ambiental” investigam o papel da experiência em áreas verdes para o processo de aprendizagem em Educação Ambiental. “Geotecnologias e TICs” discutem o uso de tais tecnologias nas instituições de ensino. No caso de “Paisagem”, as pesquisas buscam verificar a compreensão dos alunos a respeito das paisagens do futebol, da Amazônia, a percepção da sociedade relativo às cavernas brasileiras e as transformações da paisagem de uma bacia hidrográfica. Em “sustentabilidade”, avaliam a possibilidade de produção sustentável no campo. E em “Astronáutica”, as relações e potencialidades da Astronáutica para a Geografia.

A quarta categoria, “Ensino de Geografia”, envolve três códigos: “Desenvolvimento e/ou Aplicação de Práticas Pedagógicas” (82%), o segundo mais numeroso em pesquisas, “Docentes” (9%) e “Discentes” (9%), que são as três temáticas básicas envolvidas no ensino encontradas nos trabalhos.

Figura 12: Categoria 4: Ensino de Geografia

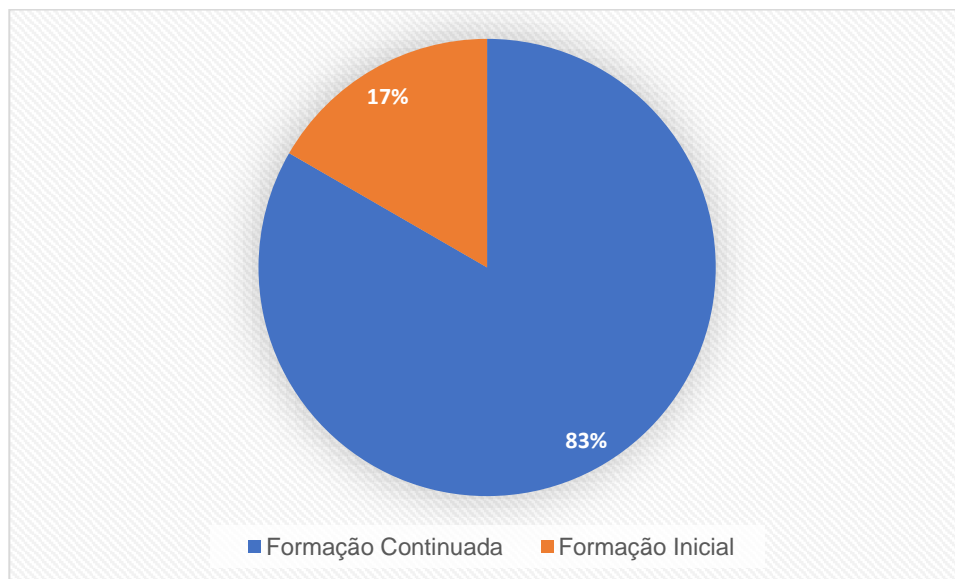


Org.: a autora, 2021

As teses e dissertações envolvidas no código “Desenvolvimento e/ou Aplicação de Práticas Pedagógicas”, como já exposto anteriormente, desenvolvem e/ou aplicam práticas nas escolas, a fim de verificar se elas facilitam a aprendizagem de um conteúdo da Geografia. Já as pesquisas do código “Docentes” se propõem a refletir sobre a própria prática pedagógica e investigar se a Lei 10.639/03, que dispõe a respeito do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas, se configurou como norteadora das práticas dos professores. Em “Estudantes”, os trabalhos buscam compreender as identidades territoriais dos alunos que vivem em Alvorada/RS e o movimento dos alunos brasiguaios, na fronteira do Paraná com a Argentina e o Uruguai.

Por fim, a última categoria “Formação de Professores” possui dois códigos: “Formação Continuada”, com 17% das pesquisas, e “Formação Inicial”, com 83%.

Figura 13: Categoria 5: Formação de Professores



Org.: a autora, 2021

A formação de docentes envolve desde a habilitação profissional obrigatória, as graduações de Pedagogia e licenciaturas, as formações complementares, na qual o profissional pode realizar cursos, pós-graduação, participar de eventos etc. e a formação continuada, realizada após a formação inicial, no sentido de aperfeiçoar e atualizar o docente com relação as suas práticas.

Porém, conforme Tardif (2012, p. 36),

a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Dessa forma, a pesquisa contida no código “Formação Inicial” buscou analisar o uso e a importância das TICs na formação do professor de Geografia. Já as pesquisas inseridas no código “Formação Continuada”, através de encontros com docentes, uma avaliou a relevância do uso dos sentidos de professores e alunos para a aprendizagem, outra a formação para o ensino de Educação Ambiental e uma relatou uma experiência com dança na formação continuada de professores.

6.3: Como as imagens aparecem nas pesquisas

A pesquisa no banco de dados utilizando os descritores busca resultados que os contenham no seu título, palavras-chave ou resumo, englobando trabalhos com diferentes temas e objetivos. Assim, não necessariamente, ao buscar “geografia”, “ensino” e “imagens” chegou-se ao resultado de pesquisas que tratassem exatamente do ensino de Geografia através das imagens, mas sim uma variedade de resultados, alguns não pertencendo à área da educação.

Dessa forma, foram identificados os enfoques que as pesquisas conferiram a respeito das imagens na Geografia, através do auxílio do Atlas.ti. Foi feita a codificação e agrupamento daquelas em que as imagens possuísem funções semelhantes, sendo possível chegar a 9 enfoques (figura 14).

Figura 14: Codificação das pesquisas no Atlas.ti, de acordo com o enfoque das imagens e a magnitude

Nome	Magnitude
◇ Trabalho com imagens no ensino (propostas didáticas)	12
◇ Imagens nas Geotecnologias e TICs	11
◇ Imagens na formação docente	3
◇ Imagens e estudantes com necessidades educativas especiais	5
◇ Imagens como recurso para a realização da pesquisa	16
◇ Fotografia	1
◇ Cartografia	5
◇ Audiovisual	3
◇ Análise de imagens de livros didáticos	17

Org.: a autora, 2021

Observa-se que na maioria das pesquisas, a imagem é analisada nos livros didáticos (17 pesquisas), o que foi discutido com mais detalhes no item anterior, seguido pela utilização da imagem como recurso para a realização da pesquisa (16). Neste caso, abrange pesquisas da área educacional ou não, mas que as imagens foram subsídios para que a pesquisa fosse feita: imagens de satélite, fotografias de campo, vídeos, imagens comuns.

Foram significativas as pesquisas que utilizaram as imagens aplicadas ao ensino (12), junto à propostas didáticas, nas quais os diferentes tipos de imagens foram utilizadas pelo pesquisador nas escolas, resultando no desenvolvimento da pesquisa. Em 11 trabalhos as imagens se relacionavam às geotecnologias e TICs, envolvendo a área de ensino e 5 trabalhos dizem respeito à Cartografia. Em outros 5, as imagens em contexto dos alunos com necessidades educativas especiais – alunos com deficiências auditiva e visual. Em 3 pesquisas, as imagens eram do tipo audiovisual (filmes, vídeos, cinema) e em outras 3 estavam relacionadas à formação docente. Por fim, em uma pesquisa, tratava-se especificamente da fotografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o poder que as imagens possuem como linguagem fundamental na constituição do nosso cognitivo e atualmente seu alcance é deliberado com avanço tecnológico e acesso às redes de comunicação por grande parte da população. A própria Geografia, foi permeada pelas imagens em sua constituição, porém no ensino de Geografia, foi privilegiado por muitos anos um ensino pautado no tradicionalismo da memorização dos fatos geográficos, desconectados com a realidade do estudante, bastante incidente hoje.

Apesar disso, muitos professores buscam uma mudança de paradigma, trazendo novas maneiras de se trabalhar a Geografia e, no caso, o ensino de Geografia. Um ensino baseado em imagens auxilia no processo de desenvolvimento do raciocínio geográfico e, também, na aprendizagem dos conceitos da Geografia, sobretudo em um mundo no qual os estudantes estão inseridos em uma era tecnológica com a prevalência da cultura das imagens. Por isso também é tão importante a problematização dessas imagens, providas de sentidos que devem ser desvendados, colaborando para uma concepção crítica das informações.

Nesse sentido, verificou-se nas pesquisas que existe a preocupação de fomentar a discussão e divulgar práticas de ensino de Geografia por meio de imagens no período em estudo (2010 a 2020). Essas pesquisas, teses e dissertações, se concentram nas instituições públicas de Ensino Superior, em Programas de Pós – Graduação localizados, sobretudo, nas regiões Sudeste e Sul. Destacaram – se trabalhos que se preocuparam em analisar as imagens veiculadas e retratadas pelos livros didáticos, com o desenvolvimento de práticas pedagógicas utilizando as imagens e com as Geotecnologias e TICs no ensino. Também se sobressaem as pesquisas com imagens em contexto da educação especial e inclusiva.

Os trabalhos vão ao encontro ao que orientam os currículos oficiais – a BNCC e os PCNs - envolvendo a utilização de diversos tipos de imagens, tais como fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras, vídeos, história em quadrinhos e a tecnologia.

Por fim, a utilização do programa Atlas.ti auxiliou no processamento de dados e contribuiu para a adequada realização da pesquisa, por ser um programa que reúne os trechos destacados a poucos cliques bem organizados não havendo necessidade

de envolver grandes volumes de papéis nas várias idas e voltas aos textos ao longo da realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. M. **IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**. 162 p. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR, 2013.

ANDRADE, M. C. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 246 p.

ARROYO, M. G. POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À PROCURA DE NOVOS SIGNIFICADOS. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010. Disponível em: [SciELO - Brasil - Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados](#) Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. Acesso em: 31 out. 2021.

ARRUDA, J. N. F. **POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DOS PRODUTOS DE SENSORIAMENTO REMOTO PARA O PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**. 150 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016, 278 p.

BORGES, R. **O USO DO SENSORIAMENTO REMOTO COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA AÇÃO PEDAGÓGICA**. 105 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

BRASIL. Congresso Nacional. Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Brasília: Congresso Nacional, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 04 nov. 2021.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. **Legislação**, Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 04 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília : MEC/SEF, 1997. 166p.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CASSAB, C. **Geografia científica e Geografia escolar**: o diálogo necessário. 12º Encontro de Geógrafos de America Latina, Montevideo, Uruguay, p. 1-15, 2009. Disponível em: http://egal2009.easyplanners.info/area03/3054_Cassab_Clarice.pdf. Acesso em 11 jan 2021.

CAVALCANTI, L. de S. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea**: avanços, caminhos, alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. Anais do Seminário, 2010

COELHO, P. S. L. **ESTUDANTES-CARTÓGRAFOS: MAPAS COLABORATIVOS, CELULARES E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA**. 137 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

EDIÇÕES ANTERIORES. In: **V COLÓQUIO INTERNACIONAL “A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS E SUAS GEOGRAFIAS” E XVII SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA DA UDESC**, 2017. Disponível em: <https://5coloquioimagensblog.wordpress.com/>. Acesso em: 10 out. 2021.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, pág. 257-272, agosto de 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 jun de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>.

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, set./dez. 2016. Disponível em [SciELO - Brasil - Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito](#). Acesso em: 26 out. 2021.

GARCIA, D. C. F.; GATTAZ, C. C.; GATTAZ, N. C. A Relevância do Título, do Resumo e de Palavras-chave para a Escrita de Artigos Científicos. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, ed. 3, maio/junho 2019. DOI <http://doi.org/10.1590/1982-7849rac2019190178>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/KT6TxzgMBQ7WqZWTfrHKkhM/>. Acesso em: 11 out. 2021.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIRÃO, O.; LIMA, S. R. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 17, n. 2, maio./ago. 2013.

GIROTTI, E. D. Formando leitores do mundo: algumas considerações sobre o ensino de Geografia no mundo contemporâneo. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 5, n. 2, 2015.

GIUSTA, A. S. Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 1, v. 29, p. 17-36, mar. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/y9JvZV8HZRFN3XtvJ8vf9Rk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 out. 2021.

GOMES, P. C. C., BERDOULAY, V. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**. vol. 27, n.º 2, jul. - dez. 2018, p. 356-371.

GONÇALVES, T. R. P. S.; PINTO, V. P. S. Alfabetização geográfica na educação brasileira. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./dez. 2015.

GOULART, Ligia Beatriz. O que afinal um professor dos anos iniciais precisa saber para ensinar Geografia? **Percursos**, Florianópolis, v. 13. p. 02. pp. 08- 19. jul./dez. 2012. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/pereursos/articleviewFile/2763/2194>. Acesso em 28 jan. 2021.

KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. CASTROGIOVANNI, A. C (org.). Porto Alegre: Mediação, 2000. 176 p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagens**. Ed. 70, Lisboa, 2007.

LIMA, R. I. **NA SALA DE AULA: A ÁFRICA DE MEUS ALUNOS**. 109 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

MOROSINI, M. C. A Pós-graduação no Brasil: formação e desafios. **REVISTA ARGENTINA DE EDUCACIÓN SUPERIOR**, ano 1, n. 1, p. 125 - 152, novembro 2009.

NOBRE, L. M.; FREITAS, R. R. A EVOLUÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL: HISTÓRICO, POLÍTICAS E AVALIAÇÃO. **Brazilian Journal of Production Engineering**, São Mateus, Vol. 3, Nº 2, p. 18-30, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/BJPE>. Acesso em 5 out. 2021.

OLIVEIRA, F. S. **A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ASSENTAMENTO LAGOA DO MINEIRO, EM ITAREMA (CEARÁ): ENTRE DISPUTAS E CONQUISTAS**. 163 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2017.

OLIVEIRA JR., W.M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009.

PAGANELLI, T. I. Iniciação às ciências sociais: os grupos, os espaços, e os tempos. **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 11-12, p. 225-236, ago. 1992.

PENA, F. S. **ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ESTUDANTES SURDOS:** concepções e práticas pedagógicas. Dissertação (mestrado). 185 f. Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

RÉGIS, T. C. **PARA ALÉM DA VISÃO:** um estudo sobre a adaptação de imagens fotográficas para a educação geográfica inclusiva. Tese (doutorado). 279 p. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

RIZZATTI, M. **A CARTOGRAFIA ESCOLAR E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA:** CONTRIBUIÇÕES DAS GEOTECNOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL. 144 p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO "ESTADO DA ARTE" EM EDUCAÇÃO. **Revista Diálogo Educacional**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, v. 6, n. 19, pp. 37-50, set-dez, 2006.

SANTOS, L. **REPRESENTAÇÕES FOTOGRÁFICAS DE RELEVO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DE SEXTO ANO.** 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO, 2020.

SILVA, F. R. C. **Para além do homogêneo:** A representação imagética da região Nordeste nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas series iniciais:** o desafio da totalidade mundo. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. Campinas, 155 p. 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TONINI, I. M. IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA: SEUS ENSINAMENTOS, SUA PEDAGOGIA...**Mercator**, Fortaleza, v. 2, n. 4, nov. 2008. ISSN 1984-2201. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/148>. Acesso em: 28 out. 2021.

TONINI, I. M. NOTAS SOBRE IMAGENS PARA ENSINAR GEOGRAFIA. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 3, n. 6, p. 177-191, jul./dez., 2013.

VIEIRA, R. A.; MACIEL, L. S. B.. Fonte investigadora em Educação: registros do banco de teses da CAPES. **Educação e Pesquisa**, São Paulo , v. 33, n. 2, p. 353-367, ago. 2007. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 dez. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000200012>.

WALTER, S. A.; BACH, T. M. ADEUS PAPEL, MARCA-TEXTOS, TESOURA E COLA: INOVANDO O PROCESSO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO POR MEIO DO ATLAS.TI. **ADMINISTRAÇÃO: ENSINO E PESQUISA**, Rio de Janeiro, v. 16, ed. 2, p. 275–308, ABR MAI JUN 2015. DOI: 10.13058/raep.2015.v16n2.236.

Anexos

Título	Autoria	Instituição	Área	Titulação	Ano da publicação	Palavras-chave	Resumo
QUALIDADE EDUCACIONAL E PERFIL SOCIOECONÔMICO: EXPRESSÃO ESPACIAL DO ENSINO PÚBLICO NO DISTRITO FEDERAL	Sidelmar Alves da Silva Kunz	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Geografia	Mestrado	2014	expressão espacial; qualidade educacional; perfil socioeconômico ; localidade residencial	Este trabalho tem o propósito de analisar a expressão espacial da relação entre qualidade educacional e o perfil socioeconômico da população do Distrito Federal por região administrativa. Ressalta-se que esta investigação tem como intenção contribuir para o amadurecimento intelectual desse debate (relação entre qualidade educacional e perfil socioeconômico), visto que se apresentam indicadores socioeconômicos inéditos construídos no nível de região administrativa do Distrito Federal acerca dessas variáveis, a saber: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, Prova Brasil, Ambiente Escolar, Distorção Idade Sêrie e Índice de Qualidade Educacional. Ainda mais que a particularidade do olhar geográfico para essa temática, que normalmente é objeto de estudo de economistas e sociólogos, figura-se como oportunidade para preencher lacunas nesse campo de discussão e subsidiar o poder público na busca pela construção de alternativas para reduzir as desigualdades socioespaciais, em especial na área educacional. O marco teórico para a análise espacial é a proposta da noção de expressão espacial sustentada na teoria do espaço geográfico. Essa noção diz respeito à expressão da linguagem geo-cartográfica referente a um conjunto de informações geográficas, ou seja, localizáveis espacialmente. Em termos metodológicos, esta pesquisa utiliza-se de fonte documental – material sem tratamento analítico reelaborado conforme o interesse desta pesquisa – de natureza quantitativa e fonte bibliográfica, valendo-se de instrumentais estatísticos e geo-cartográficos. A título de resultado, aponta-se que a expressão espacial da relação entre qualidade educacional e o perfil socioeconômico da população do Distrito Federal revela que a localidade residencial dos estudantes de ensino fundamental das escolas públicas do Distrito Federal não possui correlação com os resultados escolares.
INSTRUMENTOS EDUCACIONAIS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE VIDEOAULAS	Suâmi Abdalla-Santos	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	Geografia	Mestrado	2014	Ensino; Geografia; tecnologia; audiovisual	O presente trabalho aborda a relação entre a prática de ensino e a tecnologia da informação e comunicação (TICS) com foco na formação do professor de Geografia. A pesquisa analisa a importância do uso das ferramentas audiovisuais nas atividades de ensino e como esse tema é tratado durante o período de graduação do licenciado em Geografia. Conclui-se que a produção audiovisual pode auxiliar o professor a interagir com seus alunos produzindo seus próprios materiais didáticos a partir de aparelhos e recursos que estejam disponíveis ao alcance dos agentes envolvidos.
ALÉM DAS QUATRO LINHAS: O FUTEBOL NO ENSINO DE GEOGRAFIA	FLÁVIO LOPES HOLGADO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Geografia	Mestrado	2013	ensino de geografia proposta pedagógica, paisagem, consumismo, identidade	O futebol produz paisagens em vários locais, independente de suas origens ou localização geográfica, entre estes locais, está a escola. Este trabalho discute a temática do futebol na produção de paisagens e no ensino de Geografia. Através do futebol e a partir da noção do conceito de paisagem, produzida e reproduzida nos simbolismos das práticas culturais, nesta dissertação são problematizadas as imagens veiculadas na mídia sobre futebol e investiga-se em que medida os alunos compreendem a produção das paisagens através do futebol. A dissertação apresenta reflexões da paisagem do futebol, procurando mostrar a partir do solo teórico da Geografia Cultural, que há vários simbolismos nestas paisagens inscritas no espaço geográfico. Diante disso, analisa-se as formas e os valores que as paisagens deste esporte vêm adquirindo e que possibilitam que os alunos tenham compreensão diversificada da e na paisagem. Utiliza-se como ferramentas teóricas os conceitos de paisagem, identidade, consumismo para analisar o material empírico desta pesquisa. Este compreende atividades didáticas com imagens, reportagens e vídeos, construção de textos, e elaboração de desenhos e questionários sobre as discussões geradas em aulas por alunos do ensino fundamental de uma escola pública. Os resultados desta pesquisa apontam para a importância dos estádios de futebol como elemento matriz do simbolismo para produção das paisagens desse esporte. Os dados confirmam que as paisagens geradas pelo futebol incentivam os alunos a realizarem investimentos constantes para se manterem torcedores atrativos e desejáveis. Também, o futebol destaca-se como um importante elemento na formação da identidade dos alunos, que pode relacionar-se as paisagens e ao consumo. Assim, foi possível analisar sobre a presença do futebol no cotidiano dos alunos, de forma a produzir paisagens, principalmente através dos valores simbólicos vinculados ao esporte que se manifestam nas paisagens, seja em locais próximos ou distantes dos alunos. Neste contexto a mídia apresenta-se como uma importante forma de influenciar os alunos em relação aos simbolismos das paisagens, na formação de identidades e no consumo relacionado ao futebol. Com as atividades conseguiu-se analisar com os alunos as paisagens produzidas pelo futebol e proporcionar a reflexão sobre as mesmas.

<p>TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIAS E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO CAMPO: um estudo da atuação de políticas desenvolvimentistas para os "territórios rurais".</p>	<p>FÁBIO BORGES DE OLIVEIRA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>conhecimento; exploração; desenvolvimento; comprometimento; sustentabilidade</p>	<p>Este estudo objetiva abordar o contexto da construção e aplicação do conhecimento científico/tecnológico considerando ações do ensino, da pesquisa e da extensão culminando na transferência das tecnologias voltadas ao meio de produção agropecuária na perspectiva de avaliar a sustentabilidade no campo e a autonomia dos sujeitos envolvidos com a atividade produtiva. Para tanto, destaca a importância das técnicas para a construção e apropriação do espaço geográfico em constantes transformações na paisagem e formação do território, a partir das explorações coloniais do século XVI até aos dias atuais destacando as determinantes políticas que atuaram no processo. Remontando a história iniciada com a invasão europeia no continente, abordagens acadêmicas apontam uma apropriação dos recursos de forma irresponsável, a qual vem deixando rastros de destruição ambiental com extinção de espécies, degradação dos solos, dos cursos d'água e nascentes e expulsão dos sujeitos camponeses e povos tradicionais de suas terras. Visto que ainda nos dias atuais, mesmo com todo o conhecimento científico e tecnológico capaz de reduzir os efeitos nefastos das ações humanas sobre o meio, a exploração desenfreada continua impactando negativamente sobre os recursos por um produtivismo imediato alimentando aos fluxos de capital nos territórios, buscamos identificar como se dá o uso das técnicas entre o comprometimento socioambiental e as políticas para o mercado. Averiguando, além da bibliografia consultada e documentos acessados, foram realizadas entrevistas, registros de imagens e anotações a campo em uma das regiões mais produtivas do Brasil, em parte da Região Centro-Oeste numa área delimitada por políticas públicas como o "Território Rural da Estrada de Ferro em Goiás" abrangendo 14 municípios dos quais dados foram levantados e explicitados apontando que, embora exista a possibilidade de se produzir de forma sustentável, mesmo com importantes ações nesse sentido, o espaço geográfico continua sendo construído e apropriado com predominante irresponsabilidade nas atividades exploratórias</p>
<p>PARA ALÉM DA VISÃO: um estudo sobre a adaptação de imagens fotográficas para a educação geográfica inclusiva</p>	<p>Tamara de Castro Régis</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2020</p>	<p>Educação geográfica inclusiva. Deficiência visual. Imagens táteis. Audiodescrição.</p>	<p>Nesta pesquisa, desenvolvida no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, buscamos abordar os desafios do ensino de Geografia no que compete à inclusão dos estudantes com deficiência visual. Considerando esta uma ciência e componente curricular com renomada tradição visual, questionamos: como as imagens nos livros didáticos de Geografia podem ser acessíveis aos estudantes com deficiência visual? Quais características e condições precisam ser consideradas nos processos de adaptação destas imagens? Procurando responder estas questões trazemos como objetivo geral desta tese: desvendar os caminhos que conduzem à adaptação de imagens fotográficas na educação geográfica, para que possam ser compreendidas por estudantes com deficiência visual. Tecemos este estudo articulando referências sobre os conceitos de imagens, fotografia, semiótica, educação geográfica inclusiva, deficiência visual, percepção háptica, audiodescrição, elaboração conceitual, mediação e linguagem. Como percursos metodológicos, considerando a abordagem qualitativa, optamos por empregar a metodologia pesquisadora devido à necessidade de mobilizar estudos com o outro e não sobre o outro, pautados na ação e reflexão em prol de uma educação realmente inclusiva. Os procedimentos metodológicos empregados foram estudos bibliográficos, análise de livros didáticos, visitas técnicas e encontros com dois estudantes com deficiência visual. As análises dos dados foram efetuadas à luz das pesquisas desenvolvidas por Vigotski no campo da teoria Histórico-Cultural em diálogo com outros pesquisadores que compuseram o referencial teórico-metodológico. Como resultados, identificamos que, com a exposição constante e estímulos adequados, os estudantes com cegueira congênita podem não apresentar os atrasos na apropriação de noções espaciais projetivas e euclidianas, contrapondo a perspectiva defendida por Ochaíta, Huertas e Espinosa (1991). Constatamos que a construção eficaz de uma imagem adaptada deve levar em conta três fatores: exploração tátil, audiodescrição didática e mediação cultural. Com base nestes dados, elaboramos uma metodologia para construção das imagens adaptadas, com as seguintes etapas: (a) planejamento, (b) confecção de protótipos, (c) construção das matrizes táteis, (d) elaboração da audiodescrição e (e) avaliação. Discutimos cada uma das etapas metodológicas, objetivando oferecer um modelo que possa ser replicado por professores e outros profissionais. Por fim, elencamos orientações quanto ao uso das imagens adaptadas visando auxiliar o professor a trabalhar com este recurso.</p>

<p>IDENTIFICAÇÃO DE FLORAÇÕES DE ALGAS NO LAGO GUAÍBA COM USO DE IMAGENS DE SATÉLITE E ESPECTRORRADIOMETRIA DE CAMPO</p>	<p>ROSANA CORAZZA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2015</p>	<p>Comportamento Espectral da Água. Florações de algas. Clorofila-a</p>	<p>A eutrofização de ambientes aquáticos continentais é um processo lento e natural, mas que tem se intensificado sobremaneira devido à influência das atividades antrópicas. Uma das consequências da eutrofização artificial são florações de algas cada vez mais frequentes e intensas. Alguns grupos de algas, como as cianobactérias, podem produzir toxinas que representam um risco para o homem e para a biota aquática e, por isso, sua floração merece atenção especial. O Lago Guaíba é um importante corpo hídrico do Estado do Rio Grande do Sul e o principal manancial do município de Porto Alegre. A sua bacia hidrográfica ocupa cerca de 30% da área do estado e os principais rios - Jacuí, Cai, Sinos e Gravataí - drenam áreas de intenso uso agrícola e industrial. No Lago Guaíba, as florações têm sido frequentes, principalmente na última década e representam um sério desafio ambiental. Neste contexto, o objetivo da presente pesquisa foi avaliar o potencial de identificação dos episódios de floração de algas no Lago Guaíba a partir da integração de dados satelitométricos in situ adquiridos simultaneamente a dados limnológicos (clorofila-a, total de sólidos em suspensão, transparência da água, entre outros) e imagens de satélite. Para a obtenção dos espectros de reflectância foi utilizado o espectrorradiômetro portátil FieldSpec® HandHeld, com coleta em 16 pontos amostrais definidos a priori. Os trabalhos de campo ocorreram em março de 2012, maio de 2013 e abril de 2014. Os espectros foram correlacionados com medidas de variáveis limnológicas obtidas simultaneamente. Para a análise espaço-temporal das florações foram selecionadas 10 imagens produzidas pelos satélites Landsat 5 e 7 (sensores TM e ETM+) disponibilizadas pelo Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS), corrigidas para os efeitos da atmosfera e convertidas em reflectância de superfície. Estas imagens foram obtidas nos meses de verão e outono, entre os anos de 2005 e 2012, e coincidiram com as datas das florações identificadas pelo Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) do município de Porto Alegre. Três rotinas de processamento foram aplicadas às imagens: 1) o Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI); 2) o Modelo Linear de Mistura Espectral (MLME) e 3) a Análise por Componentes Principais (ACP). Durante a coleta dos espectros em campo não houve florações, mas, ainda assim, estes permitiram identificar padrões de reflectância do lago em diferentes áreas e situações climáticas, bem como a influência da clorofila e dos sólidos em suspensão na resposta espectral da água. Os principais resultados do processamento das imagens de satélite foram: a) o NDVI é adequado para o mapeamento da abrangência e intensidade das florações e que resultados superiores a -0,2 indicam áreas de floração; b) o MLME apresentou limitações para o mapeamento das florações relacionadas à dificuldade de obtenção de bons espectros de referência diretamente sobre as imagens, mas permitiu avaliar as variações espaciais das características da água; c) a técnica da ACP ampliou as correlações dos dados das imagens com a Cl-a e as cianobactérias em comparação ao NDVI, e a classificação não supervisionada das principais componentes permitiu identificar as áreas (clusters) de floração, assim como áreas onde outros componentes atuavam. Os fatores que contribuíram para o estabelecimento de florações no lago foram: menor velocidade do fluxo da água, menor profundidade da coluna d'água, menor velocidade do vento e menores índices de precipitação pluviométrica, associados à maior disponibilidade de luminosidade e oferta de nutrientes. Conclui-se que as técnicas empregadas foram adequadas para o mapeamento de florações e que análises que utilizam dados de diferentes naturezas podem incrementar as metodologias existentes e abrir novas possibilidades de identificação e monitoramento de algas.</p>
<p>PELOS LABIRINTOS DA DOCÊNCIA COM O COM OS FIOS DE ARIADNE: geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos</p>	<p>DENISE WILDNER THEVES</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2018</p>	<p>Geografia. Educação. Crianças. Propostas didáticas. Anos iniciais. Docência.</p>	<p>A docência é uma construção permanente e única. Os caminhos são diversos e percorridos pelo professor em parceria com suas práticas, com os alunos, com as outras pessoas, com o mundo. Num movimento reflexivo, tendo a humildade e a curiosidade como princípios, o professor (re)elabora suas concepções e ações, reconfigurando seus modos de ensinar e aprender. Alicerçado nesses pressupostos, o estudo pretendeu, através dos conteúdos da Geografia escolar, oportunizar momentos de interação e aprendizagem entre as crianças-alunos, e destes com a professora-pesquisadora. Os participantes foram os alunos da quinta série "B", Ensino Fundamental, do Colégio Evangélico Alberto Torres (CEAT), localizado no bairro Centro, em Lajeado, Rio Grande do Sul. O trabalho nesta série é desenvolvido a partir de áreas do conhecimento, e eu fui a professora do componente curricular Estudos Geográficos e Históricos, no qual se inserem o estudo da Geografia e da História. O objetivo do estudo foi refletir e agir com as concepções epistemológicas constituintes a partir das propostas didáticas de Geografia e minha atuação docente. O caminho metodológico da pesquisa iniciou com a revisão da literatura e, a partir do plano de estudos de Estudos Geográficos proposto pela escola e dos referenciais teóricos da Geografia e da Educação, foram criadas propostas didáticas, algumas delas oriundas da interação com as crianças durante as aulas. Os dados coletados na pesquisa de campo desenvolvida durante o ano letivo de 2016 foram agrupados em um diário de pesquisa, composto por anotações de comentários das crianças, fotografias, imagens de trabalhos, trechos de atividades realizadas pelos alunos e registros escritos de observações da professora sobre as aulas. Na narrativa dessa pesquisa, esses materiais foram agrupados em experiências, com base nas unidades de análise relacionadas aos pressupostos teóricos da Educação, do processo de ensino e aprendizagem, da infância e da ciência geográfica. O estudo reafirmou a importância da reflexão sobre a prática e do papel do professor na busca de uma interação que faça diferença junto aos alunos. A 5ª série "B" do CEAT, interagindo e aprendendo com as propostas didáticas de Geografia, ensinou-me, (re)afirmando concepções epistemológicas. A pesquisa reafirmou a importância de planejar atividades que façam sentido, estejam alicerçadas por objetivos coerentes, estimulem o uso de variadas linguagens e de diferentes recursos. As aulas podem ser momentos de alegria, em que o afeto dá sustentação aos conteúdos e aos momentos de aprendizagem, em que o diálogo é essencial na construção de um ambiente coletivo. Ultrapassar os limites espaciais da sala de aula e da escola, através de vivências com saídas de campo e visitas, é oportunidade única para (geo)grafar a si, o Outro, as diferenças, a vida. As crianças me ensinam a olhar mais, escutar mais, sentir mais e a (re)criar-me na docência.</p>

OUTRAS IMAGINAÇÕES ESPACIAIS: EXPERIMENTAÇÕES E DERIVAS ENTRE SONS E IMAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	ANEDMATER MATTOS FERNANDES	Universidade Federal da Grande Dourados	Geografia	Doutorado	2016	Espaço; Território; Imaginação; Ensino de Geografia	Refletir sobre espaço por outras imagens e pensamentos, para além daquelas já instituídas pelo discurso oficial da geografia e seu ensino, decorre da necessidade de traçarmos linhas de fuga da estrutura arborescente do pensamento, ou seja, de colocar o pensamento em movimento constante. Acreditamos que o ensino de geografia deva buscar na experimentação as oportunidades permitam a construção dessa perspectiva. Neste sentido, esse trabalho procura problematizar acerca do espaço enquanto conceito fundamental do discurso científico da geografia diante dos elementos culturais vivenciados pelos Guarani. A partir das manifestações musicais desses grupos indígenas, buscamos com nossos alunos, traçar uma nova cartografia para discutirmos a possibilidade de o espaço ser imaginado como a dimensão da multiplicidade de trajetórias.
IMAGENS E ESTEREÓTIPOS DO BRASIL NOS LIVROS DIDÁTICOS FRANCESES	LEONARDO MOREIRA ULHÔA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	Geografia	Doutorado	2013	Imagens do Brasil. Estereótipo. Iconografia geográfica. Ensino de Geografia. Livros didáticos franceses	Os livros didáticos franceses, em específico, os de Geografia, são recursos didáticos que orientam as práticas de ensino e contribuem, substancialmente, com o entendimento da organização do espaço geográfico a partir da visualização de diferentes paisagens do mundo. As imagens fotográficas, nesse contexto, são os documentos primordiais de sua iconografia. Assim, analisamo-las, nesse trabalho, a partir dos estereótipos que veiculam sobre a realidade brasileira. A pesquisa remete, portanto, a uma discussão epistemológica sobre a noção de imagem, articulada a um referente externo, a realidade. Sob esta ótica, questionamos se as imagens representam um reflexo fiel da realidade brasileira, uma vez que podem ser compreendidas, simultaneamente, como presença e sucedâneo de algo que se encontra distante do leitor. Em outras palavras, avaliamos os limites da imagem como mediadora entre o mundo real e a possível leitura da mesma pelos alunos que a utilizam. Não é, pois, intenção criar um dualismo de hierarquização entre imagens verdadeiras e imagens falsas, mas compreendê-las a partir das intencionalidades pessoais dos autores que, em parceria com os editores, definem a escolha das ilustrações e das maneiras particularizadas de ver, mostrar e ocultar o mundo. Interrogamos, assim, as suas adequações e/ou inadequações em relação à realidade brasileira. Para isso, utilizamos o método da Fenomenologia para análise das imagens fotográficas do Brasil nos manuais escolares da França, publicados no período de 1996 a 2011. Paralelamente, elaboramos um quadro que nos permitiu descrever e, em seguida, examinar os elementos considerados mais relevantes na construção de cada imagem do Brasil. Tais procedimentos permitiram constatar que os temas de ensino que abordam a realidade brasileira, associados às subjetividades dos autores dos livros didáticos, reverberam em seu posicionamento iconográfico. Isso significa que a escolha do formato da imagem, em associação com o conteúdo geográfico, pressupõe uma estratégia para orientar as diferentes significações sobre o Brasil nos livros didáticos franceses. Desse modo, traçamos os principais enquadramentos aplicados na iconografia dos manuais escolares desse país para apresentação e/ou encenação do território brasileiro. Verificamos que a imagem, no entanto, não é obtida espontaneamente; ela deve ser entendida como uma elaboração da realidade, não é a realidade em si mesma. Entendemos, por fim, que a maneira como uma considerável parte das imagens brasileiras é retratada, representada e repetida, pelo menos desde a década de 1990, parece contribuir para solidificar e nutrir uma ideia unilateral sobre o conhecimento do Brasil. Isso remete, sem dúvida, a uma imagem-modelo preconizada que se insere, muitas vezes, em um contexto de negatividade e de concepções generalizadas acerca da realidade. Não é desapropriado pensar, enfim, que tais imagens mostram evidências particularizadas da realidade brasileira e devem ser consideradas como estereótipos.
REPENSANDO A FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DA TROCA DE SABERES ENTRE PROFESSORES NA BUSCA PELA GEOGRAFIA SENSÍVEL	JULIANO DA COSTA MACHADO TIMMERS	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	Geografia	Doutorado	2019	Geografia Sensível, Formação de professores, Educação Visual	Neste estudo relacionado com o ensino de Geografia na escola básica, o principal objetivo é desenvolver ideias que exponham experiências em sala de aula nas quais os sentidos dos educadores e dos alunos sejam centrais para realizar uma aprendizagem mais efetiva junto a Geografia que estamos acostumados a lidar no cotidiano. Inspirado especialmente pelas ideias de educação espacial de Kaercher e no estudo que relaciona imagens e Geografia de Oliveira Jr., nós definimos como Geografia Sensível o modo para aprender o espaço que valoriza o compartilhamento de nossas percepções. Desenvolvemos duas edições de um curso de formação para os professores com o objetivo de promover essa Geografia Sensível através da troca de saberes docentes entre educadores que trabalham em disciplinas de Geografia nas escolas públicas de São Leopoldo, cidade do sul do Brasil. Os autores da tese foram responsáveis pela execução das atividades do curso com o apoio da UFRGS. Como conclusões é possível traçar três linhas principais: primeiro, a Geografia Sensível parece ser eficaz, uma vez que a partir das experiências docentes, se mostraram mais dinâmicas e interessantes as aulas em que se consideraram os entendimentos espaciais e as referências dos estudantes e dos professores como centrais em termos de conteúdos; segundo, o desempenho dos professores é muito exposto a problemas sociais, apesar disso, eles são muito capazes de trocar experiências de aprendizado de Geografia e com isso melhorar suas aulas; finalmente, as ferramentas tecnológicas são muito consideradas como expectativa para melhor refletir no ensino os aspectos de nossos espaços de vivência.

<p>O ENSINO DE FUNDAMENTOS DE CLIMATOLOGIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO TERCEIRO E QUARTO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTA</p>	<p>SIMONE PORTELIN HA RIVAROLI</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2016</p>	<p>Climatologia - Ensino de geografia - Livro didático</p>	<p>O presente trabalho tem como objetivo analisar diferentes coleções de livros didáticos em geografia, quanto a abordagem teórica – metodológica empregada para proporcionar a compreensão da climatologia no terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Para tanto, no primeiro momento contextualiza o surgimento da climatologia como ramo da geografia física e a contribuição da mesma para a consolidação da geografia como conhecimento acadêmico e como conhecimento escolar. Em seguida, avalia as mudanças de abordagem da geografia física acadêmica ao longo do tempo e o quanto as abordagens que surgiram chegam à geografia que se ensina nas unidades escolares. Considera que para avaliar esta transposição para a geografia que se ensina nas escolas, documentos importantes a serem avaliados são os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Programa Nacional do Livro Didático e, mais detidamente, o próprio livro didático. Assim, das coleções mais utilizadas pelos professores da rede pública brasileira, foram selecionadas três para realizar a avaliação, no que se refere aos conteúdos ligados à climatologia, a presença das imagens para esta temática e as atividades ofertadas para mesma. Da análise resultou que há uma preponderância da climatologia baseada em normais climatológicas, como dado estático que define o quadro regional. A perspectiva dinâmica da climatologia se apresenta quando o texto trata da diferenciação dos conceitos de tempo e clima e dos problemas ambientais urbanos. Mudança climática, principalmente aquela preconizada pelo IPCC e pela Política do Clima, está presente nos livros do quarto ciclo. Nos livros, que tratam mais de estudos regionais, seja no Brasil ou no mundo, o clima é posto como uma condição prévia do regional com pouca relação com os demais aspectos físicos e sociais. Entre as imagens presentes nos livros predominam as imagens prova sobre imagens simplesmente ilustrativas, mas ainda são poucas as imagens interpretativas. Quanto as atividades propostas, os livros apresentam, além de questões diretas sobre o texto, sugestões de livros, filmes e sites de busca na internet. Há poucas atividades que demandam a interação do aluno com a sua localidade</p>
<p>NA SALA DE AULA: A ÁFRICA DE MEUS ALUNOS</p>	<p>ROMISE INEZ DE LIMA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>Geografia; África; Imagens; Livro Didático; Aprendizagens</p>	<p>Esta dissertação tem como temática mostrar a visibilidade da África pelos alunos, estabelecida por diversas leituras de imagens inscritas em diversos locais. O estudo está ancorado na interface dos campos da Geografia e da Educação, por possibilitar tensionamentos nos significados construídos discursivamente sobre a África. E, também, por orientar os modos de fazer a pesquisa, onde foram utilizadas ferramentas teóricas trazidas devido aos conceitos de poder, discurso, identidade, alfabetização visual e juventudes, cujas quais, foram sendo operadas na medida em que fossem necessárias. Os dados do estudo foram extraídos de duas atividades didáticas realizadas com alunos da 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Porto Alegre – RS. As atividades foram as seguintes: Oficina 1 – A África Imaginada, onde os alunos fizeram um desenho e um pequeno texto sobre a África. A intenção é a de entender qual é o significado da África para os alunos antes de iniciar a estudá-la como conteúdo na disciplina. Oficina 2 – A África Capturada tem por objetivo compreender quais as leituras de África que os alunos fazem a partir da prática de elaborar um cartaz com imagens da África que se encontram nos seus livros didáticos. Com estes dados foi construído três focos de análises: Dos estilos africanos, os alunos escolheram imagens que mostram uma África homogênea em termos de estética e costumes. Dos modos de sustento, as imagens selecionadas pelos alunos trazem significados sobre os modos de viver tradicional dos africanos. Das paisagens, as escolhas foram endereçadas para as paisagens naturais. Constatou-se que, ainda após 10 anos da Lei 10.639, a África bipartida ainda existe, onde o seu lado bom é marcado pela sua grandiosa natureza, a qual remete a ideia de natureza (ronsonítica) intocada sem a intervenção humana, e seu lado ruim é evidenciado por imagens de miséria, pobreza, fome entre outras. Ambos os lados são produções que repetem as construções do discurso colonial hegemônico, reafirmando o preconceito sobre as formas atrasadas de viver no tempo, sem possibilidades de evolução tecnológica, onde nem a classificação capitalista nem a subdesenvolvida são consideradas. Evidencia-se ainda, efeitos do discurso escolar e midiático que produzem um aluno pouco crítico. Estas recorrências discursivas clamam pela urgência da necessidade de trabalhar mais e mais no deslocamento destes saberes para a produção de novos olhares</p>

O CINEMA COMO METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DO LUGAR: A VERSÃO CINEMATOGRÁFICA DO ATLAS MUNICIPAL ESCOLAR DE OURINHOS-SP	ROGÉRIO BORGES	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	Geografia	Mestrado	2020	Cinema, Ensino de Geografia, Lugar	Esta dissertação buscou um diálogo na interface em Geografia e cinema, com enfoque na linha de ensino de Geografia e suas possibilidades no desenvolvimento de múltiplas linguagens para a compreensão do espaço geográfico. Partindo do conceito de lugar segundo Doreen Massey (2008), foi adotado o município de Ourinhos-SP como estudo de caso, desenvolvendo e aplicando a versão cinematográfica do projeto "Diferentes linguagens no estudo do lugar: propostas e diálogos para Atlas Municipal Escolar". A partir de entrevistas com moradores e oficinas escolares de fotografia e cinema, produziu-se dois curtas-metragens com os temas "Localização e Identidade" e "Formação Territorial, Cultura e Memória", que agregaram em sua estética materiais audiovisuais extraídos de diversas fontes, como gravação live action, fotografias e vídeos produzidos pelos alunos, imagens de satélite e Street View do Google Earth, imagens feitas por drone, vídeos do Youtube, fotos do acervo histórico do município, imagens de televisão, músicas, obras de artistas plásticos locais, trechos de programas de rádios locais, entrevistas em áudio, entre outros. Os resultados e discussões explanados nesse trabalho buscaram uma Geografia composta por múltiplas linguagens, sendo a experiência do cinema um dispositivo para que professores e educandos incorporem em suas práticas imagens, sons, histórias, paisagens, valores, tempos e as diversas subjetividades que compõem o lugar.
GEOGRAFIA E IMAGEM: A FOTO-SEQUÊNCIA COMO METODOLOGIA PARTICIPATIVA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA	Roberto Souza Ribeiro	Universidade Federal de Santa Catarina	Geografia	Mestrado	2013	O uso da Foto-sequência I, Ensino de Geografia 2; metodologia participativa em Geografia 3;	O desenvolvimento deste estudo está pautado em três distintos eixos, sendo o primeiro pertencente ao Ensino de Geografia, o segundo a Metodologia Participativa e o terceiro as Imagens no Ensino de Geografia. Tivemos como objetivo principal dialogar sobre o uso das fotografias sequenciais como disparador e problematizador de conceitos no ensino de geografia. As fotografias sequenciais captadas pelos próprios alunos, aqui chamadas de foto-sequencia foram desenvolvidas em duas escolas públicas do ensino fundamental II, equivalentes ao 9º ano. Esse trabalho descreve um pouco sobre o processo de estudo da análise da imagem em um viés geográfico e demonstra como se sucedeu a aplicação prática no ensino de Geografia.
IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	RENATA MARIA DE ALMEIDA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE	Geografia	Mestrado	2013	Geografia; imagens; linguagem; espaço geográfico; livro didático.	O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as imagens do livro didático como recurso metodológico para o ensino da categoria do espaço geográfico. Investigou-se o terceiro volume da coleção Território e Sociedade no mundo globalizado dos autores Anselmo Lazaro Branco, Cláudio Mendonça e Elian Alabi Lucci, utilizado pelos alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Arnaldo Busato, no município de Coronel Vivida – PR. No desenvolvimento da pesquisa, abriu-se uma discussão teórica sobre as principais categorias da Geografia; trabalhou-se a imagem buscando a sua aproximação com as abordagens sobre linguagem desenvolvidas por Mikhail Bakhtin, trazendo, para o contexto da pesquisa, conceitos tais como signos, significação, enunciados, sentido; realizou-se uma leitura do Edital do Guia do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) – 2012, a fim de que fossem verificadas as exigências às quais devem estar submetidas as ilustrações do livro didático. Foi apresentada uma abordagem sobre a evolução na estruturação gráfica dos compêndios didáticos. Como parte composicional dos resultados da pesquisa, submetem-se as imagens da obra didática à análise qualitativa, objetivando averiguação das possibilidades oferecidas para a representação do espaço geográfico, visto que as imagens são bem expressivas em sua variedade (charges, mapas, fotografias, pinturas, gravuras, tabelas, gráficos), no entanto, são mal trabalhadas no compêndio didático. Foi utilizada também a coleta de dados por meio de questionários submetidos aos alunos e professores interessados, com os diferentes pontos de vista sobre as ilustrações da obra e a representação do espaço. Por meio dos resultados apresentados nesta pesquisa, espera-se contribuir no melhor aproveitamento da imagem como linguagem, elencando a sua importância para a compreensão dos saberes geográficos.

O Ensino de Geografia apresentado para o 6º ano na Educopédia SME/RJ	Renata Bernardo Andrade	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Geografia	Mestrado	2018	Ensino de Geografia, Educopédia, Currículo, TICs	<p>O presente trabalho tem como objetivo analisar o ensino de geografia no 6º ano do ensino fundamental a partir do uso da Educopédia, abordando os conteúdos da disciplina presentes no currículo da rede de acordo com as Orientações Curriculares da SME/RJ (2016). O mundo apresenta-se cada vez mais globalizado e tecnológico, a expansão do uso de TICs no cotidiano ampliou os diferentes modos de acesso ao conhecimento disponibilizado na internet. O meio-técnico-científico-informacional está presente no contexto atual, que é a concepção geográfica da globalização. Nesse contexto, os espaços são requalificados e atendem aos interesses dos atores hegemônicos da economia (neoliberalismo), da cultura, da política, e da educação sendo incorporados plenamente às novas correntes mundiais, atuando diretamente nos currículos escolares por todo o mundo. Foi abordado o currículo de geografia da SME/RJ, que deveria ensinar aos alunos uma maneira de ver o mundo, por meio de um modo de pensar geográfico, que os possibilitem aprender a ler a espacialidade diferencial, as origens naturais, sociais, políticas e econômicas da desigual produção do espaço geográfico. Além de estimular o olhar do aluno, para a compreensão do espaço como produto e produtor das relações existentes na sociedade e da sua forma de organização. A Educopédia em forma de projeto foi produzida por professores selecionados da própria rede, considerando as Orientações Curriculares do Município do Rio de Janeiro. O projeto consiste em atividades que incluem temas/conteúdos, com as respectivas competências, divididas em trinta e duas aulas digitais, por disciplinas, correspondentes às semanas do ano letivo. Vídeos, animações, imagens, textos, podcasts, quiz e jogos estão inseridos nas atividades, seguindo um roteiro pré-definido. A metodologia empregada nesta pesquisa é qualitativa, com base na análise dos conteúdos apresentados tanto na plataforma digital quanto nas Orientações Curriculares. De início, realizou-se coleta de dados referentes aos conteúdos descritos; e, por fim, a análise dos mesmos. Como resultado, concluiu-se que as Orientações Curriculares apresentam duas matrizes curriculares, resultando em certa confusão entre currículo organizado por competências e habilidades e o currículo centrado nos objetivos e conteúdos temáticas das disciplinas escolares, baseado em Lopes (2008). Foram analisados ainda os elementos predominantes como objetivos, competências e habilidades voltadas para o saber-fazer e reconhecer conteúdos da geografia organizados de forma tradicional. Pode-se resumir a organização curricular a partir de conteúdos, objetivos e ensino destes de forma a ter eficiência nos resultados. Observa-se como objetivos traçados para a aprendizagem dos alunos reconhecer, observar e identificar os elementos geográficos, de conteúdos específicos, mas os mesmos não foram aos aspectos do cotidiano. As sugestões de trabalho em sala para o professor aparentemente apresentam relação com o cotidiano do aluno, mas apenas de forma parcial, embora com uma roupagem e discurso moderno. Apresenta também um ensino de geografia tradicional reconhecendo apenas as diversidades e uso de tecnologias, sem criticar o poder hegemônico estabelecido.</p>
PRÁTICAS DE MAPEAMENTO E TERRITORIALIDADES: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE OS PATAXÓ DO MONTE PASCOAL	Lilian Bulbarelli Parra	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Geografia	Mestrado	2016	Pataxó. Cartografia. Etnomapeamento. Territorialidade. Terras Indígenas.	<p>A narrativa cartográfica que associa os mapas à dominação de territórios indígenas por terceiros não é novidade. Concepções cartográficas contemporâneas bem demonstram tal relação, ao mesmo tempo em que apontam para alternativas teórico-práticas criativas. Na presente dissertação, abordamos uma experiência de mapeamento que ocorreu entre os anos de 2007 e 2011 nas Terras Indígenas Barra Velha, Águas Belas e Barra Velha do Monte Pascoal. Tivemos como objetivo geral analisar o processo de mapeamento de forma a identificar as contribuições do diálogo entre as distintas práticas de mapear que emergem como elementos de territorialidades coexistentes entre os Pataxó do Monte Pascoal. Para tanto, identificamos e descrevemos as práticas de mapeamento, assim como as noções de território e territorialidade que permearam o processo; caracterizamos as práticas com aporte de geotecnologias por meio do diálogo entre estar em territórios Pataxó e observá-los de fora e de cima, na perspectiva dos mapas e imagens, de forma a identificarmos suas contribuições no que tange aos reflexos dos processos de territorialização nos ambientes; por fim, analisamos os mapas temáticos reinscrevendo-os em um continuum inerente aos mapeamentos, de modo a apontar incongruências e possibilidades na compreensão de territórios. Caracterizada como sendo exploratória e qualitativa, inspiramos a pesquisa na abordagem territorial integradora e em reflexões oriundas da cartografia pós-representacional. Pautamos em revisão bibliográfica e cartográfica, análise de documentação audiovisual e fotográfica, mapas e imagens de satélite, revisitando os caminhos do referido mapeamento. Apontamos para a conjugação de práticas de mapeamento e como possibilidade de ampliação das relações entre mapas e territórios inscritos em um processo de coconstrução emergente.</p>

<p>Fotoatlas: uma cartografia de gênero em imagens de livros didáticos de Geografia</p>	<p>Larissa Corrêa Firmino</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2020</p>	<p>Livros didáticos de Geografia 1. Gênero 2. Ensino de Geografia 3. Fotografias 4. Geografias Feministas.</p>	<p>A Tese – Fotoatlas: Uma Cartografia De Gênero Em Imagens de Livros Didáticos De Geografia – realiza uma leitura sobre a produção das representações de gênero por meio de imagens fotográficas veiculadas por livros didáticos de Geografia destinados ao Ensino Fundamental. As obras que selecionadas como material empírico desta investigação foram aquelas aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD em 2016 e que circularam nas escolas públicas brasileiras nos anos de 2017, 2018 e 2019, com foco nos exemplares mais escolhidos pelas Professoras e Professores de Geografia da rede pública no município de Florianópolis – SC. A pesquisa transitou por dois campos de produção de saberes distintos: os Estudos Culturais em Educação as Geografias Feministas em suas aproximações com vertentes pós-estruturalistas de análise, no desejo de complexificar o livro didático de Geografia como potente artefato escolar na formação das representações sociais, bem como, integrar um caminho de construção de equidade de gênero no Brasil. Os livros didáticos foram compreendidos nesta investigação como um artefato cultural que produz e veicula significados, fabricando verdades e as pondo em circulação atuando tal qual uma peça da maquinaria escolar insere em uma arena política cujo jogo autoriza certos discursos e desautoriza outros. Imersa neste enredo e mobilizando a cartografia como método, esta pesquisa buscou responder a seguinte pergunta central: como as imagens fotográficas dos livros didáticos de Geografia criam representações sobre a relação entre espaço e gênero? Nesta direção, foram mobilizadas as noções de poder, discurso e linguagem no esforço de problematizar o livro didático de Geografia como construção cultural discursiva no processo educativo. Em seguida, foram analisadas as imagens fotográficas de mulheres e homens como componentes dos discursos de gênero, e criado um fotoatlas para que fossem identificadas as relações de gênero na compreensão do espaço. Por fim, a Tese apresenta o funcionamento de um conjunto de mecanismos de poder que atuam nas fotografias destes livros didáticos de Geografia e que produzem uma acentuada hierarquia de gênero, vinculando-a ao pensamento espacial geográfico.</p>
<p>O ESTUDO DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DE ALUNOS CEGOS PARA O ENSINO DE CONCEITOS CARTOGRÁFICOS</p>	<p>PATRÍCIA ASSIS DA SILVA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Representação Espacial, Organização Espacial, Alunos Cegos, Relações Sociais</p>	<p>Esta dissertação apresenta a pesquisa desenvolvida com alunos cegos do Instituto São Rafael, localizado no município de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, na região sudeste do Brasil. O objetivo do trabalho foi investigar como os alunos cegos do Instituto São Rafael organizavam e representavam o espaço e como esses conhecimentos poderiam ser utilizados para abordar conceitos cartográficos. Para isso foram: construídas maquetes e mapas táteis de locais vividos dos educandos, como a sala de aula e a escola (Instituto São Rafael), utilizando técnicas consagradas da Cartografia Tátil; realizados diálogos dirigidos para investigar quais referências os alunos cegos utilizam para se deslocar no espaço; solicitado que os educandos representassem em mapas, maquetes e desenhos suas imagens mentais. Os dados foram analisados tendo como base a Perspectiva Sociocultural proposta por Lev Semenovitch Vigotsky. As análises dos resultados indicam que os alunos cegos do Instituto São Rafael utilizam em sua organização do espaço a organização de rotas, o espaço-tempo, informações atributivas, a distância funcional, os sentidos do tato (propriocepção e sistema somatossensorial), audição e olfato juntamente com os processos psíquicos superiores e pontos de referência significativos para si. Os resultados e análises indicam ainda que em suas representações os alunos cegos utilizam: a distância funcional; organização configuracional; relações espaciais entre os objetos como vizinhança, posição, localização, ordem, envolvimento, continuidade; simbologia; redução proporcional. Os conceitos usados pelos educandos cegos durante a organização e representação do espaço podem ser utilizados para mediar conceitos cartográficos como escala, legenda, orientação, representação tridimensional e representação bidimensional. Destacamos a importância de trabalhar com locais próximos ao cotidiano dos educandos cegos, e partir de ambientes físicos menores para ambientes físicos maiores, não entregando o material didático como produto acabado, mas criar situações problemas que instiguem os alunos cegos a refletir sobre as relações espaciais entre os objetos. Concluímos que, ao pesquisar como a pessoa cega organiza e representa o espaço significa investigar as relações sociais que ela possui com o local, por isso, é importante ouvir os educandos para compreender suas organizações e entender a enunciação de suas representações.</p>

<p>O USO DO SENSORIAMENTO REMOTO COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA AÇÃO PEDAGÓGICA</p>	<p>GUSTAVO MARQUES BORGES</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2015</p>	<p>Ensino de Geografia, Recurso Didático, Imagens de satélite, Formação de professores</p>	<p>A presente dissertação é resultado de uma investigação que procurou analisar os mecanismos de ação docente diante da utilização das ferramentas e produtos de Sensoriamento Remoto, por parte dos professores do ensino médio, da rede pública de ensino em Recife, nas aulas de Geografia. Partiu-se da hipótese central que embora o uso de imagens de satélites e fotografias aéreas sejam muito utilizados pela mídia, em filmes, em atlas e em muitos livros didáticos, que ilustram e exemplificam diversos conteúdos curriculares com as imagens de satélite, poucos educadores ainda exploram o Sensoriamento Remoto como recurso didático, tornando-se um campo de possibilidades e desafios para a construção de aprendizagens e saber fazer. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o uso do Sensoriamento Remoto, por parte dos professores do ensino médio, da rede pública de ensino em Recife, nas aulas de Geografia e sua relação com o desenvolvimento de competências para apreensão dos conceitos geográficos. A pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: Qual é a base de conhecimento e a formação do professor de Geografia do ensino médio em Sensoriamento Remoto? Quais as dificuldades dos professores para a utilização do Sensoriamento Remoto nas aulas? As escolas oferecem recursos para o uso dessa ferramenta? Quais ferramentas, além do Sensoriamento Remoto, que tem sido utilizadas pelos professores, nas aulas, para a análise das mudanças e transformações ocorridas no espaço? Os resultados da pesquisa mostram que a razão principal pela qual a maioria dos professores não utilizam os produtos do Sensoriamento Remoto, em especial as imagens orbitais, em suas aulas, não é a falta de infraestrutura física e computacional das escolas pesquisadas, mas sim por falta de conhecimentos técnicos e pedagógicos acerca da tecnologia uma vez que embora a maioria das escolas pesquisadas tenham estrutura física e computacional que permitam o uso do Sensoriamento Remoto nas aulas de Geografia, muitos professores não tem feito uso desta tecnologia e que os mesmos utilizam como recurso didático, para análise espacial, mapas em papel. Identificou-se, também, que existe, por parte dos professores, o interesse em aprender, e utilizar, os produtos do Sensoriamento Remoto em suas aulas, mas que muitos ainda não o tem feito por diversas razões, tais como: a excessiva carga de trabalho que levam para casa diariamente, a grande quantidade de aulas ministradas em um mesmo dia o que demanda tempo para elaborar aulas mais dinâmicas.</p>
<p>A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO MOTIVADOR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA</p>	<p>MAURO SÉRGIO CARVALHO</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Ensino de Geografia, Fotografia, Instrumento Motivador.</p>	<p>O processo de ensino e de aprendizagem da disciplina Geografia na Educação Básica num contexto factual sempre esteve permeado de informações concretas em práticas descritivas de memorização, resultando numa crise de identidade do estudante com o componente curricular Geografia. Contudo, a utilização de fotografias como instrumento didático motivador pode representar uma ação de grande relevância, proporcionando um suporte no processo de internalização da informação e do conhecimento. Dessa forma, o presente estudo se pauta em possibilitar a professores, estudantes e pesquisadores, uma proposta a ser observada como alternativa na busca e implementação docente de instrumentos e técnicas de ensino que venham a motivar o aluno a despertar interesse pelas aulas de Geografia. Assim, analisa de que maneira o uso de fotografias contribui didaticamente na construção e na aprendizagem do saber Geográfico. Apresenta como laboratório de investigação a escola CEJAR – da Rede Pública Estadual de ensino na cidade de Aquidauana-MS, tendo como público alvo alunos do Ensino Médio, partindo de uma observação da inter-relação que se estabelece quando se ministram as aulas de Geografia auxiliadas com análise de fotografias, sejam elas de outros autores ou produzidas pelo próprio aluno. Nesse sentido, ancorou-se num aporte teórico sobre o uso de imagens relacionado ao ensino da Geografia, sobretudo, a relação indissociável entre Fotografia e Geografia. Para o feito, desenvolveu-se um projeto pedagógico escolar intitulado: Conhecendo o seu Lugar por meio da Fotografia, que envolveu quatro etapas fundamentais: desenvolvimento de aulas aprofundadas sobre os temas geográficos; estudos para compreensão dos conceitos de “iconografia” e “iconologia” em relação a fotografias; análise crítica e interpretações sobre as fotografias apresentadas, relacionando-as com os conhecimentos sobre a Geografia e a temática discutida pelo professor e alunos; e, apresentação dos resultados apontados pelo experimento, a fim de se compreender quais as alterações na percepção do aluno, após o uso de fotografias nas aulas. Os resultados apontaram que há uma aproximação da Fotografia com o Ensino da Geografia e com o aluno, sempre que o professor consegue compartilhar seu conhecimento e domínio dos temas geográficos associando às técnicas de interpretação da imagem, passando então a fotografia a ser instrumento facilitador para que o aluno deixe de expectador para se tornar agente capaz de entender e documentar a sua história e sua participação na construção do seu lugar.</p>

<p>A CARTOGRAFIA ESCOLAR E AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES DAS GEOTECNOLOGIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL</p>	<p>Maurício Rizzatti</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Cartografia Escolar. Geografia. Teoria das Inteligências Múltiplas. Geotecnologias. Espaço Vivido.</p>	<p>A Geografia sempre esteve ligada às linguagens dos mapas, que atuam como um sistema de representação composta por signos que retratam aspectos físicos e humanos da realidade. Assim, atividades centradas nos alunos permitem compreender o local onde estão inseridos. Na Cartografia Escolar é possível desenvolver recursos vinculados ao espaço vivido por meio da aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas (IM), propostas por Howard Gardner. Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo geral estudar/identificar a contribuição da Teoria das Inteligências Múltiplas a partir do uso de geotecnologias na construção de conhecimentos geográficos e cartográficos no Ensino Fundamental. A pesquisa tem enfoque quali-quantitativo, pois discute elementos subjetivos referentes a aprendizagem, bem como quantifica os dados levantados para embasar a discussão. Em um primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre IM, Cartografia Escolar e geotecnologias para fundamentar a pesquisa. Após, para responder os objetivos propostos, aplicou-se uma sequência didática na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, situada no bairro Camobi, em Santa Maria (RS), no 8º ano, em 2018. No primeiro contato com os discentes, foi realizada a aplicação de um questionário para avaliar o conhecimento prévio em Cartografia. Posteriormente, aconteceu uma oficina pedagógica em que foi explanado aos sujeitos da pesquisa conceitos referentes à Cartografia e as técnicas e práticas de mapeamento, além de motivar as IM. Em seguida, aconteceu a elaboração de um mapa base da região central do bairro Camobi (analógico) e outro de uso e ocupação da terra do bairro Camobi (digital). Além disso, realizou-se um trabalho de campo, em que foi possível a revisão de conceitos cartográficos abordados durante a oficina pedagógica, além da motivação de Inteligências Naturalista, Espacial, Lógico-Matemática e Pessoais, principalmente. Para finalizar, aplicou-se novamente um questionário que serviu para avaliar a compreensão dos estudantes das temáticas desenvolvidas. A partir da análise dos questionários, notou-se que a atividade apresentou resultados positivos, sendo verificada uma evolução das variáveis desenvolvidas. Ademais, os alunos demonstram interesse pelo uso de geotecnologias (imagens de satélite, GPS, programas de mapeamentos) nas aulas de Geografia. Além disso, a maioria dos alunos conseguiu assimilar conceitos pertinentes a orientação espacial utilizando pontos cardeais e colaterais, a estimação de distância, a tipos de visões e no alfabeto cartográfico após a realização da atividade. O exercício de identificação das paisagens em documentos cartográficos, no segundo questionário, foi realizado por meio das IM (Musical, Espacial, Intrapessoal e Pictórica), apresentando um ótimo resultado. Recomenda-se que os professores conheçam a IM como ferramenta inovadora de aprendizagem, para permitir o desenvolvimento de atividades que contextualizem o espaço vivido dos alunos, permitindo-os compreender de diversas maneiras uma temática, com base em seu conhecimento subjetivo. Ressalta-se que as aplicações das IM contribuem para uma maior eficiência no processo de ensino aprendizagem.</p>
<p>ALUNOS BRASIGUAIOS EM MOVIMENTO NA TRÍPLICE FRONTEIRA</p>	<p>MARGARETE FRASSON</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>Aluno brasiguaiou; Tríplice Fronteira; Educação e ensino de Geografia; Santa Terezinha de Itaipu.</p>	<p>No final do século XX e início do século XXI, as fronteiras ganham novo significado pela formação de blocos econômicos. Relacionando esse fenômeno com educação, detecta-se que sobre ela atuam forças exercidas pelo Bloco Econômico e pelos Estados nacionais. No sentido de compreender o movimento dos alunos brasiguaios na Tríplice Fronteira (BR, PY e AR), procura-se reconstruir o processo educativo na região fronteiriça do Estado do Paraná-BR e Departamento de Alto Paraná-PY. Para tanto, busca-se mapear as fronteiras percebidas e vividas no contexto escolar, dentro da dinâmica estrutural do ensino, norteadas pelo Bloco Econômico Mercosul. Por meio de fontes primárias, entrevistas e história oral, formulários autopercebidos, análise de documentos da legislação, estudo dos prontuários dos alunos, representação da fronteira constituída pela fotografia (foto-resposta), obtêm-se os dados necessários a esse mapeamento, dados que são estruturados em forma de gráficos, de tabelas, de quadros demonstrativos, de imagens e de mapa conceitual. No diálogo com diferentes autores, faz-se a abordagem geográfica do binômio educação-globalização, pela categoria de interpretação teórico-conceitual fronteira. Destaca-se o reflexo desse sistema na educação dos sujeitos que estudam em instituições de ensino situadas em área fronteiriça. Para o desenvolvimento do estudo, priorizaram-se quatro instituições de ensino públicas brasileiras de educação básica do município de Santa Terezinha de Itaipu Paraná/Brasil (região fronteiriça, inserida no espaço da Tríplice Fronteira), que apresentam maior demanda de alunos estrangeiros (brasiguaios), matriculados em 2012 e apresentam histórico de vida escolar no Brasil e no Paraguai, havendo cursado anos letivos do Ensino Fundamental no período de 2002–2011 (tempo de existência da segunda década do Setor Educacional do Mercosul – SEM). Como saldo importante da análise, busca-se evidenciar as possibilidades e os limites postos a esse sujeito fronteiriço – o aluno brasiguaiou.</p>

<p>MÉTODO EXPLORATÓRIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: uma aplicação didática, baseada na Percepção Ambiental e na Análise Espacial, junto aos professores do ensino médio público estadual localizados na área de entorno das represas de Jaguára, Igarapava e Volta Grande – MG/SP</p>	<p>Wallace Carvalho Ribeiro</p>	<p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2014</p>	<p>Meio Ambiente. Percepção Ambiental. Análise Espacial. Método exploratório de Educação Ambiental. Formação de Professores</p>	<p>A concepção de Meio Ambiente (MA) predominante no Ocidente é a de que o Homem é um ser separado e superior aos fenômenos, elementos e formas do biótico e do abiótico. A constituição da sociedade urbano-industrial, como também da atual sociedade pós-moderna, globalizada e desenvolvida deve-se a inexorável apropriação e, digo até, usurpação dos recursos naturais nunca antes constatada na história humana. Essa se deu e ainda se dá pautada em uma visão filosófica de que o MA está a dispor dos interesses e necessidades humanas. A Educação Ambiental (EA), por conta disso, é um dos campos teórico e prático capaz de ajudar favoravelmente a reverter esse panorama. Tal processo pedagógico pode estudar e trabalhar as percepções, valores e ações de/ com indivíduos e coletividades em prol da superação da crise ambiental atual e na melhoria das condições ambientais se dedicando a diversos temas e situações. Utilizando-se de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observações sistemáticas de campo, questionários, imagens de satélite, mapas temáticos, cálculos da estatística espacial, Análise de Componentes Principais, superfícies geostatísticas e figuras fez-se um estudo exploratório que objetivou elaborar e aplicar método exploratório de EA, com base na Percepção Ambiental (PA) e em alguns dos principais instrumentos da Análise Espacial, junto aos professores do ensino médio público estadual localizados na área de entorno das represas de Jaguára, Igarapava, Volta Grande – MG/SP. Os resultados nos indicam que tal elaboração e aplicação do método exploratório de EA: abre novos caminhos ambientalmente pedagógicos sobretudo relacionado ao tema "Formação ambiental de professores de Educação básica localizados em áreas de barragens"; contribui cientificamente para a busca de soluções ambientalmente sustentáveis e interdisciplinares na área de estudo e também em outras áreas de pesquisa por outros pesquisadores; criou materiais pedagógicos, tais como o site e a cartilha; ajudou a formar e a motivar pessoas, pois o mesmo é um processo didático que continuará na área de estudo mesmo com o término da pesquisa; e em linhas gerais fortalece a Geografia, a EA e a Educação em geral ao exaltar a interdisciplinaridade e a abertura epistemológica. No que tange especificamente a formação ambiental dos docentes promoveu-se a formação e a sensibilização direta de 105 e indireta de 213 docentes participantes da pesquisa; esperança de que esses se reconheçam como parte integrante do MA e de sua Bacia ou Sub-Bacia Hidrográfica próxima; que conheçam alguns dos problemas ambientais que estão ocorrendo na região; que identifiquem que a resolução dos problemas ambientais no nosso ambiente próximo (Bacia ou Sub-Bacia Hidrográfica) é de responsabilidade de todos; que continuem (re)criando no presente e no futuro atividades e projetos de EA voltados para a área de estudo junto com seus alunos, colegas professores e sua comunidade próxima de trabalho e residência; e assim permaneçam engendrando uma rede de relações entre professores, projetos, ações, áreas, alunos e temas afins.</p>
<p>Para além do homogêneo: A representação imagética da região Nordeste nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II</p>	<p>FERNANDO RIBEIRO COSTA SILVA</p>	<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>ensino-aprendizagem, ensino de geografia, região, nordeste, imagens.</p>	<p>A presente dissertação visa analisar as imagens introdutórias dos capítulos da região Nordeste encontrados nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017. A abordagem por região está presente em dez das onze obras aprovadas pelo programa. Desta forma, a região é uma referência para as aulas de Geografia do Ensino fundamental II. Para a construção das várias propostas sobre a região Nordeste foi feito um levantamento histórico-geográfico desta temática. A partir destas coleções elementares do sistema educacional, a fundamentação teórica da análise das imagens teve como base os conceitos da semiótica, como: dominante, estranhamento, contextualização e quadro semiótico. Sendo os principais autores Lucrécia D'Allessio Ferrara e Antonio Pietroforte. O estudo das imagens constatou a presença de uma permanência da ruralidade do espaço nordestino com fraca relação das redes e expansão do sistema econômico com outras escalas geográficas maiores que a expressão local. Esta permanência de fracas relações econômicas, ausente de choques culturais, dificulta a interpretação do Nordeste como um espaço repleto de contradições, problemas sociais contemporâneos e sua função na divisão territorial do trabalho. Assim, pretende-se colaborar para a necessidade de abordagem mais plural das imagens desta região, já que funcionam como paisagens para a fruição dos alunos deste segmento.</p>

<p>A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ASSENTAMENTO LAGOA DO MINEIRO, EM ITAREMA (CEARÁ): ENTRE DISPUTAS E CONQUISTAS</p>	<p>FÁBIO DA SILVA OLIVEIRA</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Educação do Campo. Reforma Agrária. Território Camponês. Políticas Públicas</p> <p>Esta pesquisa teve como objetivo analisar a construção da educação do campo no assentamento Lagoa do Mineiro, procurando compreendê-la como um processo em movimento, um processo de disputa e resistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nas escolas de ensino fundamental e médio do campo. Foi uma pesquisa do tipo exploratória com abordagem qualitativa, realizada no assentamento Lagoa do Mineiro. O cenário educacional do assentamento conta com oito escolas, sendo duas de ensino infantil, quatro de ensino fundamental I, uma de ensino fundamental II e uma escola de ensino médio. Os sujeitos do estudo foram representantes das comunidades do assentamento, educandos, educadores e gestores das escolas de ensino fundamental e médio, assim como representantes da Brigada do MST no assentamento, do Setor de Educação do MST no Ceará e da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC). O período da pesquisa foi entre os meses de fevereiro de 2015 e março de 2017. A coleta de informações se deu através da elaboração de mapas, do acesso e da apreciação de documentos e imagens, da aplicação de um instrumento tipo questionário para o levantamento situacional e foram utilizados roteiros de entrevista semiestruturada, destinados à coleta de informações dos sujeitos da pesquisa que foram esclarecidos quanto à relevância do estudo e tiveram autonomia para participar dele. A educação ganhou papel fundamental na formação dos sujeitos, pois tem a tarefa de politizar a classe trabalhadora, contribuindo para que sujeitos do assentamento Lagoa do Mineiro, vinculado ao MST, percebessem que um dos principais caminhos para a reforma agrária popular seria através da educação do campo. Dessa forma, houve o entendimento de que não bastava que a escola estivesse instalada no campo, mas ela deveria estar direcionada aos projetos de educação e sociedade da classe trabalhadora. Então, para que se asseque o projeto de educação do campo, desde as séries iniciais até a universidade, como é pretendida pelos camponeses e o MST, a luta deve continuar diariamente, em todos os momentos e espaços além do ambiente escolar. Evidenciamos que a educação do campo deve contemplar a formação política em todos os momentos de aprendizagem, perpassando toda a trajetória escolar do educando, não se limitando apenas ao ensino médio, sendo essencial na formação crítica dos camponeses. Percebemos que deve ser contínuo o esforço para que haja a consolidação do projeto popular de educação do campo no assentamento Lagoa do Mineiro, no qual a escola tenha a presença constante da comunidade e se torne um espaço de luta em todos os momentos, onde os educandos possam aprender com a sua própria história, os educadores estejam comprometidos para atuar como construtores do conhecimento crítico e os gestores estejam dispostos a assumir uma postura combativa contra os interesses do Estado.</p>
<p>GEOGRAFIA E ARTE: O USO DE IMAGENS PICTÓRICAS COMO POSSIBILIDADE PARA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE NATUREZA EM SALA DE AULA</p>	<p>ELIS MODENA</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>conceito de Natureza; Geografia; imagem pictórica; ensino</p> <p>Apresentamos uma pesquisa que se define e se realiza como uma proposta didática de problematizar/discutir o conceito de Natureza em sala de aula a partir de imagens pictóricas. Para tanto, num primeiro momento, buscamos compreender e refletir sobre as principais concepções que norteiam a visão moderna de Natureza, sendo elas: a Utilitarista, a Romântica e a Materialista. Num segundo momento, procuramos destacar a importância das imagens pictóricas na compreensão do conceito de Natureza. No cumprimento dessa tarefa, apresentamos o conceito de paisagem dentro de uma abordagem cultural e, em seguida, realizamos um apanhado na história da pintura de paisagens, percorrendo desde o Renascimento até os dias de hoje. Num terceiro e conclusivo momento, apresentamos possibilidades do professor de Geografia trabalhar com pinturas paisagísticas para discutir o conceito de Natureza, analisando e ponderando a utilização dessa metodologia perante os obstáculos do aprender/ensinar geográfico na escola.</p>

<p>EDUCAÇÃO BILÍNGUE E GEOGRAFIA NAS ESCOLAS DE SURDOS</p>	<p>FERNAN DA SANTOS PENA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2018</p>	<p>Bilinguismo. Estudos Surdos. Libras. Professores de Geografia. Recursos Didáticos.</p>	<p>A tese apresentada se insere no debate sobre o ensino de Geografia para estudantes surdos, considerando os pressupostos da Educação Bilingue. Como objetivo geral, propõe-se analisar como o ensino de Geografia está sendo realizado nas Escolas de Surdos pelo uso da pesquisa qualitativa. Foram pesquisadas seis Escolas de Surdos, localizadas nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e no Distrito Federal, durante os anos de 2015 a 2017. As pesquisas se iniciaram após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), realizando-se a observação não participante; e entrevista com cinco professores de Geografia; a aplicação de questionários com 42 estudantes surdos do 9º ano do Ensino Fundamental; e a análise dos Projetos Político Pedagógicos das escolas pesquisadas, de Decretos e de Leis municipais e estaduais específicas sobre a oferta da Educação Bilingue para surdos. Para as análises dos dados, utilizou-se a metodologia da Análise de Conteúdo. O estudo verificou que as Escolas de Surdos possuem histórias de luta e resistência no cenário atual, cujas políticas de inclusão defendem a matrícula dos estudantes surdos na escola comum. A maioria das escolas pesquisadas atua na perspectiva bilingue de ensino, adotando a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua, além de valorizar a cultura surda e as metodologias de ensino bilíngues. Possuem professores ouvintes proficientes em Libras, professores surdos, eventos e atividades culturais, o que desperta o sentimento de pertencimento nos seus estudantes. Todavia, constatou-se que ainda existem Escolas de Surdos que trabalham pautando-se no ouvintismo, pois suas práticas não reconhecem a cultura surda e utilizam a Libras apenas como meio para se ter acesso ao conhecimento produzido em português. Mesmo nessas escolas, os estudantes surdos se dizem mais bem atendidos, quando comparadas às escolas comuns, pois se identificam com as práticas pedagógicas visuais, encontram cotidianamente com seus pares e se comunicam em Libras. Sobre os conhecimentos geográficos, a maioria dos estudantes pesquisados considerou que a aprendizagem nas Escolas de Surdos é ótima, justificando que os professores se comunicam e ministram aulas em Libras, além de utilizarem recursos didáticos que exploram a visualidade, como o computador, projetor multimídia, TV, Internet, mapas, imagens, dentre outros. Concluiu-se que o ensino de Geografia realizado na Escola Bilingue de Surdos, com professores de Geografia formados na área, proficientes em Libras e com conhecimentos metodológicos para surdos, é realizado de modo satisfatório. São utilizados recursos didáticos visuais, aliados aos conhecimentos geográficos e pedagógicos dos professores, com aulas expositivas/dialogadas em Libras, a partir da experiência visual dos surdos. Como demandas para a melhoria do ensino nas Escolas Bilingues de Surdos, verificam-se a criação e a divulgação de sinais em Libras de Geografia, assim como de materiais bilíngues desse conteúdo, incluindo a produção do livro didático.1</p>
<p>SIGNIFICANDO O INVISÍVEL: PERCEBENDO O SABER GEOGRÁFICO</p>	<p>SAIONAR A REGINA PIRES RODRIGUES</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2020</p>	<p>aprendizagem; alunos; conhecimento significativo; docência</p>	<p>O presente trabalho mostra uma estratégia pedagógica aplicada com alunos do Ensino Médio numa escola pública em Porto Alegre e foi realizado nos anos de 2018 e 2019 que os capacitou a lerem as relações invisíveis que existem no ensino da disciplina de Geografia e seus contextos. Ao perceberem essas relações, eles construíram significados de acordo com a subjetividade proporcionando um aprendizado significativo. Foram usadas imagens com o intuito de associá-las as diferentes leituras de mundo e os alunos mostraram a existência de uma Geografia que os professores não dominam, a Geografia do aluno, diferente da Geografia da Academia e dos Livros Didáticos. A percepção do invisível pode ser a competência desenvolvida a partir do momento em que o aluno, ao ler o espaço, souber representá-lo, transformá-lo em texto, identificar e associar o que aprendeu em aula com as situações relacionadas ao seu cotidiano. Ao desenvolver a compreensão dos fundamentos dos processos não visíveis, relacionando a teoria com a prática, o aluno processa a informação, transforma em conhecimento e, por fim, significa no contexto do espaço geográfico. Assim sendo, as interações Professor-Aluno-Objeto determinam as aulas a seguir, pois a imagem pode ser a expressão do espaço vivido, misturando elementos com os quais se existiam mas mostra sua incompletude, pois a Geografia do aluno revela que é reconstruída sobre as bases anteriores, sucessivamente.</p>

GEOZINE: LINGUAGEM PARA O ENSINO DO CONTEÚDO DE REGIÃO NA GEOGRAFIA ESCOLAR	ANTONIO MARCOS GOMES DA SILVA	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Geografia	Mestrado	2018	Região. Geozine. Linguagem. Metodologia. Geografia escolar.	Esta dissertação tem como temática a linguagem no ensino de Geografia. Surge da seguinte problemática: quais as concepções teórico-metodológicas relacionadas à região que estão presentes no ensino de Geografia? Como o Geozine pode se constituir um artefato de combinações de linguagens diversas para o ensino de região, articulando diferentes escalas espaciais? As questões apresentadas nos conduzem a compreender o ensino do conteúdo de região, no âmbito do 7º ano, considerando o uso de diferentes linguagens em escolas públicas da cidade de Juazeiro do Norte. Metodologicamente realizou-se pesquisa exploratória em documentos como Projetos Políticos Pedagógicos-PPP, Regimentos Escolares-RE e o livro didático de Geografia utilizado nas escolas; fizemos observações e registros das aulas dos professores que ministram a disciplina de Geografia no 7º ano sobre o conteúdo regional com o propósito de identificar como se dá o uso das linguagens no ensino de região. A partir dessa exploração pudemos verificar lacunas quanto ao uso de linguagens diversas e situar o Geozine como uma linguagem que combina esteticamente diferentes elementos artísticos, textos em prosa e versos, imagens, colagens, que amplia as condições metodológicas para o ensino de Geografia. O Geozine é uma metodologia de ensino a partir da combinação que usa a arte e as linguagens criadas pelos alunos, onde o professor é o mediador que se refaz enquanto educador no recorte na sala de aula na medida em que potencializa a constituição do conteúdo no seu fazer pedagógico. Para dar consistência teórica ao trabalho foram importantes as contribuições de Deleuze e Guattari (2001) e Vygotsky (1998) sobre conceito e sua formação na mente humana; Cavalcanti (1998) no entendimento dos conceitos na escola, e Couto (2006) como se forma o conceito. Magalhães (2013) sobre os fazeres: Mikhail Bakhtin (1981), Chauí (2001) na discussão sobre linguagem; e Costa (1971 e 1972) e os seus estudos sobre a linguagem didática, e Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) na perspectiva do uso das linguagens na Geografia escolar; Oliveira Junior (2017) e Ferraz (2017) no entendimento de Geografia a partir das linguagens como possibilidade de refletir o espaço geográfico.
ESTUDANTES-CARTÓGRAFOS: MAPAS COLABORATIVOS, CELULARES E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA.	PATRÍCIA SILVA LEAL COELHO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	Geografia	Mestrado	2016	Mapeamento Colaborativo, Cartografia, Novas Tecnologias, Ensino	A criação de mapas e o ato de mapear, durante muito tempo, ficou restrito a um grupo de pessoas ou à instituições. A partir da virada espacial ocorrida no fim do século XX, somada às inovações tecnológicas observadas no início do século XXI, a Cartografia ganhou novas características, seja pelo modo de produção de conteúdo, seja pela maneira como esse conteúdo é compartilhado. Essas novas possibilidades geram atravessamentos e novas potencialidades. A fim de entender melhor como ocorrem essas novas relações, entre a elaboração de mapas e as novas tecnologias de informação e comunicação, usou-se como forma de reflexão e análise uma unidade escolar, cujos estudantes estão na etapa final da educação básica (Ensino Médio), de um bairro localizado dentro do município da Serra, do qual, a região da Grande Jacaraípe. Para tanto, observou-se o manuseio e interação entre dispositivos tecnológicos e potencialidades de mapeamento para a geração de dados. Dados esses, obtidos através de mapas digitais, vídeos, fotos, croquis entre outros. Essas possibilidades permitem, assim, entender melhor quais as relações dos indivíduos com o espaço e quais os processos gerados a partir dessas relações.
EXPERIMENTOS GEOGRÁFICOS EM EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIA DE UM VÍDEO-MAPA COM FRONTEIRAS	WAGNER SOUZA GOULART	UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS	Geografia	Mestrado	2017	Cartografia, Vídeo-mapa, Experimento, Ensino	Este trabalho se propõe a investigar o uso da linguagem audiovisual em vídeos produzidos por estudantes do Ensino Médio, da rede pública estadual do município de Ponta Porã (MS), enquanto vídeo-mapa, como potência cartográfica voltada ao ensino de Geografia. Partimos de representações que os estudantes possuem sobre a(s) fronteira(s), pois residem em um local de limite internacional entre Brasil e Paraguai, que reforça percepções, pensamentos, vivências sobre o conceito de fronteira(s). O experimento produziu quinze vídeos, resultando em um vídeo final: Investigações geográficas para o ensino: um vídeo-mapa com fronteiras. As investigações se orientam em apresentar o vídeo-mapa enquanto potência cartográfica voltada ao ensino, identificando as concepções, entendimentos e representações que os estudantes filmaram sobre a(s) fronteira(s) e suas rasuras e/ou fissuras apresentadas nas imagens e em seus discursos, por vezes reprodutores de uma percepção oficial de Estado, ou demonstrando confusões conceituais de vivenciar o entre-lugar do cotidiano da localidade. Buscamos através das imagens e falas associadas com os conceitos propostos por autores como Doreen Massey, Gilles Deleuze e Felix Guattari, entre outros, que nos referenciam a tratar o experimento como linguagem que dialoga com o discurso geográfico, o ensino de geografia e as territorialidades dos estudantes nos lugares que experienciam a vida.

<p>UM ESTUDO PARA ELABORAÇÃO DE ATLAS MUNICIPAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA INCLUSIVA: O ATLAS ADAPTADO DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS</p>	<p>TAMARA DE CASTRO RÉGIS</p>	<p>Universidade Federal de Santa Catarina</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2016</p>	<p>Atlas Tátil Municipal. Educação Geográfica Inclusiva. Deficiência Visual. Cartografia Tátil.</p>	<p>Essa dissertação teve como objetivo propor um modelo de atlas geográfico escolar municipal na perspectiva da educação inclusiva, de modo a servir como recurso didático para o estudo do espaço geográfico por estudantes com e sem deficiência visual. Definiu-se Florianópolis para confeccionar o atlas modelo, devido a carência de materiais didáticos referentes a esse município e, também, da necessidade da acessibilidade à eles pelos diferentes estudantes que frequentam o ensino regular. Para tanto foram utilizados distintos procedimentos metodológicos tais como, pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, visitas técnicas, confecção de recursos didáticos táteis com a utilização da metodologia LabTATE, e a avaliação dos recursos por pessoas com e sem deficiência visual. Decorrente deste trabalho destaca-se a sistematização de um referencial teórico metodológico que pode ser empregado para a elaboração de outros atlas escolares adaptados, além da confecção do um atlas adaptado do município de Florianópolis com uma versão tátil, em braille e alto relevo para pessoas cegas e uma versão com um padrão de letra maior e cores contrastantes para pessoas com baixa visão que também pode ser utilizado por pessoas sem deficiência visual. Este atlas será disponibilizado em uma versão simplificada impressa de mapas táteis e baixa visão e imagens táteis no setor de acessibilidade da biblioteca central da UFSC e uma versão eletrônica do atlas completo, com mapas, textos, imagens e gráficos será hospedada no website do Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar (LabTATE)</p>
<p>A CONTRADIÇÃO ENTRE A IMPORTÂNCIA E O USO DO GOOGLE EARTH COMO RECURSO DIDÁTICO</p>	<p>ÁBIO STRE</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>Google Earth, Tecnologias no Ensino, Imagens, Cartografia Escolar</p>	<p>O objetivo principal desta pesquisa foi a busca de respostas, a partir do uso das imagens do Google Earth, para o ensino de conteúdos da Geografia, nas escolas públicas do Paraná, utilizando como recorte e amostragem escolas do Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão e também refletir sobre o ensino da Geografia ao abordar como ocorre o processo didático-pedagógico no domínio das categorias e da técnica da informação geotecnológica em alguns aspectos das relações pedagógicas, principalmente a leitura das representações espaciais. O desafio consiste na compreensão do espaço geográfico por meio do uso da tecnologia no ensino uma vez que a Geografia utiliza-se de práticas pedagógicas vinculadas às imagens para comunicar e informar, no intuito de oportunizar conhecimento sobre o espaço geográfico. Procurou-se entender como e se os professores utilizam o Google Earth como recurso didático em suas aulas, evidenciando a importância da visualização cartográfica nas imagens, por ele disponibilizadas para o processo de ensino e aprendizagem. Isso ficou reconhecido pelos professores, porém há contradição entre a importância e o uso do Google Earth. Buscou-se, então, trazer alguns indicativos metodológicos utilizando imagens do Google Earth para visualização e análise do relevo, da hidrografia, da expansão da malha urbana, das coordenadas geográficas, no cálculo de distâncias bem como sobre noções de orientação e localização no intuito de que isso possa auxiliar no processo de ensino e na constituição do aluno mapeador.</p>

SIGNIFICADOS IDEOLÓGICOS DO RURAL BRASILEIRO EM FOTOGRAFIAS DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD CAMPO 2016	LAIR MIGUEL DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	Geografia	Mestrado	2017	Educação do campo; livro didático; ensino fundamental; ensino de Geografia; rural brasileiro	O presente trabalho tem como intuito discutir uma recente política pública, o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Campo. Assim nosso objetivo consistiu em compreender os significados ideológicos do rural brasileiro nas fotografias de livros didáticos do referido programa. Buscamos também de forma específica refletir sobre a educação brasileira e o ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental; contextualizar o rural brasileiro no século XXI por meio da abordagem dos conceitos, (campo e rural, território e questão agrária) e identificar por meio da análise de fotografias de livros didáticos do PNLD Campo 2016 os significados ideológicos do rural brasileiro presentes nas mesmas. Metodologicamente recorremos à pesquisa bibliográfica e a iconografia e iconologia que são respectivamente metodologias de descrição e interpretação de imagens. Pudemos observar que o rural representado nas fotografias representa os sujeitos sociais do campo, deixando transparecer contradições e desigualdades existentes no meio rural, porém partes da realidade tais como problemas econômicos relacionados à terra e conflitos sociais são ocultados pela classe dominante do campo, que é representada pelo Estado.
POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DOS PRODUTOS DE SENSORIAMENTO REMOTO PARA O PROCESSO DE ENSINO - APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	JOSÉ NILDO FRUTUOSO DE ARRUDA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	Geografia	Mestrado	2013	Ensino-Aprendizagem de Geografia; Novas Tecnologias; Imagens de Satélites; Fotografias Aéreas	Este trabalho tem como objetivo principal analisar as potencialidades e limitações dos produtos de sensoriamento remoto para processo de ensino-aprendizagem de Geografia no ensino fundamental II. Por meio da aplicação de questionário, procuramos: Conhecer as concepções dos alunos e professores de Geografia a respeito do sensoriamento remoto e seus produtos; Identificar como os alunos e professores veem os produtos do sensoriamento remoto (fotografias aéreas e imagens de satélites) no processo de aprendizagem dos conteúdos da disciplina de Geografia; Diagnosticar o papel que os produtos de sensoriamento remoto podem desempenhar no ensino da cartografia na disciplina de Geografia a partir dos olhares de alunos e professores e, por fim, buscamos verificar como os alunos e professores percebem os produtos de sensoriamento remoto no estudo dos problemas socioambientais do bairro onde se localiza a escola. Quanto aos procedimentos metodológicos, realizamos um levantamento bibliográfico de autores que abordam a questão das novas tecnologias e do ensino-aprendizagem de Geografia. No que se refere ao recorte espacial, a presente pesquisa foi realizada em oito escolas públicas municipais do polo 01 de ensino da cidade de João Pessoa-PB. Fazem parte desse polo os seguintes bairros: Bancários, Jardim Cidade Universitária e Mangabeira. Os mesmos estão localizados na zona Sul do município supracitado. Para a delimitação dos sujeitos da pesquisa, definimos que seriam os professores de Geografia e também os alunos do sétimo ano do ensino fundamental II. De acordo com os resultados da pesquisa quali-quantitativa analisado à luz dos autores consultados, evidenciamos que os produtos do sensoriamento remoto, apoiados por outras ferramentas podem contribuir para ampliar as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem de Geografia. De outra parte, percebemos também que diante da apropriação e expansão de novas tecnologias pela sociedade, se faz necessário pensarmos cada vez mais a respeito de estratégias didático-pedagógicas para serem implementadas no âmbito do ensino de Geografia. Tal aspecto requer capacitações dos professores, interesse em mudar suas práticas, dedicação, remunerações e aperfeiçoamento profissional

<p>AS GEOTECNOLOGIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE DAS COLEÇÕES DIDÁTICAS DO ENSINO MÉDIO DO PNLD 2015</p>	<p>CARLA MICHELON RIBEIRO</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Livro didático. Geografia. Núcleo Regional de Educação de Toledo – PR</p>	<p>conhecimento: geografia, agronomia, arquitetura, engenharias, biologia, dentre outras. Seus representantes comuns são: Aerofotogrametria, Sensoriamento Remoto (SR), Sistema Global de Navegação por Satélite (GNSS), Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e o Geoprocessamento. No ensino, as geotecnologias também estão presentes, principalmente nos conteúdos da disciplina de geografia. As Geotecnologias aparecem não só como conteúdo específico nas obras destinadas ao primeiro ano do Ensino Médio, mas também são utilizadas em outros anos e conteúdos, através de textos, fotografias aéreas, imagens de satélite, cartas imagem etc. Embora as geotecnologias já integrem o cotidiano de muitos cidadãos, trata-se de um conteúdo específico que exige conhecimento teórico e prático para a sua utilização no ensino de geografia. Nesse contexto, este estudo tem por objetivo realizar uma análise dos livros didáticos de geografia do Ensino Médio aprovados pelo MEC no PNLD de 2015 e utilizados nos colégios do Núcleo Regional de Educação de Toledo – PR. A análise pautou-se nos métodos quantitativo (para determinar o recorte espacial da pesquisa e selecionar as obras didáticas) e qualitativo (para determinar o roteiro de análise), utilizando a técnica de análise do conteúdo. Os procedimentos incluem: I) Caracterização e Identificação das Coleções Didáticas, utilizando critérios adaptados a partir dos Critérios de Avaliação da obra Para ensinar e aprender geografia, de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009); II) análise do conteúdo específico de geotecnologias; III) análise da utilização das geotecnologias nas coleções didáticas para identificar se estão vinculadas a outros temas, como são trabalhadas e quais as outras temáticas apresentadas se tornou possível o uso das geotecnologias. Considerando-se que são 8 (oito) coleções de obras didáticas trabalhadas nos colégios do Núcleo Regional de Educação de Toledo - PR, tem-se a análise de 24 (vinte e quatro) livros didáticos. Os resultados indicam que a estrutura dos livros é distribuída em unidades e capítulos, no entanto há coleções que trabalham com as geotecnologias no início da obra, outras a incluem no final. Quanto à análise do conteúdo específico, foram identificados equívocos que podem levar à interpretação distorcida das geotecnologias, no entanto também se constatou coleções que buscaram associar as geotecnologias com exemplos cotidianos, que também ressaltaram a importância dessa tecnologia em diferentes áreas do conhecimento. Nas análises de utilização das geotecnologias, identificaram-se que vários conteúdos nos três volumes de cada coleção utilizam-se de cartas imagens, imagens de satélite, fotografias aéreas, textos, esquemas, etc., demonstrando a utilização das geotecnologias em outros conteúdos. Através das análises compreende-se que há equívocos conceituais ao tratar-se do termo GNSS, no entanto várias obras mostram exemplos de aplicações que podem contribuir para que o aluno compreenda a relação do conteúdo com o meio.</p>
--	-------------------------------	---	------------------	-----------------	-------------	--	---

CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA E DOCÊNCIA ESCOLAR NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JATAÍ-GO	ELISA REGINA DA CRUZ	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	Geografia	Mestrado	2017	<p>Climatologia geográfica. Ensino de geografia. Docência escolar</p> <p>geográfica no ensino de Geografia com os professores que ministram aulas nos anos finais do ensino fundamental, especificamente no 6º ano da Rede Municipal de Jataí-GO. Essa investigação buscou elencar o surgimento da climatologia geográfica com os estudos de Monteiro (1971), Sette (2002), Zavattini (2004, 2014), Sant'Anna Neto (2008), Ferreira (2012) entre outros. Na educação as contribuições foram acrescentadas por meio de trabalhos publicados nos Simpósios Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCGs). Trata-se de uma pesquisa com essência qualitativa, que privilegia um estudo da pesquisa ação. Como resultado da pesquisa identificou-se nos anais do SBCGs acerca da climatologia geográfica na educação, e os dados mostraram que houve um avanço no últimos anos, sendo que a região Sul desde a criação do simpósio foi a primeira região a publicar um trabalho voltado para o ensino de climatologia. A região Sudeste foi a região que a partir de 1996 publicou em todos os eventos. No entanto destacamos a participação da região Centro Oeste que em 2012 foi a região que mais publicou e o Nordeste também obteve um grande contribuição a partir de 2000. Os trabalhos apresentam pesquisas voltadas para a construção de aparelhos meteorológicos, visita a estação meteorológica, a utilização de música, filme, ditos populares, observação de nuvens, a utilização de imagens de satélite e jogos. Os conteúdos de climatologia verificados no livro apresentam uma linguagem clara, exceto no conteúdo sobre as estações do ano. A obra incentiva a criatividade e sugerem atividades que permitem uma relação local e global e faz o uso da cartografia representando os elemento do clima em mapas que facilita a leitura e visualização dos fenômenos. A coleção apresenta possibilidades de exploração de forma reflexiva que enfoque o espaço como uma totalidade, com diferentes temporalidades, espacialidades e discute os problemas ambientais globais que permite ao professor um trabalho nas perspectiva da climatologia geográfica. Na definição de clima e tempo o livro traz um conceito misto de uma climatologia tradicional e uma climatologia geográfica e sobre o conhecimento da climatologia geográfica a partir do estudo de Monteiro todos os professores afirmaram não ter conhecimento. Assim, verificou-se a importância de intervir por meio de uma ação, organizada com apoio do livro, sugestão de recursos audiovisual Capitão Tormenta e Paco em estações do ano, consultado no site do MEC. Este objeto de aprendizagem permitiu realizar uma atividade interativa onde o usuário decide a navegação. A utilização da música "o pequi de Marcelo Barra" foi sugerida aos professores pois permite relacionar o tema estações do ano com a realidade do aluno. A sequência foi apontada pelos professores como um material ótimo, de fácil compreensão. Os conteúdos são citados no livro e o recurso do Capitão Tormenta e Paco em estações do ano traz charadas e animações multimídia que permitem a utilização do objeto como motivador da aprendizagem.</p>
---	----------------------	-------------------------------	-----------	----------	------	--

<p>OS DISCURSOS DOS PROFESSORES APOSENTADOS E ATIVOS SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: FUNÇÃO, CRITÉRIOS DE ESCOLHA E AVALIAÇÃO</p>	<p>BÁRBARA REGINA FERRARI</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Livros didáticos. Professores aposentados e ativos. Ensino de Geografia. Recursos didáticos e audiovisuais</p> <p>Esta dissertação apresenta como foco central de estudo as análises dos discursos dos professores de geografia aposentados e ativos do município de Dourados/Mato Grosso do Sul sobre alguns livros didáticos de geografia. Selecionamos doze professores de geografia dentre eles, seis professores aposentados e seis professores ativos. Inicialmente situamos quem são esses professores, suas trajetórias (pessoal e profissional) e suas influências ao longo da sua formação acadêmica. Como objetivo central buscamos comparar os discursos dos professores aposentados e ativos sobre o livro didático de geografia ao longo de sua prática docente, colocando em evidência suas perspectivas sobre esse material. A partir de um levantamento bibliográfico e de entrevistas realizadas com os professores aposentados e ativos entre 2015 e 2016 comparamos e analisamos suas percepções. Identificamos os discursos quanto ao papel do livro didático nas aulas de geografia, sendo essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Destacam-se também alguns desafios diante das tecnologias de informação e comunicação, principalmente com sua expansão a partir do século XXI, gerando uma situação de tensão entre o material impresso (livro didático) e os recursos digitais e audiovisuais, bem como a internet. Outro discurso está relacionado aos critérios de escolha dos livros didáticos pelos professores de geografia. Apresentamos como critérios: as imagens, a contextualidade das informações, a linguagem (compreensível aos alunos) e, sobretudo, a sua aproximação com o referencial curricular. Abordamos também como o mercado editorial influencia nessa escolha, ao promover eventos e coquetéis para seduzir os professores. Por fim, apresentamos as perspectivas dos professores sobre cada livro destacado, sendo eles: coleção Geografia de Melhem Adas; coleção Geografia Crítica de José W. Vesentini e Vânia Vlach e a coleção Projeto Araribá Geografia. Alguns professores aposentados apontam as mudanças percebidas quanto ao conteúdo, destacando a melhora com a disponibilidade de mais recursos, como a internet, a lousa digital, o projetor e as tecnologias de comunicação e informação. Alguns professores ativos, por outro lado, demonstram a dificuldade em se trabalhar com esses recursos audiovisuais, destacando que o livro deve se fazer presente tanto para o aluno, quanto como instrumento que sistematiza o conteúdo. Percebemos ora semelhanças e ora diferenças entre os discursos dos professores aposentados e ativos, em que ao analisar os livros didáticos, compartilham sua vivência e experiências particulares que interferem na prática escolar</p>
--	-------------------------------	--	------------------	-----------------	-------------	--

<p>AS GEOTECNOLOGIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: O USO DO GOOGLE EARTH NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM SOBRE A CIDADE</p>	<p>KEILA ALVES DE CAMPOS NUNES</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2019</p>	<p>Geotecnologias, Ensino de Geografia, Google Earth, Sequência Didática, Cidade</p>	<p>Para ensinar Geografia lança-se mão de diferentes metodologias de ensino que, geralmente, envolvem a utilização de distintas linguagens e recursos didáticos no trabalho em sala de aula. Por considerar que as pesquisas que tratam de geotecnologias como recurso didático nos processos de ensino e aprendizagem em Geografia ainda são incipientes é que se desenvolveu esta investigação, que toma as Geotecnologias como recurso didático nas aulas de Geografia na educação básica. Nesse contexto, o objetivo deste estudo é analisar em que medida o uso das geotecnologias como recurso didático nas aulas de Geografia contribui para que o aluno possa aprender sobre a cidade, buscando identificar a melhor ferramenta geotecnológica para ser utilizada na sala de aula, e como seus produtos, especificamente se tratando de imagens de satélite, potencializam a compreensão geográfica dos fenômenos urbanos, propiciando uma aprendizagem mais significativa sobre a cidade e os fenômenos do espaço urbano. Para atender esses objetivos, optou-se pela pesquisa qualitativa, na modalidade de pesquisa participativa, na qual a observação de aulas e a entrevista constam como métodos de coleta de dados. As ações e as interpretações desta investigação consistiram na aplicação de uma sequência didática para o ensino de conteúdos sobre a cidade utilizando como recurso didático o Google Earth. A proposta foi pensada e discutida junto à professora da turma de 7º ano do Centro de Educação em Período Integral Professora Lousinha Carvalho, na cidade de Goiânia/GO, e posteriormente, em uma ação conjunta entre a professora e a pesquisadora, a mesma foi executada com os alunos. A partir das ações desenvolvidas, os resultados apontaram que a utilização do programa Google Earth como recurso didático para o ensino de cidade favorece o aprendizado dos conteúdos geográficos, por meio da visualização, observação, análise e interpretação das imagens, concomitante à construção teórica do conhecimento geográfico. Os resultados apontam ainda que essa proposta didática abre caminhos para o desenvolvimento de noções do pensamento geográfico, uma vez que os alunos passaram a interpretar seus espaços de vivência, estabelecendo correlações, comparações, espacializando os fenômenos e explicando-os. Por meio das atividades desenvolvidas, concluiu-se que, ao realizar a leitura das informações geográficas representadas nas imagens de satélite e fotografias aéreas, o aluno observava o espaço, o analisava, interpretava a informação e a confrontava com sua definição conceitual, dando sentido à informação geográfica ao associá-la à realidade, estruturando, assim, o conhecimento geográfico</p>
--	------------------------------------	--------------------------------------	------------------	-----------------	-------------	--	--

<p>A ARTE DE CAMINHAR NA CIDADE: Educando o olhar geográfico em andanças no centro de Campina Grande-PB</p>	<p>DANIEL ALMEIDA BEZERRA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Educação geográfica. Cidade. Olhar geográfico. Caminhadas geográficas.</p>	<p>conhecimento geográfico. Nós o construímos a partir de leituras – de livros, do nosso contato com o saber teoricamente sistematizado, mas, eminentemente, o construímos através de nossas práticas espaciais cotidianas realizadas no espaço geográfico da cidade. As caminhadas nos possibilitam construir um modo de sentir, de olhar e pensar a cidade. Caminhando aprendemos a ler a cidade, isto é, a descortinar sua dinâmica sócio-espacial e lúdica. Nestas andanças, se, de modo destro, na perspectiva da pesquisa geográfica, procuramos revelar a cidade através de excursões e da descrição do seu espaço, no modo errático, a revelamos através das narrativas urbanas: da Literatura de Cordel, curta-metragem, crônicas, músicas e poesias, compondo juntos imagens corpóricas da cidade. Nesse horizonte, indagamos: Como as excursões e a caminhada à deriva, na cidade, contribuem para a educação do olhar geográfico de docentes e discentes e, também, na construção de uma ambiência geográfico-educativa no centro da cidade de Campina Grande-PB? Como estas modalidades de caminhada exercem uma função dialógica na articulação entre o Ensino de Geografia e a Educação Geográfica, entre a ciência e a arte, entre a ética e a política, no contexto de nossa urbanidade, aqui posta em xeque? Como estas caminhadas na cidade se articulam às estratégias de ensino e aprendizagem, da Geografia e, ao mesmo tempo, ao jogo urbano, da caminhada à deriva? Como a caminhada à deriva se distingue e, ao mesmo tempo, articula-se aos conceitos procedimentais da pesquisa geográfica? Nestes termos, objetivamos investigar e compreender o espaço geográfico de Campina Grande-PB, juntamente com os docentes e discentes do Curso de Licenciatura e Pós-Graduação em Geografia da UEPB e da UFPB, a partir de caminhadas itinerantes e errantes no centro da cidade, para assim propormos sua transformação – psicogeográfica e corpógrafa – numa ambiência geográfico-educativa. Considerando a articulação desses dois movimentos do olhar e do caminhar, destros e erráticos, realizamos uma pesquisa-ação expressa num conjunto de cinco caminhadas pelo centro da cidade de Campina Grande-PB: quatro excursões geográficas e uma andança à deriva. Através delas, caminhamos por praças, parques, ruas e avenidas, em diálogo com os discursos do olhar dos docentes e discentes num processo de instauração de uma ambiência geográfico-educativa neste espaço geográfico. Para a realização destes diálogos analítico-críticos com os discursos do olhar do outro, recorremos à teoria da Análise do Discurso em entrevistas semiestruturadas com os docentes, e, para os discursos do olhar discente, valemo-nos da análise crítica e dialógica dos seus cadernos de campo. Caminhamos entre a ciência e a arte na construção de uma proposta de educação do olhar geográfico na cidade. Portanto, articulamos elementos da estética, da ciência, da ética e da política para compor novas formas de ser e estar na cidade – expressões de nossa urbanidade e de nossa própria politicidade posta em construção</p>
<p>GEOGRAFIA, PATRIMÔNIO E DIVERSIDADE CULTURAL: LINGUAGEM AUDIOVISUAL EM AÇÕES EDUCATIVAS</p>	<p>ANA CAROLINA RIOS GOMES</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA</p>	<p>Geografia</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2016</p>	<p>Geografia Cultural. Antropologia Visual. História Oral. Documentário Etnográfico.</p>	<p>A produção e o uso de imagens sempre estiveram presentes ao longo da história do pensamento geográfico, bem como nos estudos antropológicos. Com o advento de novas tecnologias, a utilização de recursos audiovisuais para a elaboração e difusão de saberes vem se intensificando, muitas vezes como tema central para o desenvolvimento de pesquisas. Ao mesmo tempo, questões relativas à Diversidade e ao Patrimônio Cultural estão em evidência nas políticas culturais e também nos estudos acadêmicos. Diante desse contexto, o objetivo da presente pesquisa é articular essas vertentes, analisando a potencialidade dos registros de práticas culturais a partir das interseções entre a História Oral e a Linguagem Audiovisual, concretizadas em documentários etnográficos. Além de empoderar comunidades que participam da produção e difusão desses registros audiovisuais, reconhecendo sua importância social e narrando sua própria história, constatamos, por meio de uma ação educativa a partir da recepção de documentários por parte de alunos do ensino superior em Geografia, que o material produzido tem o potencial pedagógico, em sentido lato, de aproximar diferentes contextos culturais e promover relações de identidade e alteridade mediadas pelo audiovisual. A abordagem etnográfica em sala de aula indicou que, por captar atenção e emoção, a linguagem audiovisual é capaz de favorecer a inserção dos espectadores nos modos de vida, na realidade que se registra e se apresenta, trabalhando as geograficidades e historicidades de distintas comunidades para contextualizar as diferenças e conviver com outros modos de ser e estar no mundo, promovendo a diversidade cultural.</p>

<p>ENSINO DE GEOGRAFIA NAS ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL NO ENSINO MÉDIO EM TERESINA/PIAUÍ: DE QUE REALIDADE ESTAMOS FALANDO?</p>	<p>ANA BEATRIZ RIBEIRO DOS SANTOS</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Ensino de Geografia. Escola de Tempo Integral. Interdisciplinaridade. Ensino Médio</p>	<p>A disciplina Geografia compõe o conjunto de disciplinas da estrutura curricular do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Nesse sentido, é de fundamental importância no desenvolvimento de habilidades e competências como observar, analisar, interpretar e pensar criticamente as transformações cotidianas e a dinâmica do espaço geográfico. O Ensino de Geografia na Escola de Tempo Integral contribui para a organização do currículo e articulação de conhecimentos a partir de abordagens interdisciplinares como meio de compreender o conhecimento de forma ampla. O objetivo geral foi analisar o Ensino de Geografia em escolas de Tempo Integral na cidade de Teresina, Piauí, considerando as concepções de docentes das escolas escolhidas para a pesquisa. Os objetivos específicos foram: (a) identificar as práticas de Ensino de Geografia nas escolas de Ensino em Tempo Integral; (b) discutir a concepção de participantes envolvidos (docentes), no sentido de compreender como o Ensino de Geografia é abordado na escola de tempo integral; (c) sugerir metodologias que despertem a aplicação de práticas interdisciplinares nas escolas de tempo integral com vista ao Ensino de Geografia. Os pressupostos teóricos fundamentam-se em Cavalcanti (2003), Callai (2006), Vesentini (2004), Castrogiovanni (2007), Esquinsani (2016), Gadotti (2009), Gonçalves (2006), Libâneo (2014), Moll (2012), Cavaliere (2002), entre outros. A pesquisa empírica foi realizada em uma escola por Gerência Regional de Educação (GRE), totalizando 4 escolas, sigiladas com letras do alfabeto: 4ª GRE Centro-Norte (Escola A); 19ª GRE Sul (Escola B); 20ª GRE Nordeste (Escola C) e 21ª GRE Sudeste (Escola D), a partir de aplicação de entrevistas com docentes. Na interpretação dos resultados, optou-se pelo uso de quadros para ressaltar a fala dos entrevistados e figuras (Nuvens de Palavras). O site utilizado para a criação das figuras foi o wordclouds.com, o qual permite criar nuvens de palavras, o que resulta em diversas formas e imagens para enriquecer a discussão das informações obtidas a partir das entrevistas. Concluiu-se que permanecer mais tempo na escola não é a solução para melhorar a qualidade do Ensino de Geografia, pois a mesma carga horária planejada na escola de ensino médio regular também é pensada para a escola de tempo integral. O Ensino de Geografia pode ser aperfeiçoado nas Escolas de Tempo Integral com a contribuição do Ensino de Geografia, além de explorar outros conteúdos e metodologias de Ensino.</p>
---	---------------------------------------	--------------------------------------	------------------	-----------------	-------------	---	--

<p>LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE E DISCUSSÃO DA LINGUAGEM IMAGÉTICA</p>	<p>ROSANA SOARES DE LACERDA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Ensino de Geografia. Livro didático. Aprendizagem Multimídia. Linguagem imagética</p>	<p>contribuindo para que atuem em seu cotidiano. Nesse sentido, este estudo propõe um diálogo entre o ensino de Geografia e a imagem do livro didático, compreendida como linguagem, conhecimento e iconografia didática. Delineou-se como objetivo geral: estudar como os livros didáticos de Geografia são planejados a partir da análise dos textos imagéticos e verbais, fundamentado na Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimídia, embasados nos princípios da Teoria da Carga Cognitiva de John Sweller. E como específicos: conhecer o processo de inserção da imagem no livro didático de Geografia; analisar o valor didático dessa linguagem neste recurso e discutir a importância de sua leitura para uma alfabetização do olhar relacionada a construção de uma Geografia visual. Assim, embasou-se em Bittencourt (2008), Choppin (2004) e Albuquerque (2014), para a discussão sobre o livro didático; Tonini (2003; 2013; 2014) e Albuquerque (2010) referente à imagem no livro didático; Joly (1996), Rossi (2011) e Ramos (2011) no tocante ao uso de imagens no ensino; Mayer (2001) para compreensão da aprendizagem por meio de palavras e imagens, bem como Stefanello (2009), Albuquerque (2011), Rocha (1998) e Filizola (2009), discutindo o ensino de Geografia e Geografia Escolar. Para as análises, selecionou-se duas coleções do PNLd, triênio 2015-2017, que estão em uso nas escolas jurisdicionadas à 13ª Gerência Regional de Educação (GRE) do Estado do Piauí. No estudo das imagens nos livros didáticos das coleções, classificou-se em decorativas e representacionais (sem valor didático) e organizacionais e explicativas (com valor didático). Com isso, identificou-se que, a maioria delas, apresenta valor didático. Para estas, aplicou-se os princípios da Carga Cognitiva: coerência, sinalização e contiguidade espacial. Assim, percebeu-se que a maior parte apresenta carga cognitiva baixa, ou seja, fornece subsídio suficiente para a promoção de uma aprendizagem significativa. Nos livros da coleção Fronteiras da Globalização, esse índice é elevado, enquanto que na coleção Geografia é baixo. Além disso, notou-se maior violação no princípio de sinalização pelas duas coleções, e que a coleção Geografia apresentou elevado índice de violação em todos os princípios. Identificou-se, ainda, que as linguagens, imagética e verbal (escrita), dos livros didáticos de Geografia das coleções analisadas, dialogam parcialmente e de forma implícita. Diante disso, salienta-se a necessidade de analisar o processo de elaboração dos livros didáticos, e que os princípios elencados sejam considerados no referido processo, afim de se ter mais elementos instrucionais com carga cognitiva baixa, alinhados à capacidade discente de aprendizagem multimídia de forma significativa, bem como, rigor no processo avaliativo do PNLd, para evitar possíveis erros e promover maior diálogo entre as duas linguagens, visto que, apesar da imagem falar por si só, ela também é polissêmica e, por isso, precisa ser ancorada pelo texto escrito. Além disso, ambos precisam ser coerentes com o conteúdo discutido e sem erros, pois erros, tanto na linguagem</p>
<p>O OLHAR ENTRE AS PÁGINAS: O CONSUMISMO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA</p>	<p>CLARISSA IMILAU DE MORAIS</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>Geografia. Livro didático. Imagem. Discurso Consumismo.</p>	<p>Esta dissertação foi desenvolvida, procurando pensar como as imagens dos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental estão mostrando o consumismo para o aluno. Com isso, o objetivo central desta pesquisa é de analisar como esta temática é estrategicamente construída pelos meandros discursivos. A escolha da temática se justifica, pela percepção de que a nossa sociedade contemporânea está intrinseca nesta questão. Assim, o livro didático, como objeto empírico, é entendido como um artefato cultural, que hoje se encontra nas mãos de praticamente de todos os alunos das escolas públicas e privadas do país. Foram, portanto, analisadas as imagens dos livros de 8 e 9 anos, nos quais é geralmente apresentado o conteúdo de globalização, o qual está diretamente relacionado à intensificação do consumismo. A metodologia operacionalizada está alicerçada a partir das lentes teóricas da Geografia Cultural, trazidas pelos conceitos de discurso, poder, território, e consumismo, os quais possibilitaram a construção, a partir da seleção das imagens, de três focos de análises: tempos de consumo, o consumo e os discursos dos livros didáticos de Geografia estão dividindo os lugares de prática do consumismo nos países centrais e periféricos; atrativos do consumo - centro o foco analítico em quais são os artifícios utilizados hoje, para atrair os indivíduos ao consumo pelo entretenimento - descrevo uma nova forma de consumismo, intensificada na contemporaneidade. Entretanto, foi identificado que essa temática se encontra "entre as páginas" dos livros didáticos de Geografia, pois o assunto ainda é pouco abordado, e a discussão sobre o tema em comento hoje se encontra nesses artefatos em fase embrionária. Neste sentido, é salientada a importância de o professor analisar e discutir com seus alunos como o consumismo está ocorrendo, para que o aluno contemporâneo, a partir do conhecimento da dinâmica desse assunto, saiba ser um consumidor consciente.</p>

<p>A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM AMAZÔNICA PELOS ALUNOS DO CURSO REGULAR DE ENSINO A DISTÂNCIA (CREAD) DO COLÉGIO MILITAR DE MANAUS</p>	<p>RICARDO MARTINS DE FREITAS</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</p>	<p>Geografia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2013</p>	<p>Amazônia, paisagem, percepção, representação, mídia.</p>	<p>Esta dissertação busca verificar que representações os alunos do Ensino a distância do Colégio Militar de Manaus fazem da Amazônia e, mais especificamente, de sua paisagem Para que fosse possível descrever essas representações, fez-se necessário: identificar as percepções da paisagem amazônica pelos alunos do CREAD/CMM, apresentar as representações midiáticas da paisagem amazônica e analisar a dialética das imagens construídas acerca da paisagem amazônica a partir da vivência social dos alunos. A apreensão das representações da Amazônia se deu através da aplicação de questionários aos alunos do ensino básico dos polos do CREAD/CMM de Tefé e Tabatinga. A escolha dessas localidades levou em conta o fato de ambas serem das maiores em quantidade de alunos, o que propicia um universo maior e mais diversificado de alunos dos diversos estados brasileiros que foram residir nestes municípios amazônicos. Isso ocorre em função de os alunos serem filhos de militares que vão exercer suas atividades profissionais nessas localidades. A entrevista foi dividida em duas partes, uma sobre a percepção da Amazonia e outra sobre a percepção da paisagem amazônica Constatou-se que, no universo desses alunos de variados estados brasileiros, a representação da Amazônia mais presente está relacionada à natureza/floresta, as populações tradicionais e a problemática do desenvolvimento. Em relação à paisagem, percebe-se que a natureza prevalece como marca/matriz.</p>
<p>MOVIMENTAR PÁSSAROS DO CHÃO AO CÉU: Uma experiência em dança na formação de professores</p>	<p>ADRIANO JOSÉ PINHEIRO</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>arte; dança; ensino fundamental; formação de professores</p>	<p>Esse trabalho tem como objetivo dissertar sobre uma experiência com a dança na formação continuada de professores. A formação foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Júlio de Oliveira, pertencente à Diretoria Regional de Educação Pirituba/Jaraguá, localizada no bairro de Perus, na Cidade de São Paulo, onde atuo como Coordenador Pedagógico. O grupo participante da pesquisa foi composto por 32 professores (30 mulheres e 2 homens), com faixa etária entre 30 e 69 anos de idade, que lecionam do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nas seguintes áreas: ciências, educação física, geografia, história, inglês, língua portuguesa, matemática, informática educativa, sala de leitura e professoras polivalentes que atuam em turmas do 1º ao 5º ano. Durante as quintas-feiras dos meses de setembro/2015 a outubro/2016, foram realizadas trinta e três oficinas práticas, no horário das 12h-13h30. As proposições tiveram como referencial a experimentação de alguns jogos teatrais do dramaturgo brasileiro Augusto Boal (1998), da diretora de teatro Viola Spolin (2006) e, principalmente, proposições baseadas nos estudos do pesquisador da arte do movimento, Rudolf Laban (1978; 1990), autor que tem sido referência para os meus estudos em dança. Ao experienciar a dança e aprofundar o contato com essa linguagem artística na formação de professores, foram utilizados como norteadores os embasamentos da Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa (2001; 2007; 2009), que sugere a criação, a reflexão e a fruição como ações importantes no contato com a obra de arte. O referencial teórico também se baseia nas considerações sobre a experiência do filósofo e pedagogo John Dewey (2010; 2011). O processo de pesquisa teve como suporte ideias vinculadas à bricolagem como método de pesquisa, tendo como referência os autores Kathleen Berry e Joe Kincheloe (2007) e a professora e pesquisadora Paula Carpinetti Aversa (2016). A bricolagem possibilita ao pesquisador forjar suas próprias ferramentas metodológicas à medida que dialoga com o poeta, como é definido o objeto de pesquisa, além de considerar as múltiplas formas de olhar para esse objeto de pesquisa, não desprezando as considerações e ações vinculadas a outros métodos. Assim, a pesquisa também tem sintonia com ações relacionadas à metodologia da pesquisa-ação, tendo como referência o autor Michel Thiollent (1986). Os dados coletados tiveram como fontes fotografias, vídeos, anotações no diário de bordo e ponderações dos participantes realizadas durante as rodas de conversa nas oficinas ou por meio de imagens, relatos e poesias.</p>

<p>EXPERIMENTAÇÕES COM IMAGENS: CLICHÉS E RASURAS NA DICOTOMIA RURAL-URBANA DO ENSINO DE GEOGRAFIA</p>	<p>CARINA MERHEB DE AZEVEDO SOUZA</p>	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS</p>	<p>Educação</p>	<p>Doutorado</p>	<p>2018</p>	<p>Fotografias. Experimentação . Ensino de geografia. Livro didático. Dicotomia.</p> <p>Essa pesquisa se centraliza em experimentações com imagens produzidas dentro de práticas educativas desenvolvidas pela pesquisadora em seu trabalho como professora de Geografia da Educação Básica em uma escola da rede privada na cidade de Campinas – SP. Trata-se de uma reflexão sobre imagens realizadas pelos estudantes, a partir de propostas de experimentação de outros tipos de imagens no ensino de um tema que compõe a vulgata do ensino de geografia: as relações entre rural-urbano, entre cidade-campo. Essas propostas de contato e produção de outras imagens tiveram como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação. A tese é escrita em duas grandes partes. A primeira delas concentra-se no conjunto de fotografias utilizado pelos livros didáticos de Geografia que dicotomizam as relações entre campo e cidade. Nessa parte, aponta-se que, dentro do âmbito da geografia escolar, os livros didáticos estabelecem dicotomias entre alguns dos conceitos abordados, fazendo deles pares a serem estudados/aprendidos como uma polaridade, tais como: desenvolvido/subdesenvolvido; centro/periferia; rico/pobre e rural/urbano (tema desta pesquisa). O principal incômodo com essas dicotomias é que elas geram elementos formadores fixos para os estudantes. Quando esses conceitos tomam formas visuais impressas, como as imagens e fotografias dos materiais didáticos, elas funcionam quase que exclusivamente como provas ou exemplos do que se afirma no texto escrito que as antecede, sucede ou legenda. Dessa forma, essas imagens participam da criação dessas dicotomias, raramente provocando desvios nelas. Tendo em vista que esses conceitos dicotômicos acerca do rural e do urbano impossibilitam a compreensão da complexidade do espaço geográfico, não o considerando como aberto, contínuo e em movimento, as experimentações com imagens que configuram a segunda parte da tese utilizam fotografias e imagens que não estão nos livros didáticos, sendo principalmente obras de fotógrafos e artistas. As experimentações visaram realizar uma nova maneira de lidar tanto com os conceitos geográficos de rural-urbano, campo cidade, quando com as próprias imagens visuais em contexto escolar, criando e testando outros modos de entrar em contato com o conteúdo da geografia e do espaço. De maneira mais geral, essas experimentações buscam permitir uma outra educação visual, usando outras imagens como combates aos pensamentos fixos já estabelecidos, inclusive na própria professora-pesquisadora, tendo como objetivo reimaginar o espaço e suas classificações, bem como reimaginar as imagens que participam dos contextos de escolarização em geografia.</p>
--	---------------------------------------	--	-----------------	------------------	-------------	---

<p>DISCURSOS SOBRE A CONSTRUÇÃO CORPORAL DA MULHER EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>	<p>VANIA GOMES CARDOSO</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2019</p>	<p>Mulher. Construção. Livro Didático. Corpo. Ensino Fundamental.</p>	<p>No presente estudo foram considerados os discursos sobre a mulher, presentes em livros didáticos do ensino fundamental, partindo das materialidades linguístico-imagéticas observadas em obras de Língua Portuguesa, Geografia, Ciências e História pertencentes ao Programa Nacional do Livro Didático, triênio 2017-2019. O livro didático de História foi utilizado para uma análise histórica acerca da mulher dos séculos XVIII e XIX, observando sua contextualização e, sobretudo, sua identidade relacionada à imagem de mãe, do lar, envolta nos afazeres femininos. Assim, emergiu a relação entre o saber e o Biopoder. O Biopoder, segundo Foucault (2002), traz uma forma de poder sobrepujando a vida e as necessidades que atingem a população e principalmente a mulher. Destaca-se que a proposição da pesquisa partiu de alguns questionamentos que se tornaram a espinha dorsal do tema em foco, e neste aspecto, o problema de estudo se configurou nas seguintes questões: De que forma se dá a construção da identidade feminina, na materialidade do livro didático, considerando este um instrumento de biopoder? Quais os imbricamentos do corpo feminino da forma como é representado no livro didático? Essas problematizações balizaram o olhar de pesquisador para analisar os discursos que se encontram nos livros didáticos selecionados e se relacionam à temática do corpo da mulher. A pesquisa partiu de eixos iniciais que se desdobraram ao longo do percurso, sendo esses o corpo estereotipado da mulher, a veiculação da imagem da mulher às tarefas tipicamente femininas e por fim, as atribuições da maternidade, ou seja, a figura da mulher enquanto objeto de procriação. Para Foucault os lugares de poder, bem como suas práticas, é que alimentam o biopoder. Desse modo, no livro didático a identidade dos sujeitos passa a ser produzida a partir daquilo que se assume como verdade e assim o faz na imposição de imagens que passam a ser estereótipos e depois, verdades. No livro didático, o corpo emerge apresentando uma singularidade que deve ser levada em consideração pelo professor, de modo a explorar as particularidades do corpo em práticas sócio-históricas-ideológicas. Daí a importância de, com o embasamento teórico proposto por Foucault, analisar os discursos sobre o corpo feminino presentes no livro didático, sendo esse, parte do corpus da pesquisa, no intuito de compreender de que forma as verdades podem ser fabricadas, principalmente no que tange ao discurso sobre a mulher. Os livros didáticos, enquanto instrumentos ideológicos são muito bem utilizados pois reforçam, inicialmente pelas ideias implícitas e depois, pelo silenciamento da mulher, não apenas a branca, europeizada, mas as negras, pobres, velhas, gordas, indígenas ou outras que representam o grupo oprimido ao longo da história.</p>
--	----------------------------	--------------------------------------	-----------------	-----------------	-------------	---	--

<p>A CARTOGRAFIA ESCOLAR E OS DESAFIOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS TRANSFORMADORAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA</p>	<p>VICTOR MACHADO DE TOLEDO</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>A presente dissertação tem como objetivo geral analisar o uso de um encaminhamento metodológico para o ensino e aprendizagem de conceitos Cartográficos. Objetiva-se apresentar contribuições práticas para trabalhar Cartografia nas aulas de Geografia, assim culminando na apresentação de uma proposta de utilização de recursos didáticos diferenciados, principalmente, com o uso de representações visuais, com a finalidade de trabalhar os conteúdos cartográficos, na tentativa de propiciar aos alunos uma aprendizagem consciente e crítica em relação ao espaço em que estão inseridos. Por meio da análise bibliográfica sobre o tema em questão e da aplicação de um encaminhamento metodológico, idealizado pelo pesquisador, para apreciação e discussão posterior, procurou-se investigar os avanços que o uso de diferentes estratégias didáticas poderá trazer ao ensino e aprendizagem de Cartografia escolar. Os principais teóricos foram Almeida (2006, 2011), Callai (2012), Fonseca (2013), Kenski (2015), Passini (2007), Santaella (2012). A pesquisa foi realizada em duas turmas da Educação Básica do 6º ano do Ensino Fundamental II, de um Colégio Estadual localizado no município de Curitiba - PR. Definiu-se a abordagem qualitativa para a pesquisa com método de investigação designada por observação participante. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o diário de campo, questionário pré e pós-teste, além da gravação de áudios e imagens da prática em questão. Os resultados indicaram que a leitura de imagens e o uso de tecnologias, apesar de ainda distantes da realidade das escolas públicas do país, precisam ser incluídos como elementos frequentes nas aulas de Cartografia, para que a realidade dos alunos se aproxime cada vez mais do que é estudado e trabalhado em sala de aula. Constatou-se ainda que o uso de diferentes estratégias didáticas, tais como utilização de recursos visuais, contribui para o ensino e a aprendizagem enriquecedora e que possibilitou, na prática, a melhora nos conceitos Cartográficos dos alunos.</p>
---	---------------------------------	---------------------------------------	-----------------	-----------------	-------------	---

<p>RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE ILICÍNEA-MG</p>	<p>LEANDRO BORGES FERREIRA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2019</p>	<p>Livro Didático. Gênero. Sexualidade.</p>	<p>Esta dissertação foi desenvolvida partindo da problemática de pesquisa “Como os livros didáticos voltados aos anos finais do ensino fundamental abordam o tema das relações de gênero e sexualidade?”. Este estudo trata-se de um estudo de caso que tem como objetivo analisar as representações referentes às relações de gênero contidas em livros didáticos, por meio de imagens e textos, voltados aos anos iniciais do ensino fundamental. Os livros selecionados foram usados por alunos/as e professores/as do nono ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de Ilícinea-MG. As disciplinas escolhidas são Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, Ciências e História. A pesquisa está dividida em três seções: a primeira, gênero e sexualidade em que a pesquisa amparou-se nos conceitos de Guacira Louro, Raewyn Connell e Daniela Auad para a compreensão da construção social das relações gênero e sexualidade. Na segunda seção, que são as pesquisas correlatas, foram selecionados vários trabalhos de pós-graduação que analisam as representações de gênero e sexualidade nos livros didáticos. E a terceira e última seção, gênero e sexualidade no livro didático: o que eles revelam? É detalhado o procedimento de análise, o percurso metodológico e são apresentados os dados da pesquisa dialogando. Os resultados deste estudo confirmam que os livros didáticos reforçam os estereótipos em torno das relações de gênero, ou seja, fortalecem os atributos pessoais adequados a homens e mulheres, amparando-se, por exemplo, na força física. As análises em torno da sexualidade, quando existem, não são explícitas, ficando, portanto, subentendida a heterossexualidade como a única forma de viver essa dimensão da vida. Os livros didáticos silenciam, por meio de suas imagens e textos, questões referentes à diversidade sexual. Diante desses resultados, podemos compreender quais valores estão sendo produzidos e reproduzidos em torno das relações de gênero e sexualidade. Sendo assim, constata-se que os livros analisados não contribuem para pensar uma sociedade que respeita a diversidade de gênero e sexualidade. E para pensar outro tipo de sociedade, a escolha dos livros didáticos precisa se tornar um processo que permita um olhar mais transversal capaz de passar a dimensão única do olhar para o conteúdo. Ou seja, se queremos outro tipo de sociedade e reconhecer o papel central da educação nesse processo, é preciso que cuidemos das escolhas desses artefatos culturais que, por vezes, são a única ferramenta do professor em sala de aula.</p>
---	--------------------------------	--	-----------------	-----------------	-------------	---	--

<p>PAISAGEM E IMAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>	<p>MARIA LUCIA DE SOUZA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2016</p>	<p>imagem, paisagem, livro didático de Geografia</p>	<p>O livro didático é recurso escolar considerado como uma fonte de conhecimento para os alunos e professores. Nos últimos anos esse material vem aprimorando a forma de abordar os conteúdos, com destaque para a quantidade de imagens que apresentam. Sendo assim, torna-se necessário investigar de que forma o conteúdo está sendo transmitido aos nossos educandos, por meio das imagens nele apresentadas. Partindo deste pressuposto, a dissertação apresenta como objetivo analisar o conceito de paisagem veiculada nas imagens dos livros didáticos de Geografia. As imagens no livro didático de Geografia têm um papel importante na compreensão dos conceitos, pois estas apresentam uma grande conotação visual. Acredita-se que a imagem possibilita diferentes leituras e interpretações a partir da observação de diferentes sujeitos. Além disso, há de se ressaltar a sua importância no processo pedagógico, na medida que esta é passível de leitura por manifestar um caráter polissêmico, assim, o conceito de paisagem se aproxima ao da imagem por manifestar a subjetividade de cada indivíduo. A pesquisa foi realizada considerando as coleções de Geografia aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2014 e adotados no 6º ano de ensino fundamental no município de Maricá, localizado no estado do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada no desenvolvimento das análises, baseia-se na análise documental (Cellard, 2008) e na análise de conteúdo (Bardin, 1977). Seguindo a metodologia da análise de conteúdo, a pré-análise decorreu-se na escolha das coleções didáticas de Geografia, por meio de um levantamento com base no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a fim de conhecer quais os livros didáticos de Geografia são utilizados na rede municipal de Maricá. Após este levantamento identificou-se que na rede municipal de Maricá são adotadas seis coleções de vinte e quatro mais distribuídas no último PNLD. O conteúdo analisado nos LDs foram somente as imagens, onde empregou-se a concepção de paisagem proposta por Milton Santos, por ser mais abordada nos livros didáticos de Geografia e para auxiliar na leitura das imagens explorou-se o ponto de vista de Aparici (2006). Nas imagens analisadas, notou-se que nem sempre a paisagem é contemplada em sua diversidade, segundo a perspectiva de Milton Santos que ressaltou a importância de observar e ir além do visível. Neste contexto, verificou-se que as imagens apresentadas nos livros didáticos, pode motivar o aluno a questioná-la a partir de sua própria interpretação, relacionando a paisagem à sua realidade.</p>
--	-----------------------------	---	-----------------	-----------------	-------------	--	---

<p>As imagens na sala de aula: produção de conteúdo visual no ensino de História e Geografia local</p>	<p>ADRIAN A CRISTINA DE GODOY</p>	<p>UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2013</p>	<p>Ensino de História, Geografia Escolar, localidade, imagem, curtas de animação</p>	<p>A pesquisa envolve uma escola da Rede Pública Municipal de Ribeirão Preto-SP que participou de um Projeto denominado "Curtas de Animação", promovido pelo Núcleo de Cinema de Animação de Campinas-SP e financiado pelo Instituto Algar, no ano de 2010. Um dos produtos finais gerados nessa escola foi um curta de animação de quatro minutos e onze segundos de duração. O referido projeto teve duas fases. A primeira incluiu vários alunos do Ensino Fundamental que foram envolvidos por pesquisas e aulas sobre a localidade. Aspectos históricos, culturais e relacionados ao meio ambiente foram priorizados. Na segunda fase, participaram treze alunos e a primeira autora deste trabalho (que atuava como professora de História na escola). Junto com a equipe do Núcleo de Cinema de Campinas, esse grupo iniciou um processo de produção de um curta de animação denominado pelos alunos como Ribeirão Preto - terra do café. A pesquisa foca no contexto do estudo da imagem e da produção imagética feita pelos próprios alunos no Projeto. As questões principais são: Como a leitura e a produção de material imagético pelos alunos podem colaborar (ou não) com o aprendizado e o interesse pelo estudo da História e Geografia local? Passado o tempo da realização do projeto, o que ficou do conhecimento de História e Geografia da localidade para os alunos participantes? A pesquisa busca estudar como a produção de material pelos alunos pode colaborar na aprendizagem de conhecimentos da História e Geografia local, possibilitada pelo Projeto "Curtas de Animação", além de descrever e compreender todas as etapas do processo de produção do curta de animação, analisar, sob a ótica dos alunos, quais os impactos na aprendizagem dos conhecimentos de História e Geografia local e compreender as habilidades na leitura de imagens diversas. O referencial teórico abrange tanto as pesquisas realizadas no âmbito do estudo das imagens como as pesquisas relativas ao seu uso no ensino de História e Geografia. Três questionários abrangendo as três fases do processo de produção do curta de animação foram aplicados a quatro alunos participantes do Projeto. O resultado dos mesmos é analisado à luz das referências, com foco na questão do Ensino de História e Geografia local. A imagem faculta a percepção do espaço em suas mudanças e permanências, semelhanças e diferenças, tendo em vista seu uso para o estudo da localidade. No entanto os livros didáticos não viabilizam este uso, devido ao fato de estamparem representações de espaços, muitas vezes, distantes da realidade do aluno, principalmente daquele que não vive nos grandes centros urbanos. Os resultados obtidos procuram apontar para uma abordagem da questão das imagens no Ensino de História e Geografia, passando pelo pensar sobre a imagem, por si, e pelo caminho percorrido pelo seu uso e assimilação como documento histórico e das representações da paisagem geográfica, assim como da sua produção em sala de aula.</p>
--	-----------------------------------	----------------------------------	-----------------	-----------------	-------------	--	--

<p>As representações de um grupo de professores do ensino fundamental acerca da Lei 10.639/03</p>	<p>Maria Cristina Rodrigues Gomes</p>	<p>Universidade do Estado de Minas Gerais</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2014</p>	<p>representações sociais, Lei 10.639/03, História e Cultura afro brasileira, professores, educação bás</p> <p>Esta dissertação teve como escopo o estudo da Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira na educação básica no Brasil. A análise teve como objetivo investigar se o proposto por essa lei está se constituindo em simbologias capazes de modelarem as representações dos docentes responsáveis pela sua aplicação, como valores norteadores de suas práticas pedagógicas. Embora a investigação não tivesse por objetivo a análise documental da instituição, como o Projeto Político Pedagógico, utilizou-se desse expediente como forma de apreender os discursos produzidos na escola. Usou-se como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais de Moscovici com o objetivo de captar a representação como pensamento constituído ou campo estruturado. Nessa perspectiva, as análises visaram apreender e descrever os conteúdos constitutivos das representações: as informações, imagens, opiniões, crenças etc., relacionado-as com o contexto social em que se dá a produção desses conteúdos. Definiu-se como contexto social e cultural além das trajetórias pessoais dos docentes o período inaugurado com a reorganização do Movimento Negro em 1978 até a promulgação da Lei 10.639 em 2003. Assim, buscou-se como uma dimensão explicativa para o processo de efetivação da Lei a construção das subjetividades docentes. Utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, de modo a aprofundar o fenômeno pesquisado. Para tanto, a investigação centrou-se em um estudo de caso em uma escola da rede municipal de Contagem. Foi realizado com três professores, sendo dois de História e um de Geografia. Para a coleta de dados utilizaram-se de procedimentos tais como: entrevista semiestruturada, diário de bordo e observação participante. O enraizamento da Lei sem muitas tensões pelo corpo docente se deve a um perfil moldado pelas trajetórias pessoais, as quais se configuram como espaços socializadores decisivos e determinantes na receptividade da Lei. Já a trajetória escolar, também entendida como espaço socializador, não disponibilizou, sobretudo na graduação, simbologias positivas para o enraizamento da Lei, pois sequer foram ofertadas disciplinas curriculares acerca do racismo ou diversidade cultural. Apurou-se que para os docentes o contato com o debate racial se deu, sobretudo, na atuação profissional. Assim, acredita-se que o docente antes de ser uma forma a ser preenchida, necessita ser pensado em sua subjetividade que pode ou não abrir-se ao novo. Nesta perspectiva sugere-se que os cursos de formação inicial e continuada considerem essa dimensão da formação docente.</p>
---	---------------------------------------	---	-----------------	-----------------	-------------	--

MULTILETRAMENTOS E LEITURA DE MAPAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	JÉFERSON MUNIZ ALVES GRACIOLI	UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO	Educação	Mestrado	2017	Multiletramentos. Leitura de mapas. Ensino de Geografia	<p>Ao longo da história, a sociedade permeia constantes adaptações e mudanças nos formatos de leitura e produção de textos. Tais mudanças, ao encontro com as novas tecnologias digitais de informação e comunicação, manifestam-se na construção dos múltiplos letramentos (digital, científico, acadêmico, entre outros) com a possibilidade de inovação a metodologias e práticas pedagógicas integradas ao ambiente educacional. Esta pesquisa se insere no contexto das práticas de ensino de cartografia advindo da incorporação de recursos tecnológicos. Acredita-se que, a ciência geográfica e, especificamente, a cartografia corrobora para a apropriação dos multimodais (vídeos, imagens, áudios, etc) no processo de ensino e aprendizagem. Visto que o uso dos recursos tecnológicos está cada vez mais frequente nos diferentes contextos da sociedade, a linguagem cartográfica torna-se importante na construção crítica e consciente dos questionamentos e realidades contemporâneas. Neste cenário de abordagem das múltiplas linguagens associadas aos seus contextos sociais (ROJO, 2009; 2012; SOARES, 2002; 2006), apresenta-se também a pedagogia dos multiletramentos dos pesquisadores do The New London Group (1996), com uma abordagem metodológica descritivista. Esta pesquisa baseou-se nas análises de experiências desenvolvidas com 25 alunos do 8º ano do ensino público de Uberaba, sendo fundamental a representação do ensino de cartografia para além das simples técnicas ou reproduções dos conteúdos, de modo que contribua com a formação dos estudantes direcionados as reflexões e incorporações das questões sociais no estudo de geografia (CASTROGIOVANNI, 2000). Portanto, os resultados da pesquisa fomentam no desenvolvimento com a proximidade de leituras multimodais, tais como a criação colaborativa de mapas digitais e impressos, a participação crítica nos debates em sala e a possibilidade de diferentes vertentes para trabalhar com a integração das tecnologias no ensino de cartografia. Por fim, configura-se a criação de um Protótipo integrado as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), para possibilitar um auxílio aos professores nas aulas de cartografia.</p>
--	-------------------------------	---	----------	----------	------	---	--

<p>TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DA PAISAGEM GEOGRÁFICA</p>	<p>FERNAN DA SEBAJE COI</p>	<p>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul - Rio-Grandense</p>	<p>Educação e Tecnologia</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Tecnologias de Informação e Comunicação; Educação; Ensino de Geografia; Paisagem Geográfica; Educação Ambiental</p> <p>Os recursos tecnológicos pelos quais perpassam a sociedade contemporânea têm influenciado os modos de bem viver do ser humano. As mudanças oriundas deste processo podem ser observadas nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive no meio educacional. À vista disso, as práticas pedagógicas empregadas até então devem ser repensadas, a fim de melhor atender ao cidadão do século XXI. Neste contexto, tem-se criado expectativas e possibilidades para a educação escolar. A Educação Ambiental - enquanto um dos temas transversais aludidos na escola - pode contribuir significativamente na formação de uma sociedade mais consciente, responsável e sensível para com o meio ambiente. A presente pesquisa tem por objetivo analisar como as Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC's podem contribuir com a prática dos estudos da paisagem geográfica, bem como estimular, a partir do estudo do meio, a percepção ambiental. Participaram do estudo alunos de uma turma do 6º ano do ensino fundamental da EMEF Antônio Joaquim Dias, localizada na cidade de Pelotas/RS. O referencial teórico consiste na apresentação do ensino da Geografia escolar, das TIC's na educação e no ensino da Geografia, tal como o referencial relativo à educação ambiental como tema transversal no ensino da disciplina. Para tanto, tomei como base teórico-metodológica a perspectiva fenomenológico-hermenêutica, numa proposta de cunho qualitativo. Estabeleci, assim, a pesquisa-ação como estratégia para coleta de dados e utilizei a observação participante, entrevistas semiestruturadas em forma de conversas, fotografias e registros como tópicos de análise. Os dados foram coletados durante as aulas de Geografia da turma. Foram, pois, observadas as experiências dos participantes com o uso das TIC's (celulares com fotografias digitais, imagens aéreas e o Software Google Earth). A aplicação das atividades foi mediada pela metodologia do estudo do meio e as análises feitas com base no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), a partir de três categorias, sejam elas: a) DSC – O lixo como problema ambiental; b) DSC – Cuidado com o meio ambiente e c) DSC – Atividades no ensino da Geografia. Os resultados apontaram que utilizar as TIC's como recursos didáticos podem auxiliar na aprendizagem do ensino da Geografia e estimular a percepção ambiental. No que diz respeito ao estudo da paisagem geográfica, verifiquei que os estudantes compreenderam que os seres humanos que criam o próprio espaço, o meio em que se vive.</p>
---	-----------------------------	--	------------------------------	-----------------	-------------	---

BRINCAR E INVESTIGAR FENÔMENOS COM ÁGUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	KARINA LUIZA DA SILVA FERNAN DES	Universidade Estadual de Campinas	Educação	Mestrado	2018	Educação Infantil. Brincadeira. Ensino de Ciências. Ensino por Investigação. Água.	criança e o desenvolvimento de propostas educativas através da interação e brincadeiras. Ao mesmo tempo, pode-se iniciar processos de exploração de fenômenos das mais diversas naturezas, estimulando gradualmente a aquisição da linguagem e a compreensão do funcionamento do mundo natural e social. Contudo, as políticas curriculares e os programas oficiais de melhoria da educação escolar voltada para a infância têm privilegiado o letramento em língua materna e matemática, em detrimento de abordagens interdisciplinares com participação de várias áreas de conhecimento, como ciências da natureza, história, geografia, arte entre outras. Nesse contexto, esta pesquisa buscou oportunizar o desenvolvimento sociocognitivo de crianças da educação infantil, tendo por objetivo elaborar, desenvolver e avaliar um conjunto de atividades envolvendo a exploração de fenômenos com água de modo lúdico, investigativo e interdisciplinar. Buscamos tratar o seguinte problema de pesquisa: qual a potencialidade de brincadeiras e de explorações de fenômenos com água para o desenvolvimento sociocognitivo de crianças da educação infantil? O trabalho foi realizado com 30 crianças de 3 a 5 anos, de uma escola pública da Rede Municipal da cidade de Campinas. Consistiu em uma pesquisa de natureza interventiva, em que a professora-pesquisadora interfere propositalmente nas práticas pedagógicas realizadas com um grupo de crianças. A sequência de ensino envolveu diferentes fenômenos relacionados à água (flutuação, fontes e usos da água, ciclo da água, filtração entre outros) e foi planejada gradualmente ao longo do processo, levando em consideração os interesses e resultados que as crianças foram manifestando no decorrer do trabalho. Dessa forma, a abordagem do tópico água aconteceu de modo a integrar diferentes áreas de conhecimento e em perspectiva múltipla (social, cultural e histórica). Através de uma situação fictícia iniciamos o projeto de ensino, que envolveu a exploração de objetos na água, brincadeiras e o incentivo a pensar sobre o ambiente e a água, bem como sobre a água e nossa relação com este elemento em diferentes épocas. Tais propostas aconteceram por meio de rodas de conversa, leituras, desenhos, atividades experimentais exploratórias e investigativas, imagens, música, escrita coletiva e comunicação com a comunidade escolar. Os dados foram coletados por intermédio de diário de campo, filmagem, fotografia e desenhos elaborados pelas crianças. Elencamos enquanto categorias de análise a “brincadeira”, o “conhecimento” e a “interação/mediação” a partir das explorações sobre fenômenos com água. Consideramos que as atividades desenvolvidas favoreceram: a argumentação das crianças; a interação criança criança e crianças-professora; situações lúdicas, de brincadeira, em que notamos o envolvimento interessado e curioso das crianças; a investigação, a imaginação, a imitação e a construção de conhecimentos/capacidades como levantar hipóteses, observar, classificar, comunicar, investigar, ouvir, além de preconceitualizações sobre os fenômenos estudados. Numa perspectiva interdisciplinar, as
--	---	---	----------	----------	------	---	---

<p>REPRESENTAÇÕES FOTOGRAFICAS DE RELEVO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DE SEXTO ANO</p>	<p>LARISSA ANJOS SANTOS</p>	<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2020</p>	<p>Fotografias. Livro Didático. Educação Geográfica</p>	<p>A presente dissertação propõe realizar, a partir do olhar em um livro didático de Geografia do sexto ano do ensino fundamental, leitura outras das fotografias das paisagens que possuem o relevo como componente central. O livro adotado para análise foi o mais escolhido e utilizado pelas escolas públicas da rede municipal de ensino de Florianópolis/SC no PNLD de 2020. Esta investigação se inscreve em um contexto que compreende as imagens como produtoras e reprodutoras de significados e discursos que são validados a partir de relações de poder. Além disso, relaciona os conceitos de paisagem e relevo em uma perspectiva cultural que abrange e relaciona tais temas buscando, portanto, análises que fujam de leituras superficiais das fotografias de relevo. Para tal, a pesquisa possui como objetivo geral compreender como as fotografias presentes nos livros didáticos de Geografia de sexto ano criam representações sobre as paisagens que possuem o relevo como componente a ser observado e analisado. Nesse sentido procuro explorá-las a partir de três dimensões de análises: o suporte, o entorno linguístico e a composição. Entre uma série de associações e conexões estabelecidas a partir de leituras e análises, argumenta-se que os livros didáticos segmentam os seus conteúdos numa estrutura linear e hierárquica. As fotografias de relevo, mesmo presentes em todo o livro, destacam-se em momentos específicos com discussões próprias. Partindo dessa perspectiva tracei três focos de análises: o capítulo destinado à discussão das paisagens, outro destinado ao relevo como categoria geográfica e, por fim, o capítulo que busca estabelecer relações entre os aspectos físico-naturais e a sociedade. Ao observar e analisar as fotografias presentes nesses capítulos foi possível perceber um padrão que assemelha as imagens a partir de suas características estéticas, simbólicas e discursivas. Além disso, nota-se que os livros didáticos no mundo contemporâneo apresentam um imperativo das imagens em suas páginas. Contudo, estas ainda são dispostas como coadjuvantes no processo de aprendizagem, pois na maioria dos casos estão inseridas para fins de representação e comprovação do escrito. Acreditando que as imagens podem ser utilizadas como potência formativa e compreendendo o relevo como um agente político atuante nas sociedades, procuro com essa pesquisa trazer inquietações que auxiliem no fazer docente e que instiguem outras pesquisadoras e pesquisadores a pensar e movimentar as imagens de relevo como potência discursiva.</p>
--	-------------------------------------	---	-----------------	-----------------	-------------	---	---

<p>A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM ÁREAS VERDES URBANAS NA CIDADE DE CURITIBA: POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL</p>	<p>CYNTIA THAÍS DA SILVA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2020</p>	<p>Corpo. Experiência. Educação da atenção. Estudos móveis. Fenomenologia</p>	<p>A presente pesquisa visa analisar a natureza da experiência estética com as áreas verdes no ambiente urbano e o papel da educação ambiental e da escola no favorecimento desse processo. A partir disso, objetivou-se investigar as respostas sensoriais dos estudantes de uma escola pública de ensino básico em Curitiba, quando em contato com as áreas verdes e o potencial pedagógico da experiência estética para a educação ambiental. A experiência estética é aqui entendida como a dimensão sensível, sensorial, afetiva e perceptual da experiência humana, ou seja, as relações com o nosso ser-estar no mundo. Diante do exposto, formulamos a seguinte questão de pesquisa: "que emoções, sensações e afetividades são provocadas nos estudantes ao estarem em contato com e na natureza? O contato dos estudantes com e nas áreas verdes, do entorno escolar e da cidade, contribuem para a formação do sujeito ecológico?". São conceitos norteadores na compreensão de tais relações: a percepção, na perspectiva assumida por Merleau Ponty e o movimento, baseado em Timothy Ingold, autores com uma abordagem fenomenológica que defendem a superação dos dualismos cartesianos e dos referenciais antropocêntricos. A pesquisa foi realizada, durante o ano letivo de 2019, com os estudantes da 1ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, situado na cidade de Curitiba, no bairro Sítio Cercado. O estudo foi desenvolvido como um projeto nas aulas de Geografia e dentre os 33 estudantes que frequentavam regularmente as aulas, 20 aceitaram o convite para participar da pesquisa juntamente com a professora da turma. Na busca por uma coerência entre o referencial teórico adotado e a metodologia a ser aplicada, foram utilizadas as seguintes técnicas de coletas de dados: a observação participante, questionário, walking ethnography (etnografia em movimento). A pesquisa se desenvolveu em três etapas, todas elas associadas à observação participante. Na primeira etapa foi aplicado o questionário, realizada uma aula em sala e a caminhada pelo bairro; na segunda etapa, o walking ethnography no Jardim Botânico de Curitiba; na terceira etapa, a entrevista em movimento com a professora da turma. Os dados coletados são apresentados em ordem cronológica em forma de quadros, imagens e narrativas, seguidos por uma análise interpretativa. Os resultados obtidos a partir do questionário demonstraram como os referenciais antropocêntricos e duais estão presentes no imaginário coletivo e perpassam a relação ser humano-natureza. As respostas afetivas presenciadas (vivenciadas) durante as caminhadas propiciaram a compreensão de que esse tipo de experiência possibilita a vivência sensorial com o ambiente e a construção de valores, bem como do sentido de pertencimento. A pesquisa evidencia a necessidade de se considerar os seres não humanos (ou mais que humanos) como sujeitos do processo educativo e ressalta a necessidade de considerar os aspectos sensíveis no processo educacional (aprendizado corporal).</p>
--	------------------------------	---------------------------------------	-----------------	-----------------	-------------	---	---

<p>Cinema, geografia e currículos: sentidos possíveis em torno dos filmes 'La Noire de...' e 'Que horas ela volta?' e a tessitura de 'conhecimentossignificações'</p>	<p>Marcelo Ferreira Machado</p>	<p>Universidade do Estado do Rio de Janeiro</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Cinema. Geografia. Currículos. Redes educativas. Cotidianos escolares.</p>	<p>Desenvolvemos uma pesquisa que traz 'conversas' entre o cinema e a geografia, no campo da educação e dos processos formativos de 'praticantespensantes' no ensino médio brasileiro. O trabalho consiste numa interface entre esses três campos – Educação, Geografia e Cinema - e nas contribuições em que o pensar e o ativar processos curriculares proporcionam 'conversas' entre professor e estudantes em uma escola da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro em relação ao trabalho feminino em 'espaçostempos' diferenciados. Buscou-se pensar e analisar dois filmes pré-selecionados: 'La Noire de...' (Ousmane Sembene, Senegal, 1966) e 'Que horas ela volta?' (Anna Muylart, Brasil, 2015). Através da seleção de momentos marcantes das obras que foram mostrados e acerca do qual conversamos, buscando tecer 'conhecimentossignificações' acerca de aproximações e distanciamentos possíveis entre o trabalho feminino nos dois filmes. Usamos rodas de 'conversas' como locus de acumulação do material de pesquisa, acreditando que os longa metragem fomentam a discussão dos temas abordados, trazem memórias de experiências vividas ou conhecidas à tona e aguçam o senso crítico dos estudantes envolvidos. Apoiamo nos em pensamento de Deleuze de que o cinema é uma potência do real e, portanto, contribui para refletirmos os aspectos da sociedade em que vivemos. Com apoio, também, em pesquisas de Certeau, entendemos que este trabalho está inserido no campo das pesquisas com os cotidianos. Pedimos, também, ajuda ao conceito de 'paisagem' na geografia para trabalharmos com a importância de imagens nos 'espaçostempos' escolares e a força que possuem na tessitura das redes educativas que se estabelecem e se entrelaçam nos tantos 'dentrofora' dos cotidianos escolares</p>
<p>ENSINO DE GEOGRAFIA E CRISE AMBIENTAL: REPRESENTAÇÕES DAS ÁGUAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PNLD - 2014)</p>	<p>MARIANA RECCO CANCELIER</p>	<p>Universidade do Extremo Sul Catarinense</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2015</p>	<p>Crise Ambiental. Água. Geografia. Ensino Fundamental.</p>	<p>O problema com a poluição das águas é mundial, mas não precisamos nos deslocar muito para perceber que na região de Criciúma, mais precisamente na Região Carbonífera, esse problema é grave. Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar como a disciplina de geografia, através do livro didático do 6º ano do ensino fundamental (PNLD 2014), aborda conceitualmente educação ambiental, rios e bacia hidrográfica considerando a realidade do aluno, problematizando o pensamento geográfico disseminado na educação brasileira. Utilizando do aporte teórico de Capra (1996) com o conceito de "Ecologia Rasa" e "Ecologia Profunda", Gadotti (2000) Ecopedagogia e (Capra, 2000) Ecoalfabetização, entre outros, o estudo aponta um breve levantamento histórico sobre a disciplina de geografia no contexto educacional e as novas perspectivas para a educação ambiental, consequentemente a preservação dos rios. Os livros didáticos foram nosso objeto de pesquisa, sendo que as quatro maiores coleções em número de exemplares distribuídos no PNLD 2014, sendo estas: Projeto Araribá; Expedições Geográficas; Projeto Telaris e Para Viver Juntos. A análise do livro foi realizada considerando a fundamentação teórica e norteada por um fichamento bibliográfico, considerando pontos de observação como as concepções de natureza explicitada nos capítulos, especialmente nos destinados a temática água/bacia hidrográfica; análise de imagens presente no decorrer do livro que envolvem a temática água/bacia hidrográfica e as atividades propostas. A partir do conjunto destes estudos e análises foi possível perceber que o livro didático, sendo neste trabalho considerado documento histórico, em sua maioria cristalizam o pensamento antropocêntrico e consideram a degradação ambiental como ações pontuais e destituídas de uma motivação/caracterização histórica maior.</p>

<p>UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS: O USO DAS IMAGENS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA</p>	<p>STEALE CRISTINA CORRÊA</p>	<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2020</p>	<p>Imagens de Satélites. Mapas. Mapas Mentais. Trabalho de Campo.</p>	<p>Desenvolvi essa pesquisa pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UEDESC) na linha de Políticas Educacionais, Ensino e Formação. Tendo como objetivo geral analisar como as imagens podem ser utilizadas na escola, estabelecendo reflexões acerca de seu uso e de sua relação com os objetivos do ensino de Geografia. Para tanto, foram construídas atividades a partir do uso de imagens, desdobrando-se nos seguintes objetivos específicos: a) Analisar a importância do entendimento do conceito de lugar para compreensão das diferentes espacializações; b) Identificar como o trabalho de campo pode contribuir como elemento para construção de mapas mentais; c) Organizar uma Sequência Didática para o sexto ano do ensino fundamental, com o uso das imagens de satélite e a produção de mapas mentais com propósito de promover a reflexão de fenômenos e processos geográficos em escala local e global. As atividades propostas visam enriquecer e desenvolver nos estudantes a capacidade de compreender fenômenos e processos geográficos, em escala global e local (espaço vivido), a partir de leituras e interpretações de imagens de satélite, mapas e de outros recursos utilizados nas aulas. Neste sentido, foram constatados que o uso de mapas e imagens são ferramentas interessantes para explicar os conteúdos trabalhados na educação básica. Por esta razão espera-se que este estudo tenha problematizado a temática, ao passo de afirmar que todos têm a capacidade para aprender quando o ensino ofertado considera as potencialidades e as características de cada um e, principalmente, quando o estudante é instigado a acreditar e confiar no seu potencial.</p>
<p>DIVERSIDADE CULTURAL & EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O ENSINO DE GEOGRAFIA PELOS LIVROS DIDÁTICOS</p>	<p>SUELEN SANTOS MAURICIO</p>	<p>Universidade do Estado de Santa Catarina</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2018</p>	<p>Diversidade Cultural. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia. Estudos Culturais. Livro didático</p>	<p>A dissertação desenvolvida busca identificar se a Diversidade Cultural está sendo abordada, e de que modo, nos livros didáticos de Geografia para a Educação de Jovens e Adultos. Com este intuito, ancorou-me na abordagem dos Estudos Culturais, uma perspectiva pós-estruturalista para a compreensão da categoria Cultura e Diversidade Cultural. A partir da metodologia queer, ou seja, com a promoção de estranhamento e desnaturalização dos conceitos, textos, imagens, mapas e gráficos, é possível verificar se as categorias em questão são trabalhadas pelos materiais pesquisados na mesma perspectiva deste trabalho e também de que modo a Diversidade Cultural é abordada pelas diferentes linguagens presentes no livro didático. Utilizei três coleções de diferentes editoras, cedidas pela Secretaria de Educação do município de Florianópolis, que foram aprovadas e distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático – 2014. Entre as diversas considerações e pensamentos que surgiram com esta pesquisa, posso destacar uma ideia presente e unânime de Cultura e Diversidade Cultural enquanto características genéricas estáticas, imóveis possuídas por grupos étnicos. Diferente desta concepção acredito que cultura é uma instância instável que é construída e desconstruída cotidianamente por todo sujeito. A Diversidade Cultural por sua vez, é um fenômeno humano, ligado ao processo de construção e desconstrução cultural que todo sujeito agencia em seu cotidiano. A possibilidade de ver-se e refletir-se na cultura enquanto agente ativo no mundo não foi identificada nas coleções analisadas, entretanto pude encontrar a valorização das diferenças de cor de pele, sexo e origem, além da presença de textos e imagens majoritariamente de autores e artistas brasileiros e brasileiras.</p>

<p>A utilização das ferramentas da plataforma <i>Moodle</i>: pelos professores, tutores e alunos de Geografia licenciatura a distância da UFAL</p>	<p>Ana Paula Lopes de Souza</p>	<p>Universidade Federal de Alagoas</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2017</p>	<p>Educação a distância. Moodle. Ferramentas</p>	<p>A Educação a Distância conta com a criação e implantação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem-AVAS, o qual fornece à educação novos desafios, que permitem aos alunos e os professores/tutores inserirem-se na era digital para usufruir das ferramentas virtuais. Diante desta realidade, este trabalho buscou apresentar a seguinte questão: quais as expectativas, avanços e desafios dos professores, tutores e alunos do Curso de Geografia Licenciatura a distância da UFAL/UFAL, ao utilizarem as ferramentas do Moodle. Desse modo, analisamos como sujeitos utilizaram as ferramentas do Moodle nos processos de ensino e aprendizagem. Como procedimentos metodológicos, utilizamos, inicialmente, levantamentos bibliográficos em seguida, realizamos entrevistas semiestruturadas e questionário com nove (09) professores, quatro (04) tutores online e cinco (05) tutores presenciais. Aplicamos questionário com 44 alunos dos polos: Maceió, Arapiraca e Palmeira dos Índios. Foram analisados os dados referentes aos semestres de 2014.2 a 2015.1 nas disciplinas finalizadas. Realizamos a coleta de dados, criação de gráficos, análises e a elaboração de tabelas com as descrições das categorias e subcategorias analisadas. No referencial teórico, revisamos a Educação a Distância no Brasil, a Universidade Aberta do Brasil - UAB, para compreender os percursos da EAD na UFAL, a Formação de Professores de Geografia na modalidade a distância, o Projeto Político Pedagógico - PPP do curso de Geografia a Distância, no intuito de conhecermos as ferramentas virtuais contidas e as utilizadas pelos professores como usuários e como instrumentos de ensino nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. A contribuição desse trabalho de maneira geral, favoreceu aos sujeitos da pesquisa uma utilização adequada das ferramentas da plataforma Moodle, em particular no contexto da graduação em Geografia Licenciatura EAD da UFAL. De acordo com os dados coletados e analisados (fornecidos pelos tutores, professores e alunos), concluímos que foram constatados alguns avanços: aprendizagem autônoma referente à utilização de algumas ferramentas virtuais; clara compreensão quanto a sua finalidade; grande praticidade que as ferramentas possuem ao serem utilizadas nas atividades disponibilizadas; tempo e usabilidade tornaram mais simples e fácil o manuseio do Moodle e das ferramentas; interação pelas experiências com outras plataformas e com meios informatizados. Como resultado das análises dos dados, temos que quatro professores apresentaram dificuldades diferentes: um/a professor/a relatou ter pouco domínio das ferramentas virtuais; outro/a afirmou ter dificuldades em adaptar suas aulas e atividades por meio dessas ferramentas; outro/a relatou não ter conseguido inserir vídeos no ambiente com extensão longa. Quatro tutores relataram como desafios o ato de manter e desenvolver interatividade de forma contínua no Moodle e de criar nos alunos a cultura de acessar e manusear o Moodle e suas ferramentas diariamente. Já alguns alunos relataram como desafios: inabilidades na área de informática, tecnologias, por não conseguirem inserir imagens e acompanhar as interações na ferramenta Chat. Desse modo, podemos afirmar que o interesse, a motivação e a disponibilidade de tempo para se aperfeiçoar e aprender a acessar e manusear as ferramentas disponibilizadas no AVAIMOODLE se fazem necessários para mudar esse cenário, em razão de a sociedade cada vez mais ansiar pela busca e aprimoramento de novos conhecimentos tecnológicos.</p>
<p>EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E GEOTECNOLOGIAS: construindo estratégias à compreensão de Lugar no Ensino Fundamental</p>	<p>Inaiá Brandão Pereira</p>	<p>Universidade do Estado da Bahia</p>	<p>Educação</p>	<p>Mestrado</p>	<p>2015</p>	<p>Educação Geográfica. Geotecnologias. Compreensão do Lugar</p>	<p>Os estudos referentes à construção e reflexão das práticas da geografia escolar estão ganhando cada vez mais notoriedade e espaço no meio acadêmico, principalmente quando se referem ao Ensino Fundamental. Dentre as diversas discussões, encontram-se ações em busca de uma concepção de Educação Geográfica, baseada na valorização das experiências dos sujeitos à elaboração de um olhar geográfico sobre as dinâmicas socioespaciais. Este fato coloca em destaque a valorização do Lugar como proposição basilar para a composição de estratégias e práticas a estruturação de um conhecimento geográfico. Neste contexto, é crescente também, os estudos sobre as Geotecnologias na articulação de práticas de ensino, destacando suas potencialidades ao entendimento das dinâmicas socioespaciais. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como os princípios geotecnológicos articulados a construção de estratégias de ensino, no desenvolvimento do Projeto Kimeria: cidades imaginárias, podem possibilitar o entendimento do Lugar a potencialização da Educação Geográfica junto aos estudantes do 5º e 4º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública de Salvador/BA Escola Alvaro da Franca Rocha Para isso, os pressupostos metodológicos perpassam pelos aspectos da pesquisa qualitativa, subsidiados pela Pesquisa Participante, no qual destacamos a peculiaridade dos processos de colaboração que a constitui. Assim, os processos que resultam dessa pesquisa, são expressados nos encontros formativos com os estudantes, assim como nas dinâmicas na rede de ações junto à escola, no contexto de desenvolvimento do jogo-simulador e nas demais atividades do projeto Kimeria, os quais possibilitaram a construção de estratégias articuladas com as potencialidades das geotecnologias e seus princípios (a exemplo de mapas mentais, roteiros, imagens de satélites, jogos-simuladores mapas, etc.), constituindo um entrelaçamento entre as discussões teóricas e a prática, ampliando os conceitos e as redes de interlocução dessa proposta de pesquisa. A partir dessas proposições, construíram-se possibilidades em busca de outras perspectivas a Educação Geográfica, bem como as potencialidades das geotecnologias nesse processo.</p>